

**A**

868,763

PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*

1817



---

ARTES SCIENTIA VERITAS

---





Oferta ao Sr. M. de Silveira

em 31/3/22



# LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRITORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

VI

---

**BOGAGE**

I

---

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 4.

---



MANOEL MARIA  
DE BARRETO  
**DU BOUCAGE**

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS  
UM JUIZO CRITICO  
APRECIACÖES DE BELLEZAS E DEFEITOS  
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

**JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA**

—  
**TOMO PRIMEIRO**  
—

**RIO DE JANEIRO**

**LIVRARIA DE B. L. GARNIER; EDITOR**

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — AUG. DURAND, EDITOR, RUA CUJAS, 9

—  
1867

Ficão reservados todos os direitos de propriedade.

369.8  
P665  
C315  
V.1

63-275388

# BOCAGE

---

## SONETOS

Incultas producções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, ó leitores!  
Vêde-as com mágoa, vêde-as com piedade,  
Que ellas buscão piedade, e não louvores;

Ponderai da fortuna a variedade  
Nos meus suspiros, lagrimas e amores :  
Notai dos males seus a immensidade,  
A curta duração dos seus favores ;

E se entre versos mil de sentimento  
Encontrardes alguns cuja apparencia  
Indique festival contentamento,

<sup>1</sup> Serviu-nos para estes extractos da 2ª edição do 1º tomo, da officina de Simão Thadeo Ferreira, 1800. Quando começarem os extractos do IIº volume faremos nova declaração.

Crêde, ó mortaes, que forão com violencia  
Escriptos pela mão do fingimento,  
Cantados pela voz da dependencia.

---

Chorosos versos meus descontentados,  
Sem arte, sem belleza e sem brandura,  
Urdidos pela mão da desventura,  
Pela baça tristeza envenenados :

Vêde a luz ! não busqueis, desesperados,  
No mudo esquecimento a sepultura :  
Se os ditos vos lerem sem ternura,  
Ler-vos-hão com ternura os desgraçados.

Não vos inspire, ó versos, cobardia  
Da satyra mordaz o furor louco,  
Da maldizente voz a tyrannia ;

Desculpa tendes, se valeis tão pouco,  
Que não pôde cantar com melodia  
Um peito de gemer cansado e rouco.

---

Já sobre o coche de ebano estrellado  
Deu meio gyro a noite escura e feia :

Que profundo silencio me rodêa  
N'este deserto bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas zephyro abafado,  
O Tejo. adormeceu na lisa arêa;  
Nem o mavioso rouxinol gorgêa,  
Nem pia o mocho, ás trevas costumado.

Só eu velo, só eu, pedindo á sorte,  
Que o fio, com que está minha alma presa  
A' vil materia languida, me corte.

Consola-me este horror, esta tristeza,  
Porque a meus olhos se afigura a morte  
No silencio total da natureza.

---

Mavorte, porque em perfida cilada  
O cruel moço aligero o ferira,  
Não faz caso da mãi, que chora e brada,  
Quer punir o traidor que lhe fugira.

Na sinistra o pavez, na dextra a espada,  
Nos igneos olhos fusilante a ira,  
Pula á negra carroça ensanguentada,  
Que Bellona infernal co' as furias tira.

Assim parte, assim vôa, eis que vê posto  
No collo de Marilia o Deos alado,  
No collo, aonde tem mimoso encosto :

LIVRARIA CLASSICA.

Já Marte arrojá as armas, e, aplacado,  
Diz, inclinando o formidavel rosto :  
*Valha-te, Amor, esse lugar. sagrado.*

---

Em sordida masmorra aferrolhado,  
De cadêas asperrimas cingido,  
Por ferozes contrarios perseguido,  
Por linguas impostoras criminado :

Os membros quasi nús, o aspecto honrado  
Por vil boca e vil mão roto e cuspidó,  
Sem ver um só mortal compadecido  
De seu funesto, rigoroso estado :

O penetrante, o barbaro instrumento  
De atroz, violenta, inevitavel morte  
Olhando já na mão do algoz cruento :

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,  
Inda assim tem prazer, socego, alento  
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

---

Olhos suaves, que em suaves dias  
Vi nos meus tantas vezes empregados,  
Vista, que sobre esta alma despedias  
Deleitosos farpões, no céo forjados ;

Sanctuarios de amor, luzes sombrias ;  
Olhos, olhos, da cor de meus cuidados,  
Que podeis inflamar as pedras frias,  
Animar os cadaveres mirrados ;

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,  
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,  
Cuja horrisona voz perturba os ares ;

Troquei-vos pelo mal que me suffoca ;  
Troquei-vos pelos ais, pelos pezares :  
O' cambio triste ! O' deploravel troca !

Qual novo Orestes, entre as furias brada,  
Infeliz que não crê no Omnipotente,  
Com systema sacrilego desmente  
A razão luminosa, a fé sagrada :

Tua barbara voz iguale ao nada  
O qué em todas as cousas tens presente :  
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente,  
Louve a mão contra os mãos do raio armada ;

Mas vê, blasphemo athêo, vê, monstro horrendo,  
Que a bruta opinião, que, cego, expressas,  
A si mesma se está contradizendo ;

Pois quando de negar um Deos não cessas,  
De tudo o inerte acaso autor fazendo,  
No Acaso, a teu pezar, um Deos confessas.

---

Perverso estragador da formosura,  
Alma corrupta, desleal, impia,  
Onde interesse, amor e aleivosia  
Jazem com feia e sordida mistura :

Os fructos que produz tua ternura,  
São (que assombro !) a vileza, a tyrannia :  
Sacrificas a tua idolatria  
Com tuas proprias mãos em ara impura.

Que bruto coração, que torpe amante  
Vende o seu gosto? Ah! misera belleza,  
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante :

Excedeu-se em formar-te a natureza :  
Divina te júlguei pelo semblante,  
Humana vejo que és pela fraqueza.

---



## ODE

AO SENHOR JOSÉ BRESSANE LEITE.

Euro, batendo as azas procellosas,  
O pelago entumece;  
Medonhos escarcéos de fôfa espuma  
    Às nuvens se arremessão :  
Do trovão, do fusil, o estrondo, o lume  
    Atrôa e cresta os ares,  
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos;  
    Lutão co' a vaga enorme  
Affrontados baixéis, no Tejo arfando :  
    Ao repellão frequente  
Resiste apenas a robusta amarra.  
    Oh! que terror sem<sup>mea</sup>êa  
O tumulto, que o mar e o céu revolve!  
    Lá negreja no occaso,  
De espectros ladeada, a noite horrenda!  
    Lá desce, lá caminha,  
E envolve manso e manso a natureza  
    No véo caliginoso.  
O crime velador, a audaz ternura  
    A saudão, risonhos :  
Ávida turba com silencio cauto  
    Meios e ardis traçando,  
Lhe espreita os passos, lhe calcula as horas,  
    A fragil posse anhela

D'esses idolos vãos — ouro! belleza! —  
 Tão fataes, tão queridos!  
 Oh! venturoso tu, que rodeado  
 De candidos prazeres,  
 Nos lares teus, nos lares da virtude,  
 Ora em extasis doce  
 Pendes do cysne, que as meandrias aguas  
 Ao sacro Tibre invejão,  
 Ora todo te dás ao som divino,  
 Às lyras milagrosas  
 Do meu Tionio, do atilado Eurindo,  
 De Leucacio fecundo,  
 Que, acesos despregando a estro as azas  
 Pelo ceruleo vacuo,  
 O sol transcendem, somem-se nos astros,  
 Do fado a nevoa rompem,  
 Mysterios sondão, maravilhas palpão:  
 Emquanto o zoilo inerte,  
 Cego ao rasto, ao fulgor, que pelos ares  
 \* O arduo vôo assignala,  
 Morde e remorde as viboras do seio,  
 Pragueja, brama, escuma,  
 A colera de Jove antes quizera,  
 E ir, despojado do raio,  
 Arder co' as furias, ulular no inferno,  
 Ouvir troar sumano,  
 Que soffrer o clarão da gloria alheia.  
 Feliz, feliz mil vezes,  
 Tu, meu Josino, que, á verdade affeito,  
 Nunca do eximio vate,

Do heróe, do sabio, o credito escassêas!  
 Não figuras, não sonhas  
 No merito dos mais o teu desdouro;  
 As paixões sobranceiro,  
 Ao jugo da razão vontade presa,  
 Do autor distingues o homem.  
 Se espirito fallaz co' a vil calúmnia  
 Ennevoar teus dias,  
 E se as musas de si lhe derem tanto,  
 Que emboque epica tuba,  
 Que o som da terna Illiada renove,  
 Dirás, dirás absorto :  
 Na voz, que me ferio, revive Homero.  
 Exemplo venerando!  
 Raros o seguem, se o prociamão todos;  
 Mas vive tu, Josino,  
 Vive co' a gloria, co' a perpetua gloria,  
 Que ao grave exemplo quadra!  
 Só com ella porém medrar teu nome :  
 Não deve entre os famosos;  
 Teu genio lide, esmere-se a tua alma  
 Na proyida cultura  
 Do monte Augusto : admirem-te os que admiras;  
 Sê mais fiel, mais grato  
 A's musas, que te querem, que te acenão,  
 Que os louros te cultivão,  
 Não temas, não fraquejes, vãa, e canta  
 Além do vulgo insano :  
 Estatuas e padrões consome o tempo,  
 Desaba o serro annoso,

Perece o ferro, o bronze, e versos vivem !  
Para cantar de amores  
Suave inspiração lá tens nos olhos,  
Nas ondadas madeixas,  
No riso ingenuo da louçã Ritalia,  
De Anarda encantadora :  
Para cantar de heróes, que á patria derão  
Não cuidadas victorias,  
De sangue, de suor, de pó manchados,  
Forçando o mar e a terra,  
Lê Camões, lê Camões, com elle a mente  
Fertilisa, afervora,  
Povôa, fortalece, apura, eleva ;  
Que o malfadado Elmano  
Em tosco domicilio onde o sopêo  
Carrancudas tristezas,  
Afaz o lutuoso pensamento  
Ao fantasma da morte,  
Mantem na solidão, no horror das trevas,  
Reflexões amargosas,  
E yê na confusão da natureza  
O quadro da sua alma.

---

**O LEÃO VENCIDO PELO HOMEM**

TRADUZIDO DE LAFONTAINE.

Póz-se em venda uma pintura,  
Onde estava figurado  
Leão de enorme estatura,  
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com gloria  
O painel; eis senão quando  
Um leão, que ia passando,  
Lhe diz : « É falsa a victoria.

Deveis o triumpho vosso  
A' ficção, blasonadores :  
Com mais razão fôra nosso,  
Se os leões fossem pintores. »

---

**A RAPOSA E AS UVAS**

TRADUZIDO DO MESMO.

Contão que certa raposa,  
Andando muito esfaimada,

Vio os, maduros cachos  
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trancaria,  
Mas, sem lhes poder chegar,  
Disse : « Estão verdes, não prestão,  
Só cães os podem tragar. »

Eis cahe uma parra, quando  
Proseguia o seu caminho,  
E crendo que era algum bago,  
Volta depressa o focinho.

---

## O DESENGANO

CANÇÃO.

Alma ferida e cega,  
Que em grilhões vergonhosos  
Adoras a mão impia, que te entrega  
A males tão crueis e tão perigosos,  
Como os que sentem no maldito Averno  
Os condemnados entre o lume eterno :

Alma cega, e perdida,  
Que a doce liberdade,

O gosto, as horas, o descanso, a vida  
 Consagra á maligna divindade,  
 Antes ao monstro que produz, que gera  
 Veneno inda peor que o de Megera :

Basta, faze em pedaços  
 (Porque a razão te grita),  
 Faze, que é tempo, esses indignos laços,  
 Essas cadêas vis : oh ! alma afflicta,  
 A virtude, a verdade, o céo te valha ;  
 Vence a terrível, infernal batalha !

Conhece o baixo objecto,  
 Que em triumpho te arrasta ;  
 Cuidas que um meigo, deleitoso aspecto  
 Para dourar os teus excessos basta ?  
 Cuidas que um bello riso, um ar benigno,  
 Filho da infamia, de ternura é digno ?

Que engano ! A formosura,  
 Sem modestia, sem pejo,  
 Tedio, tedio merece, e não ternura :  
 Eia, pois, de um frenetico desejo  
 Enfrêa, apaga os impetos, a chamma,  
 E lava a nodoa com que amor te infamma.

Que affronta ! Quê vileza !  
 Alma triste, alma escrava  
 De uma profana, sensual belleza,  
 De uns olhos falsos, d'onde amor te crava

Mil settas, cuja ponta aguda e forte  
 Hervou no opaco inferno a mão da morte.

Rasga o véo da cegueira  
 Fatal que te hallucina :  
 Observa a criminosa, a lisongeira,  
 Observa a loba má que te domina,  
 Vê setus dolosos beijos nacarados  
 Fartando peitos vis com vis agrados.

Contempla a desprezível :  
 De afagos nunca eseassa,  
 Sem pudor, para todos é sensível ;  
 Este chama, outro amima, aquelle abraça :  
 Eil-a com frouxos ais, húmidos beijos  
 Matando n'um minuto a mil desejos.

Olha aonde te abrasas :  
 Em torno d'ella o vicio  
 Bate as loçosas, peçonhentas azas,  
 E, qual submissa ovelha ao sacrificio,  
 Elle de Venus ao altar nefando  
 A leva pela mão de quando em quando.

As lagrimas, que viste  
 Na perfida que adoras,  
 São geraes ; os suspiros que lhe ouviste  
 Não são teus, são communs ; alegres horas  
 Como contigo, com mil outros passa :  
 Vê-lhe a baixeza, esquece-te da graça.



Por gosto, e por costume,  
 Não por domar a ardencia  
 Do teu negro, pestifero ciume,  
 Te sacrificas os teus rivaes nã ausencia,  
 Que, em favor das traições, com que trafica,  
 N'ausencia aos teus rivaes te sacrificas.

Ó alma! ó liberdade!  
 Eu vos sinto abaladas  
 Pelas vozes da rigida verdade:  
 Vossas cadêas, por amor forjadas,  
 Desejas sacudir... sim, já vos vejo  
 Olhar os ferros com horror, com pejo:

Estais já forcejando  
 Contra o peso insoffrivel,  
 Ó liberdade! ó alma! Estais bramando  
 Com ancia, com furor, crendo impossivel  
 Romper, despedaçar tão fixos laços  
 Sem o soccorro de celestes braços.

A fraca humanidade  
 Para tanto não basta,  
 Assim é; mas implorê-se a piedade  
 De um sacro velho, que os mortaes afasta  
 Do quasi inevitavel precipicio,  
 E ante quem treme o erro, e pasma o vicio.

Vai, pois, canção, procura o desengano:  
 Elle soccorre aquelles que o procurão,

Elle o balsamo dá, com que se curão  
As feridas que faz amor tyranno.

---

### SONETOS

Por terra jaz o emporio do Oriente,  
Que do rigido Affonso o ferro, o raio,  
Ao grão filho ganhou do grão Sabaio,  
Envergonhando o Deos armipotente.

Cahio Gôa, terror antigamente  
Do Naire vão, do perfido Malaio,  
De barbaras nações... ah! que desmaio  
Apaga o marcio ardor da lusa gente.

Oh! seculos de heróes! Dias de gloria!  
Varões excelsos, que, apezar da morte,  
Viveis na tradição, viveis na historia!

Albuquerque terrivel, Castro forte,  
Menezes, e outros mil, vossa memoria  
Vinga as injurias que nos faz a sorte!

Cesarões, Viriatos, Apimanos,  
Vós, que, brandindo vingadora espada,

Tentastes sacudir da patria amada  
O vil, o ferreo jugo dos Romanos :

Surgi, vede-a no sangue de tyrannos  
Inda peiores outra vez banhada,  
E a nossa liberdade edificada  
No estrago dos intrusos Castelhanos.

Aos senhores do mundo armipotentes  
Arrancastes em bellica porfia  
Parte do louro que lhe honrava as frentes :

Porém, com milagrosa valentia,  
Os vossos memoraveis descendentes  
Fizerão mais, livrarão-se n'um dia.

Marilia, se em teus olhos attentára  
Do estellifero solio reluzente,  
Ao vil mundo outra vez o omnipotente,  
O fulminante Jupiter baixára :

Se o Deos, que assanha as furias, te avistára  
As mãos de neve, o collo transparente,  
Suspirando por ti, do cháos ardente  
Surgira á luz do dia, e te roubára :

Se a ver-te de mais perto o sol deseêra,  
No aureo carro veloz dando-te assento,  
Até da esquiva Daphne se esquecêra :

E, se a força igualasse o pensamento,  
 Ó alma da minha alma, eu te offrecêra  
 Com ella a terra, o mar e o firmamento.

---

Olha, Marília, as flautas dos pastores  
 Que bem que soão, como estão cadentes!  
 Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
 Os zephyros brincar por entre as flôres?

Vê como alli, beijando-se, os amores  
 Incitão nossos osculos ardentes:  
 Eil-as de planta em planta as innocentes,  
 As vagas borboletas de mil côres:

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira:  
 Ora nas folhas a abelhinha pára,  
 Ora nos ares, susurrando, gyra.

Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
 Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,  
 Mais tristeza que a noite mê causára.

---

De ciumes Anfriso envenenado,  
 Á bella Nize um dia

« Entregame (dizia)  
A fita que te hei dado;  
Entregame o meu cão, e o meu cajado. »  
Ella, para aplacar-lhe os vãos furores,  
Meiga lhe respondeu : « Sobre estas flôres,  
Mais terno, que sisudo,  
Sem respeitar-me a candidez e o pejo,  
Tambem me dêste um beijo :  
Não quero nada teu, recebe tudo. »

---

**MADRIGAL TRADUZIDO**

Eu tinha pròmettido á minha amada  
Constancia até morrer, e esta promessa  
Foi no folha de um alamo gravada;  
Mas quebrou-se depressa :  
Ergueu-se um pé de vento,  
Adeos folha, e com ella o juramento!

---

**CANÇONETA BACCHICA**

PARA A MESA, IMPROVISADA.

Amor é fonte  
De riso e graça,  
Porém não passa  
De um só sabor :  
O doce Baccho  
Tempera amor.

Baccho entre o côro  
Das lindas Graças  
Exhaure as taças  
De almo elixir :  
D'um Deos o exemplo  
Cumpre seguir.

Descuida-se Jove  
Na olympica mesa,  
Da summa grandeza,  
Do eterno poder ;

Consente um sorriso  
Nos labios, que molha,  
E humano se antolha  
No gosto, no ser ;

A monotonia  
Dos bens, em que impera,  
O nectar lhe altera,  
Lhe faz esquecer :

O nectar que adoça  
Mortaes azedumes,  
Até entre os numes  
Matiza o prazer.  
Se Jupiter bebe,  
Não hei de eu beber?

De Baccho opulento  
Compõe-se o thesouro,  
De perolas, de ouro,  
Topasio, rubi.

Do nectar sentindo  
Nas fauces o travo,  
Miserrimo escravo  
Desdenha o Sofi.

Lustrosas chimeras  
Lhe vagão na mente,  
Do mundo é contente,  
Contente de si.

Amigos, libemos  
O pico sagrado.  
Tão mal condemnado  
Na seita de Ali.

Teimosos cuidados,  
Caterva importuna,  
Visões da fortuna,  
Deixai-nos! fugi!  
O nosso universo  
Não passa d'aqui.

Em torno a Baccho  
Susurra, adeja,  
Ri-se, graceja,  
Scintilla Amor.

Ao Deos Idalio  
Baccho é preciso,  
Dobra-lhe o riso,  
Lhe acende a côr.

Amor, ó Baccho,  
Tem por costume  
Juntar seu lume  
Com teu ardor.

Ambos se adorem  
Com igualdade,  
Tenha a vontade  
Mais de um senhor.  
Baccho triunphe,  
Triunphe amor.

---



## A ROSA

Tu, flôr de Venus,  
Corada rosa,  
Leda, fragrante,  
Pura, mimosa,

Tu, que envergonhas  
As outras flôres,  
Tens menos graça  
Que os meus amores.

Tanto ao diurno  
Sol coruscante  
Cede a nocturna  
Lua inconstante,

Quanto a Marilia  
Té na pureza  
Tu, que és o mimo  
Da natureza.

O buliçoso,  
Candido Amor,  
Pòz-lhe nas faces  
Mais viva còr ;

Tu tens agudos,  
Cruéis espinhos,  
Ella suaves,  
Brandos carinhos;

Tu não percebes  
Ternos desejos,  
Em vão Favonio  
Te dá mil beijos:

Marilia bella  
Sente, respira,  
Meus doces versos  
Ouve, e suspira.

A mãe das flôres,  
A primavera,  
Fica vaidosa  
Quando te gera,

Porém Marilia  
No mago riso  
Traz as delicias  
Do Paraiso.

Amor que diga  
Qual é mais bella,  
Qual é mais pura,  
Se tu, ou ella;

Que diga Venus...  
Ella ahi vem...  
Ai! Enganei-me,  
Que é o meu bem.

---

## SONETOS

Os milhões de aureos lustres coruscantes,  
Que estão da azul abobada pendendo,  
O sol, e a que illumina o throno horrendo  
D'essa, que amima os avidos amantes;

As vastissimas ondas arrogantes,  
Serras de espuma contra os céos erguendo,  
A leda fonte humilde o chão lambendo,  
Lourejando as seáras fluctuantes :

O vil mosquito, a provida formiga,  
A rama chocalheira, o tronco mudo,  
Tudo, que ha Deos a confessar me obriga :

E para crer n'um braço, autor de tudo,  
Que recompensa os bons, que os máos castiga,  
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

---

Em veneno lethifero nadando,  
 No roto peito o coração me arqueja,  
 E ante meus olhos, horrído, negreja  
 De mortaes afflicções espesso bando.

Por ti, Marilia, ardendo, e delirando  
 Entre as garras asperrimas da inveja,  
 Amaldição amor, que ri, e adeja  
 Pelos ares, co'os zephyros brincando :

Recrêa-se o traidor com meus clamores,  
 E meu cioso pranto... Ó Jove, ó Nume,  
 Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartareo lume,  
 Que para os que provocão teus furores  
 Tens inferno peor, tens o ciume

---

### O AMANTE E A BORBOLETA

Na solidão d'alta noite,  
 Que cços e terra enlutava,  
 Lauro em seu curto aposento  
 Ao somno os olhos negava.

Em mesa, d'onde esparzia  
 Candida vela o clarão,

Apoiava os frouxos braços,  
E a turva face na mão.

Tinha absorto o pensamento  
Nos motivos do seu mal,  
Nos desprezos de uma ingrata,  
Nas venturas de um rival.

De quando em quando arrancava  
Das entranhas vãos queixumes,  
Já pedindo a amor vingança,  
Já pedindo a morte aos Numes.

Leve borboleta, emtanto,  
Por entre os crebros suspiros,  
Junto do lume ondeante  
Vaguêa em rapidos gyros.

Eil-la de espaço em espaço  
Roçando a flamma luzente :  
Dóe-se, mas que evite o damno  
Cego instincto não consente.

Cevando o fatal desejo,  
Que á crua morte a conduz,  
Vai e vem, vòta e revòta,  
Embellizada na luz.

Susurro, qué faz co' as azas,  
Quando n'ella a simples cahe,

Os olhos amortecidos  
Do terno mancebo attrahe.

Olha o triste, e vê o effeito  
Da luminosa negaça;  
Contempla o crestado insecto,  
Que já languido esvoaça.

Dôr de o ver n'aquelle estado  
Lhe penetra o coração:  
Quem ama, franquêa o peito  
Facilmente á compaixão.

« Onde vás, louca, teimosa?  
(Grita-lhe elle) encolhe as azas,  
Torna em ti; não vês, não sentes  
Que te destróes, que te abrasas?»

« E tu com que jus (diz ella)  
Me increpas porque me mato?  
Ah! Se em teu siso estivesses,  
Viras em mim teu retrato.

Se te expões qual eu me exponho,  
Se no mesmo caso estás,  
Insano, porque não tomas  
O conselho que me dás?

Eu e tu victimas somos  
Da mais funesta loucura,

E esquecemos o perigo,  
Pasmados na formosura.

Ardes n'uns olhos que adoras;  
Eu n'esta luz que contemplo;  
Argue-te, ou não me arguas,  
Emmudece, ou dá-me exemplo.»

Proficua moralidade  
Deve extrahir-se d'aqui:  
Ninguem reprove nos outros  
O que não reprova em si.

---

### SONETOS

Ó retrato da morte! Ó noite amiga,  
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!  
Calada testemunha de meu pranto,  
De meus desgostos secretaria antiga!

Pois manda amor que a ti sómente os diga,  
Dá-lhes pio agasalho no teu manto,  
Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto  
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, ó cortezãos da escuridade,  
Fantasmas vagos, mochos piadores,  
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores!  
Quero a vossa medonha sociedade,  
Quero fartar meu coração de horrores.

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co' o sacrilego Gigante :

Como tu, junto ao Ganges susurrante,  
Da penuria cruel no horror me vejo,  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Tambem carpindo estou, saudoso amante .

Ludibrio, como tu, da sorte dura,  
Meu fim demandando ao céo, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura :

Modelo meu tu és, mas... ó tristeza!  
Se te imito nos transes da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.



**O CORVO E A RAPOSA**

TRADUZIDO DE LAFONTAINE.

É fama que estava o corvo  
Sobre uma arvore pousado,  
E que no soffrego bico  
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro áquelle sitio  
Veio a raposa matreira,  
A qual, pouco mais ou menos,  
Lhe fallou d'esta maneira :

« Bons dias, meu lindo corvo ;  
És gloria d'esta espessura,  
És outra phenix, se acaso  
Tens a voz como a figura. »

A taes palavras o corvo  
Com louca, estranha afouteza,  
Por mostrar que é bom solfista,  
Abre o bico e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,  
E diz : « Meu amigo, aprende  
Como vive o lisonjeiro  
Á custa de quem o attende.

Esta lição vale um queijo,  
Tem d'estas para teu uso. »  
Rosna então comsigo o corvo,  
Envergonhado e confuso :

« Velhaca! Deixou-me em branco,  
Fui tolo em fiar-me d'ella ;  
Mas este logro me livra  
De cahir n'outra esparrella. »

---

### O DELIRIO AMOROSO

CANÇÃO.

Inda não bastão, minha voz cansada,  
Tantos ais que tens dado,  
É necessario renovar queixumes,  
Queixumes de que o fero amor se agrada;  
De que zombando está meu duro fado :  
Gritemos, pois, freneticos ciumes,  
Gritemos outra vez, que dos afflictos  
São triste refrigeriõ os ais e os gritos.

Carrancuda agonia, azeda, azeda  
Inda mais, se é possivel,  
O venenoso fel que em mim derramas ;  
Doces enganos da minha alma arreda,

Deixa-lhe a dôr intensa, a dôr terrivel  
Dos igneos zelos, das tartareas chammas,  
Deixa-lhe as ancias, a peçonha, as iras,  
E a desesperação, que tu respiras.

Farte-se Anarda, o variavel peito,  
Cujas graças me encantão,  
Cujas traições no coração me ferem,  
E por quem gemo, em lagrimas desfeito ;  
Que já mil bens dulcissimos não cantão  
Os ternos labios meus, antes proferem  
Lamentos contra amor, contra a ventura,  
Conheça a desleal, saiba a perjura.

Sim, traidora, que o jubilo, em torrentes  
Viste alagar meu rosto,  
Quando em teus braços possui mil glorias,  
Hoje morro de angustias, e o consentes,  
Podendo-me, cruel, matar de gosto!  
Oh! extase! Oh! delicias transitorias!  
Oh! vão prazer dos credulos amantes,  
Mais fugaz que os aligeros instantes!

Cansaste, Anarda : a solidã firmeza,  
Vezes mil protestada,  
Votos de eterna fé que me fizeste,  
Manter não pôde feminil fraqueza,  
A quem sómente a novidade agrada.  
Já lugar na tua alma a outro dêste,

E o mais ardente amor, o amor mais puro  
Não satisfaz teu coração perjuro.

Se me fugisses, se de todo as chammas  
Que por mim te abrasavão,  
A nova inclinação te amortecêra,  
Desculpára esse ardor em que te inflammas;  
Porém quanto, infiel, quanto me aggravão  
Os sorrisos de amor, com que assevera  
Teu gesto encantador, teu meigo rosto,  
Que inda propende a saciar meu gosto!

Presumes que se paga uma alma nobre,  
Um coração brioso,  
De um sordido prazer, torpe e corrupto,  
Qual esse que me offertas se descobre?  
Assim só póde o vil ser venturoso,  
Essa fortuna por baldão reputo:  
Em amor antes só ser desgraçado,  
Que d'outrem na ventura acompanhado.

Vai, fementida, que a paixão perfeita  
Os seus dons não reparte;  
Vai gemer n'outro peito, e n'outros braços!  
Perfidos mimos d'esse infame aceita,  
Emquanto juro aos céos de abominar-te,  
Emquanto arranco meus indignos laços,  
Emquanto... ah! Que fallei! Meu bem, detem-te,  
Abafa a minha voz, dize que mente.

Eu deixar-te, ai de mim! primeiro a terra  
 Mostre as fundas entranhas  
 Por larga boca horrivel, que me trague :  
 Primeiro o mar e o céo me fação guerra,  
 Despenhem-se primeiro estas montanhas,  
 E a meu corpo infeliz seu peso esmague,  
 Primeiro se confunda a natureza,  
 Que eu cesse de adorar tua belleza.

Veirão meus olhos esses teus pasmados  
 De um rival no semblante ;  
 Ouça-te os ais, que com seus ais misturas,  
 E os agrados que oppões aos seus agrados :  
 A tudo está sujeito um cego amante,  
 Que não póde quebrar prisões tão duras,  
 A tudo estou submisso, estou disposto,  
 Quero tudo soffrer, porque é teu gosto.

Terá por crime, supportará vileza  
 Tão cruel tolerancia  
 Quem não sente o poder da formosura ;  
 Porém minha alma, nos teus olhos presa,  
 Inda chega a temer que esta constancia  
 Prova não seja de exemplar ternura,  
 E saibão, se com isto um crime faço,  
 Que o crime adoro, que a vileza abraço.

Sobre as azas dos ventos,  
 Canção chorosa e rouca,

Vai narrar pelo mundo os meus tormentos :  
De almas estoicas a dureza louca  
Rirá dos teus lamentos ;  
Mas nos servos de amor terás abrigo :  
Quando te ouvirem, choraráõ contigo.

---

### A NOITE

A deosa que esmalta  
De estrellas o céo,  
Já tinha dobrado  
Metade do véo ;

O fero inimigo  
Da ovelha medrosa  
Jazia ululando  
Na serra fragosa ;

A rã rouquejava  
No turbido lago,  
Carpia entre as moutas  
O mocho aziago ;

De alados insectos  
Nos ares vagava  
Caterva lustrosa,  
Que as sombras dourava ;

Os lassos favonios  
Dormião nas flôres,  
Enquanto velavão  
Famintos amores :

Susurro aprazível,  
Que o Tejo fazia,  
Coarctava a tristeza  
Da noite sombria.

Então, solitario,  
Seu mal, seus segredos,  
O languido Elmaño  
Contava aos penedos.

De gelidas gottas  
O rosto orvalhado,  
De zelos mordido,  
Da vida enjoado,

« Destinos ! (clamava)  
Que assim retardais  
O termo infallivel  
Que implorão meus ais,

De que me aproveita  
Viver d'esta sorte ?  
A vida é aos tristes  
Mais agra que a morte.

Felisa deixou-me,  
Fugio-me a perjura,  
Depois de votar-me  
Perenne ternura;

Fugio-me; deixou-me  
Curtindo a anciedade,  
Que gerão, que nutrem  
Ciume e saudade :

Entre estes dous males  
Meu peito se sente,  
Qual entre dous lobos  
Cordeiro innocente.

Ah! céos! Tu, minha alma,  
Tu, idolo meu,  
Manchaudo teus olhos  
No torpe Sileu!

A mão que no peito  
Me abrio funda chaga,  
Nojoso vaqueiro  
Te beija, te afaga!

Co'os braços macios,  
Apoio das graças,  
O collo rugoso  
Lhe amimas, lhe enlaças!



Consentes-lhe, ingrata,  
Que libe, que empeste  
Nos teus doces labios  
O nectar celeste!

Cedendo aos assaltos  
De impuras caricias,  
Tambem lhe franqueias  
Vedadas delicias!

Ah! Vinguem-me, estorvem  
Seus jubilos ternos,  
Com raios, com fúrias,  
Os céos e os infernos. »

Aqui os sentidos  
Nas azas de um ai  
Lhe escapão, lhe fogem,  
E o misero cahe.

Nas grutas os échos  
Ao grito espertarão,  
E, d'elle doídos,  
A amor o levirão.

Voando ao fragrante  
Vergel de Cythera  
Por ti frequentado,  
Louçã Primavera,

Encontrão Cupido,  
Que ha pouco voltára  
De empreza brilhante,  
Que ufano acabára.

Folgavão do Numen  
As carnes mimosas  
Em molle alcatifa  
De goivos e rosas;

Dormia, e na idéa  
Morphêo lhe pintava  
Sanguineos triumphos,  
Que o mundo chorava:

Não longe, em silencio,  
Pousavão encantos,  
Desdens, esperanças,  
Sorrisos e prantos;

Mordazes suspeitas,  
Que o Deos vigiavão,  
Raivando, em si mesmas  
Os dentes cevavão;

Do tronco de um myrto  
Pendia o luzente  
Carcaz, salpicado  
De sangue inda quente;

Nas pontas hervadas  
Dos aureos farpões  
Ainda arquejavão  
Fieis corações.

A garrula turma  
Rodêa Cupido,  
Repete, anhelante,  
De Elmano o gemido.

Eis fremem os ventos,  
Eis aves álerça,  
Convulsos os montes,  
E amor não desperta.

Os échos, pasmados,  
O corpo lhe abalão,  
E apenas o acordão,  
D'esta arte lhe fallão :

« É crível, menino,  
Que durmas em paz  
Ao som de um gemido,  
Que penhas desfaz ? »

« Deixai-me, importunos,  
(Lhes brada o travesso)  
Que ao som de suspiros  
É que eu adormeço. »

## SONETOS

Entre as tartareas forjas, sempre acesas,  
Jaz aos pés do tremendo estygio Nume,  
O carrancudo, o rabido ciume,  
Ensanguentadas as corruptas prezas :

Traçando o plano de crucis emprezas,  
Fervendo em ondas de sulphureo lume,  
Vibra das fauces o lethal cardume  
De horridos males, de horridas tristezas.

Pelas terriveis furias instigado,  
Lá sahe do inferno, e para mim se avança  
O negro monstro, d'aspides toucado :

Olhos em brasa de revez me lança...  
Oh! dôr! Oh! raiva! Oh! morte! Eil-o a meulado,  
Ferrando as garras na viperea trança.

---

Cala a boca, satyrico poeta,  
Não te mettas no rol dos maldizentes,  
Não tragas os mestiços entre dentes,  
Restitue ao carcaz a hervada setta.

Dizes, que é má nação, que é casta abjecta,  
 Fructo de enxertos vis! Irra! Tu mentes;  
 Vai ver-lhe os seus papeis, são descendentes  
 Do solar de Hidalcão por linha recta:

Vêm de heróes, quaes não vio Carthago ou Roma,  
 De seus avós, andantes cavalleiros,  
 A chusma de brasões não cabe em somma:

E (se não mentem certos novelleiros)  
 A muitos d'elles concedeu Mafoma  
 O fóro de fidalgos escudeiros.

---

Tu, Gôa, in illo tempore cidade,  
 Sempre tens habitantes de hom lote!  
 Não receião que a-côr se lhes desbote:  
 Privilegio da mixta qualidade:

Nenhum ha que não conte, e sem vaidade,  
 Que seu primeiro avò, brutal Quixote,  
 Dera no padre Adão com um chicote  
 Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos,  
 Que o cofre do Marata é ninharia,  
 Que do grão turco os reditos são poucos;

Mas, em casando as filhas, quem diria,  
Que o dote consistisse em quatro coucos,  
Um cafe, dez bajús, e a senhoria!

---

Quer ver uma perdiz chocar um rato,  
Quer ensinar a um burro anatomia,  
Exterminar de Gôa a senhoria,  
Ouvir miar um cão, ladrar um gato,

Quer ir pescar um tubarão no matto,  
Namorar nos serralhos de Turquia,  
Escaldar uma perna em agua fria,  
Ver uma cobra castiçar co' um pato,

Quer ir n'um dia de Surrate a Roma,  
Lograr saude, sem comer dous annos,  
Salvar-se pôr milagre de Mafoma,

Quer despir a basofia aos Castelhanos,  
Das penas infernaes fazer a somma,  
Quem procura amizade em vis gafanos.

---

### A CIGARRA E A FORMIGA

Tendo a cigarra em cantigas  
Folgado todo o verão,  
Achou-se em penuria extrema  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha,  
Que trincasse a tagarella,  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto d'ella.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
Pois tinha riqueza e brio,  
Algum grão, com que manter-se,  
Té voltar o aceso estio.

« Amiga (diz a cigarra)  
Prometto, á fé d'animal,  
Pagar-vos antes de Agosto  
Os juros e o principal. »

A formiga nunca empresta,  
Nunca dá, por isso ajunta.  
« No verão em que lidavas? »  
À pedinte ella pergunta.

Responde a outra : « Eu cantava  
Noite e dia, a toda a hora. »

« Oh! bravo! (torna a formiga)  
Cantavas? Pois dança agora. »

**ELMANO A GERTRURIA**

EPISTOLA.

Cá do pé das gangeticas ribeiras,  
Inimigas da paz e da alegria,  
Cá d'entre serpes, tigres e palmeiras,

A ti, bella Gertruria, Elmano envia  
Seus gemidos ternissimos e ardentes  
Sobre as cinzentas azas da agonia.

Se o teu fiel character não desmentes,  
Se inda em teu coração não teve entrada  
A variedade, o vicio dos ausentes ;

Se do voto reciproco lembrada,  
Suspiras por me ver como suspiro  
Por dar-te beijos mil na mão nevada...

Chorando escutarás o que profiro :  
Estes queixumes vão que entrego aos ares,  
Estes inuteis ais que d'alma tiro.



Do santo abrigo de meus deoses lares  
Pela sorte cruel desarraigado,  
E exposto em fragil quilha a bravos mares;

Sobre as espaldas do oceano inchado,  
Dirigindo tristissimo lamento  
Contra o céo, contra amor, e contra o fado;

Debalde conjurando o rouco vento,  
Em vão pedindo a Tethis sepultura  
Nas entranhas do madido elemento,

Puz, finalmente, os pés, onde murmura  
O placido Janeiro, em cuja arêa  
Jazia entre delicias a ternura.

Alli, como nas margens de Ulysséa,  
Prendendo corações, brincavão, rião  
Os filhinhos gentis de Cytheréa;

Mil graças, que a vangloria trocarião  
Em vergonhosa inveja á tua vista,  
Usurpar-te meus cultos presumião;

Eis olhão como facil a conquista;  
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,  
E constancia me dá, com que resista.

Este combate a gloria me accrescenta :  
Conhece-se o valor do navegante  
Em tenebrosã, horrisona tormentã.

Contemplando na idéa o teu semblante,  
Pude evitar o escolho, onde naufraga  
O coração mais livre e mais constante;

Um virtuoso amor nunca se apaga :  
O tiro de outra mão não faz emprego  
Aonde a tua abriu tão doce chaga.

Sempre no mais cruel desassocego,  
Sempre comigo mesmo em viva guerra,  
As vastas ondas outra vez me entrego.

Os negros furacões Eólo encerra,  
Até que aos frouxos olhos se me off'rece  
O bruto Adamastor, filho da terra.

Vê-me o monstro, que ainda não se esquece  
Da nossa antiga audacia, e logo exclama  
Com voz horrivel, que trovão parece :

« Oh ! tu, que de uma vã, caduca fama,  
De uma illustre chimera ambicioso,  
A estrada vens saber do afouto Gama;

Tu, dos servos de amor o mais ditoso,  
Se as desordens fataes da louca idade  
Te houvesse reprimido o céu piedoso;

Tu, que de uma terrestre divindade  
Memorando os encantos e os agrados,  
Deliras entre as garras da saudade;

O modelo serás dos desgraçados,  
 Porque mais, ó mortal, a ver não tornas  
 Meigos olhos, por Venus invejados.

As correntes de lagrimas que entornás,  
 Os suspiros que exhalas de continuo,  
 A singular paixão de que te adornas,

Nada revoga as ordens do destino,  
 Que eu de opaca procella estenda o mantô  
 Quer, e ao fatal decreto a fronte inclino :

Mas a tua afflicção move-me tanto,  
 Que os olhos meus, a permittil-o a sorte,  
 Saberião, por ti, que cousa é pranto.

Das entranhas do inferno arranco a morte,  
 Que a lei do fado, a meu pezar, me obriga  
 A que a vida miserrima te corte.

Mares, lambei dos céos a base antiga,  
 Morra Elmano! adejai, dragões do Averno,  
 Sobre o veloz baixel onde se abriga. »

Disse dos nautas o inimigo eterno,  
 E aos ares arrojou no mesmo instante  
 Medonhas trevas, pavoroso inverno.

O céu troveja, Eólo sibilante  
 Ora aos abysmos, ora aos astros leva  
 Entre as azas da morte o lenho errante :

Sobre elle o mar violento a furia ceva,  
Rebentão cabos, não governa o leme,  
Consternada ceulema ao ar se eleva.

Em tanto horror meu coração não treme,  
Antes se alenta, agradecendo ao fado  
Um bem que implora, a morte que não teme.

Parcas! (eu grito) ó deosas, que a meu lado  
Andais brandindo as fouces carniceiras,  
Inclinaí para cá seu gume hervado :

O golpe em mim descarregai ligeiras,  
Emquanto off'reço á candida Gertruria  
O final pranto, as vozes derradeiras.

Céos! Que prodigios! O vento aplaca a furia,  
E a teu nome adorado a propria morte  
Não ousa, em damno meu, fazer injuria ;

Teu nome vence a colera da sorte :  
Torna a luz, foge a sombra, e já mil vivas  
Os muros vão ferir da etherea côrte :

Só eu choro o prazer que tu motivas,  
Só eu sinto escapar d'este perigo,  
Só eu culpo as estrellas compassivas.

A prospera derrota assim prosigo,  
Até que vejo e piso a sepultura  
Dos tristes, que não têm na patria abrigo.

Aqui vai sempre a mais minha amargura,  
Aqui pela saudade envenenado,  
Como espectro acompanho a noite escura :

Aqui ninguém me attende (oh ! negro fado !)  
Nem deoses, nem mortaes, ninguém me attende :  
Tão molesto se faz um desgraçado !

Só teu suave nome, a quem se rende  
O proprio Deos de amor, algum momento  
Meu pranto enfrêa, minhas ancias prende.

Sou qual febricitante, que sedento  
Em libar fresca taça allivio goza,  
Afangando com ella o soffrimento.

Ai gesto encantador, face amorosa,  
Que me inspiraste da paixão mais pura  
A doce chamma, a chamma deleitosa !

Que torrente de gosto e de ternura  
Fizeste borbulhar no meu semblante,  
Emquanto o permittio minha ventura !

Qual na calida sêsta o caminhante,  
Que em despenhada fonte, amena e fria,  
Matar' o vivo ardor vai anhelante :

Tal nas azas do jubilo eu corria  
A saciar em ti, vista adoravel,  
O sequioso amor, que em mim fervia.

Oh! lubrico prazer! fortuna instavel!  
Apenas fui feliz, fui desgraçado :  
Oh! catastrophe acerba e deploravel!

Mas tu, Gertruria bella, idolo amado,  
Tu, meu unico bem, cuja mudança  
Me faria acabar desesperado,

Por piedade, não percas da lembrança  
O terno adeos, e as lagrimas, e os votos,  
Com que elle vigorou minha esperanza.

Vê que, entregue ao furor de horriveis Nótos,  
Vim, só por me fazer de ti mais digno,  
A climas do meu clima tão remotos.

Semblante para mim sempre benigno,  
Reserva-me um sorriso : elle sómente  
Póde o meu astro serenar maligno :

Elle só-me fará viver contente,  
Só n'elle está suspensa a minha gloria,  
Só d'elle o meu socego está pendente :

Voemos para o templo da memoria,  
Nossa fidelidade ao orbe espante,  
E sirva de modelo a nossa historia ;

A todo o baixo espirito inconstante  
Para castigo apontem-lhe a firmeza  
Do triste Elmano, e de Gertruria amante;

Obra a mais singular da natureza,  
Erário dos seus dons, cõheça o mundo,  
Que és tão rara em amor como em belleza;

Abunda nas saudades em que abundo,  
Manda-me lá d'esses ditosos lares  
Nas azas da ternura um ai profundo.

Não tope densa nuvem pelos ares,  
Que a fortaleza, que o calor lhe tire :  
Venha, ah! venha apezar de immensos mares,  
-E em meus ouvidos, fatigado, expire!

---

### A MONTANHA QUE PARE

Começou a berrar com dõr de parto  
Certa montanha ; e fez tamanho estrõdo,  
Que acudio muita gente, a qual, suppondo  
Que d'alli nasceria uma cidade  
Maior do que Paris, eis nasce um ra'õ!  
Quando por esta fabula discorro,  
E observo que o sentido é verdadeiro,  
Logo se me afigura autor inchado,  
Que diz : eu cantarei a horrivel guerra,  
Com que os filhos da terra

Sacrilega invasão nos céos tentarão,  
E a Jove assoberbárão.  
Promette grandes cousas, cousas bellas :  
Que produz? Bagatellas.

---

### O LEÃO VELHO

Decrepito o leão, terror dos bosques,  
E saudoso da antiga fortaleza,  
Vio-se atacado pelos outros brutos,  
Que intrepidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo co' os dentes o maltrata,  
O cavallo co' os pés, o boi co' o as pontas,  
E o misero leão, rugindo apenas,  
Paciente digere estas affrontas :

Não se queixa dos fados, porém vendo  
Vir o burro, animal de infima sorte,  
Ah! vil raça! (lhe diz) morrer não temo,  
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte.

---



**O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO**

Fez annos o leão, quiz ir à caça,  
E a d'elle não costuma ser escassa :  
Não consiste em pardacs, em bagatellas,  
Mas em bons janalis, e em corças bellas.  
O rei dos bosques pródigo e discreto,  
Para surtir effeito o seu projecto,  
Chama o burro, animal de voz não fina,  
E o burro vai servir-lhe de buzina.  
Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,  
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos  
Crê, que inda os mesmos brutos, que dão provas  
De atroz braveza, fugirão das covas.  
Não era aquella tropa ainda usada  
Ao fragor de asinina trovoadã :  
No ar o espantoso orneio emfim resôa,  
Vaga o terror, e as grutas despovôa :  
Tremendo, a turba agreste alonga o passo,  
Foge tudo, e fugindo, eis cabe no laço,  
Onde os espera a garra penetrante.  
« Então, que tal, que tal? Não sou chibante? »  
(Diz o burro ao leão, co' a fronte alçada,  
Arrogando-se a gloria da caçada.)  
« Trôas (volta o leão), trôas devêras,  
E se não conhecesse quem tu eras,  
Eu mesmo com teus zurros me assombrava! »

O burro, se pudesse, resmungava,  
 E tínhamos arenga, ainda que havia  
 Motivo para aquella zombaria.  
 Pois quem ha de soffrer, quieto e mudo,  
 Que um, que não vale nada, arrote em tudo?  
 Quem soffrerá, que audacia o burro affecte?  
 Character fanfarrão não lhe compete.

### SONETOS

O ledô passarinho que gorgêa,  
 D'alma exprimindo a candida ternura,  
 O rio irtransparente que murmura,  
 E por entre pedrinhas serpentêa ;

O sol que o céo diaphano passêa,  
 A lua que lhe deve a formosura,  
 O sorriso da aurora alegre e pura,  
 A rosa que entre os zephyros ondêa :

A serena, amorosa primavera,  
 O doce autor das glorias que consigo,  
 A deosa das paixões e de Cythera ;

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,

Tudo em tua presença degenera,  
*Nada se pôde comparar contigo.*

---

Senhor, que estás no céo, que vês na terra  
Meu fragil coração desfeito em pranto  
Pelas ancias mortaes, o ardor, o encanto,  
Com que lhe move amor terrivel guerra:

Já que poder imenso em ti se encerra,  
Já que aos ingenuos ais attendes tanto,  
Soccorre-me, entrê os santos sacro-santo,  
Criminosas paixões de mim desterra!

Fugir aos laços de um gentil semblante  
Não pôsso eu só: da tua mão preciso,  
Com que próstrou David o atroz gigante.

Fira-me a contrição, torne-me o siso,  
Acode-me, Senhor, põe-me diante  
*Morte, juizo, inferno e paraíso.*

---

Cara de réo com fumos de juiz,  
Figura de presepe, ou de entremez,  
Mal haja quem te soffre, e quem te fez,  
Já que mordeste as decimas que fiz:

Hei de pôr-te na testa um — *t* — com giz,  
 Por mais e mais pinotes que tu dês,  
 E depois com dous murros, ou com tres,  
 Acabrunhar-te os queixos e o nariz.

Quem da cachola vâ te inflamma o gaz,  
 E a abocanhares syllabas te induz,  
 Oh! dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o — *abc* — pobre lapuz,  
 E, pasmo de que, sendo um Satanaz,  
 Com tinta faças o signal da cruz.

---

N'este horrivel sepulcro da existencia  
 O triste coração de dôr se parte,  
 A mesquinha razão se vê sem arte,  
 Com que dome a frenetica impaciencia :

Aqui pela oppressão, pela violencia  
 Que em todos os sentidos se reparte,  
 Transitorio poder quer imitar-te,  
 Eterna, vingadora omnipotencia :

Aqui onde o que o peito abrange e sente  
 Na mais ampla expressão acha estreiteza,  
 Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza  
Não ver terra, nem céu, nem mar, nem gente,  
Ser vivo, e não gozar da natureza?

Adeja, coração, vai ter aos lares,  
Ditosos lares, que Gertruria pisa,  
Olha se inda te guarda a fé mais lisa,  
Vê se inda tem pezar dos teus pezares.

No fulgor de seus olhos singulares,  
Crestando as azas, tua dôr suavisa,  
Amor de lá te chama, te divisa,  
Interpostos em vão tão longos mares :

Dize-lhe, que do tempo o leve gyro  
Não faz abalo em ti, não faz mudança,  
Que ainda lhe és fiel n'este retiro ;

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança,  
Dá-lhe teus ais, e pede-lhe um suspiro,  
Que alente, coração, tua esperança.

---

## O PASSARINHO PRESO

Na gaiola empoleirado,  
Um mimoso passarinho  
Trinava brandos queixumes  
Com saudades do seu ninho.

« Nasci para ser escravo,  
(Carpia o cantor plumoso)  
Não ha ninguem n'este mundo  
Que seja tão desditoso.

Que é do tempo que eu passava,  
Ora descantando amores,  
Ora brincando nos ares,  
Ora pousado entre flôres?

Mal haja a minha imprudencia,  
Mal haja o visco traidor;  
Um raio, um raio te abrase,  
Fraudulento caçador!

Em que pequeei? Por ventura  
Fiz-te á seára algum mal?  
Encetei, mordi teus fructos,  
Como o damninho pardal?

Agrestes, incultas plantas  
Produzião meu sustento,

Inutil aos que se prezão  
Do alto dom do entendimento...

Do entendimento! Ah malignos!  
Vós, possuindo a razão,  
Tendes de vícios sem conto  
Recheiado o coração.

Ah! se a vossa liberdade  
Zelosamente guardais,  
Como sois usurpadores  
Da liberdade dos mais?

O que em vós é um thesouro,  
Nos outros perde o valor?  
Destroe-se o jus do opprimido  
Pela força do oppressor!

Não tem por base a justiça,  
Funda-se em nossa fraqueza,  
A lei que a vós nos submete.  
Tyrannos da natureza.

Em offensa das deidades,  
Em nosso damno abusais  
Da primazia que tendes  
Entre os outros animaes.

Mas, ah! triste! Ah! malfadado!  
Para que me queixo em vão?

Que espero, se contra a força  
De nada serve a razão? »

Aqui parou de cansado  
O volatil carpidor,  
Eis que vê chegar da caça  
O seu barbaro senhor.

Trazia encostado ao hombro  
O arcabuz fatal e horrendo,  
E alguns passaros no cinto,  
Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas  
Ainda o sangue pingava,  
E do cruento verdugo  
As curtas vestes manchava.

O preso, vendo a tragedia,  
Coitadinho, estremeceu,  
E de susto e de piedade  
Quasi os sentidos perdeu.

Mas apenas do sossobro  
Repentino a si tornou,  
Co' os olhos nos seus finados  
Estas palavras soltou :

« Entendi que dos viventes  
Eu era o mais infeliz :



Que outros têm peor destino  
 Aquelle exemplo me diz.

Da minha sorte já agora  
 Queixas não torno a fazer :  
 Antes gaiola que um tiro,  
 Antes penar que morrer. »

## À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA

### CANTO I.

Profana lyra, a molles sons affeita,  
 Vil instrumento, minha mão te engeita ;  
 Caducas perfeições, servis amores,  
 Não mais, não maculeis os meus louvores !  
 Tu, doce chamma, angelica ternura,  
 Que o Creador envia á creatura,  
 Oh! dadiva celeste, oh! dom do immenso  
 Com que aterramos Satanaz infenso,  
 Com que a tormenta das paixões se acalma,  
 Baixa dos céos, e purifica esta alma.  
 Eis desce, eis desce, não mêm engano, é ella  
 Agora sim, que posso, ó Virgem bella,  
 Enxugar criminoso, indigno pranto,  
 E a teus ouvidos elevar meu canto :

Profana lyra, a molles sons affeita,  
Vil instrumento, minha mão te engeita.

Inda no horror do cháos, ou de nada,  
Jazia a natureza inanimada,  
Inda na vasta região dos ares  
Os grandes, os pasmosos lumipares,  
Que o polo aclarão, que os viventes guião,  
Que as ondas abrilhantão, não luzião,  
E já Maria, para Deos guardada,  
Na Idéa Omnipotente era creada.  
Ah! Cante-se o prazer, cante-se a gloria  
Do céo, da terra! acclame-se a victoria  
Da Immaculada Virgem Sacro-santa,  
D'aquella que te impôz a invicta planta,  
Tartarea serpe, na cerviz medonha,  
Ficando illesa da infernal peçonha.  
Lá vejo os pais communs, que o monstro opprime,  
Lá caminha o remorso após o crime,  
Lá ouço a voz horrisona do Eterno,  
Que faz tremer a abobada do inferno.  
Deos grita, Deos pergunta : « Ingratos, como  
Vos atrevestes ao vedado pomo?  
Que! Pretendieis hombrear comigo!  
Da vossa rebeldia eis o castigo.  
Do Eden minha justiça vos desterra,  
Ide habitar a miseravel terra :  
Ella, avarenta, Adão, jámais enxutos  
De teus suores te dará seus fructos :  
Tu, credula mulher, que o seduziste,

Com dôr produzirá, e o duro, o triste  
Padecimento, a que ambos vos condemnô,  
E que a tão grave culpa inda é pequeno,  
Grassará com terrível igualdade  
Pela vossa infeliz posteridade. »  
Oh ! sentença fatal ! Oh ! cruel sorte !  
Herança horrível ! O peccado ! A morte !  
Já principião a ferver na terra  
A soberba, o furor, a inveja, a guerra.  
Da victima primeira o sangue corre :  
Abel, o grato ao céo, lá cahe, lá morre  
A's mãos perversas de Caim maldito,  
E aos astros sobe da innocencia o grito.  
Pune, fulmina os monstros do peccado  
O braço vîngador de um Deos irado :  
Elle as ethereas cataractas solta,  
Paternos olhos a Noé só volta ;  
Cahe a torrente, em átras nuvens presa,  
E agonisa, boiando, a natureza.  
Que espectáculo, oh ! céos ! Qu'horror ! Qu'espanto !  
A negra estancia do continuo pranto  
O proscripto universo representa  
Na pavorosa, na geral tormenta ;  
E o divino furor, inda não pago,  
Arroja sobre os homens novo estrago :  
Elle, Babel sacrilega, te arrasa ;  
Igneo chuveiro, ó Sodoma, te abrasa ;  
Aqui e alli, silvando, o raio vôa ;  
Mas o terrível Deos emfim perdôa.  
Vê com piedade o mundo agrilhoado

Pelo tyranno, contra nós armado,  
Que rege as trévas do medonho inferno,  
Que céva as furias em tormento eterno.  
Remir-vos, ó mortaes, do captiveiro,  
Eis que resolve o numen justiceiro :  
Fecundada por elle idosa planta,  
Brotá o celeste fructo, a pura, a santa,  
Cujó louvor os Serafins entôão  
No refulgente empyreo, que povôão,  
E cuja Conceição, por Deos obrada,  
Da mancha universal foi preservada.  
Virgem depois de mãi, mulher bendita,  
Debalde o torvo Lucifer vomita  
Contra ti do espumante, horrivel seio,  
O veneno lethal, de que está cheio ;  
Contra ti seu furor em vão despede,  
A teu alto poder o monstro cede :  
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,  
Que erguêra para Deos ; tu, vencedora,  
Por terra deixas o dragão damnado,  
Que nos infernos cahe desesperado,  
Arremessando ao céo com voz blasphema  
Horridas pragas contra a mão suprema.  
Esposa, filha, e mãi do Omnipotente,  
Iris de paz á deploravel gente,  
Deposito ineffavel da pureza,  
Que honraste a nossa fragil natureza ;  
Do Deos homem dignissimo sacrario,  
Que os thesouros sem fim do eterno erario  
Resumidos contens nas graças tuas :

Que outros sóes, outros astros, outras luas,  
 Invisíveis a nós, lá vês, lá pisas  
 No almo, nitido céo! tu divinisas  
 Meus versos, dedicados atégora  
 A vãos prestigios, que a fraqueza adora.  
 Ah! Dos teus olhos um volver piedoso  
 Desarme, ó virgem bella, o justicoso  
 Ente immortal, que os improbos fulmina;  
 Apaga o raio, que na mão divina  
 A prumo sobre a fronte me chammeja:  
 A quem te invoca teu favor proteja.

E vós, sabios alumnos, que obtivestes  
 Tão vasta profusão dos dons celestes,  
 Fecundas mentes, o calor sagrado  
 Exhalai n'este dia abençoado,  
 Dos labios entornando as phrases de ouro,  
 Com que tendes ganhado o aonio louro.

## CANTO II.

Rasga o seio da terra, e desce, ó ntusa!  
 Á masmorra, onde os reprobos arrastão  
 Sempiternas, horrisonas correntes...  
 Que pavorosa confusão rodèa  
 O praguejado throno ao rei das sombras!  
 Seus torvos cortezãos, como esbravejão  
 Nos sulphureos volcões, que o orco exhala!  
 A negra inveja, que alarido arranca  
 Das carcomidas fauces!

Veneno em borbotões, lagrimas suas.  
 O carão côr da noite ao monstro escalda!  
 A desesperação lhe jaz ao lado,  
 E no raivoso coração lhe enterra  
 De quando em quando as lacerantes garras :  
 Não longe d'ella a turgida soberba  
     Nas mãos ostenta ainda  
     Abominavel plano,  
 A cuja execução guiou, bramindo,  
 Rebeldes legiões, que em vão tentárão  
 Sacudir da cerviz o jugo eterno,  
     Tocar o Omnipotente,  
 Roubar-lhe o raio, derribar-lhe o solio :  
 Do antigo pasto seu nunca enjoado  
 O abutre, que devora a natureza,  
     A's furias lá preside,  
 A's indomitas furias, que negrejão  
 Sobre os amplos degrãos de ferro em brasa,  
 Horrida estrada ao detestavel throno.  
 Alli Satan, fervendo em labaredas  
     De raiva inextinguivel,  
 Tortuoso dragão, que tem por sceptro,  
     Na mão cruenta esmaga,  
 Retorce os olhos, que dardejão peste,  
 Menèa a fronte, e co'um terrivel brado  
 Ao tartareo tumulto impõe silencio :  
 Pela torrida abobada rebomba  
     O trovão repentino :  
 As melenas das furias se arripião,  
 E as entranhas do Barathro estremecem.

« Desesperadas victimas d'aquelle  
Que reina, a meu pezar, sobre as estrellas,  
(Diz aos seus o infiel) victimas tristes  
Do poder, que despotico aferrolha  
No carcere da morte altas essencias,  
Creadas para o céo, d'onde cahirão ;  
Inda tantos horrores não bastavão ;  
Inda a pesada mão, que nos opprime,  
Achou leve o supplicio em que penamos...  
Oh! lembrança peor que quantos males  
No bojo abrasador contém o inferno !  
Apenas arrojados n'estas furnas,  
Nova e mais que terrifica vingança  
Fulmina contra nós o irresistivel !  
Não que mande roncar trovão medonho,  
Não que maneje o rapido corisco ;  
Quer dar-nos outra especie de tormento,  
E sobre nossas fronte descarrega  
O peso enorme de perpetua affronta.  
Seu halito, seu braço á vil materia  
Dão fórma, vida, intelligencia, graça,  
E ineffaveis delicias no Eden puro ;  
Bem que ao nosso furor não foi vedada  
A sagaz tentação, que, apodrentando  
Na raiz fraca o tronco desprezivel,  
Faz grassar o contagio  
Por todos os seus ramos, e os submette  
Ao jugo do peccado, á lei da morte :  
De herdada corrupção contaminados  
Ficão todos emfim... mas ah ! Não todos,

Que um d'elles escapou do estrago horrendo,  
Um só d'elles, um só... Maria! Oh! nome,  
Que no imperio de fogo, em que domino,  
Me aterras como o raio inevitavel,  
Que arder senti na attonita cabeça,  
E cuja cicatriz inda conservo!  
O Numen vingador na immensa idéa  
Já tinha antes dos tempos excluido  
Da geral, triste herança,  
A mulher portentosa,  
Que intacta produzio o ethereo fructo,  
O filho redemptor, que desde os astros,  
Armado de pavor e omnipotência,  
Nos despenhou no abysmo onde jazemos.  
Resolução fatal á nossa furia!  
Elle os homens adopta, ao pai se offrece  
Expiadora victima do crime  
De que via infectada a humanidade.  
Nas azas dos espiritos celestes  
Desce ao mundo, e vestido o terreo manto,  
Eis começa a limar da culpa os ferros.  
Espessa multidão, que ao verbo attende,  
Já principia á praguejar meu nome,  
E a nova lei nas almas se lhe arreiga.  
Debalde (oh! raiva!) aos impetos do inferno  
Os corações incredulos cedêrão,  
Erigindo patibulo affrontoso,  
Onde soffresse voluntaria morte,  
Elle, a hostia de paz e de alliança!  
Ah! seu sangue lava a antiga nodoa



Que os terrestres espiritos manchára ;  
 E que assombros, que espantos, que prodigios  
 O cruento espectáculo seguirão!  
 Subito em dous se fez o véo do templo,  
 A ordem se alterou da natureza,  
 Do ferreo somno os mortos despertárão,  
 Sumio-se a luz do sol no horror das trevas,  
 E a terra em convulsões, e o polo em chammas  
 Fizerão logo authenticos o deicidio.  
 Hoje no livre mundo é memorado  
 O grão principio do commum resgate :  
 Lá são ledos canticos festivos,  
 Que, voando ás estrellas, acompanhão  
 Tepidas nuvens de Sabeo perfume.  
 Maria, abençoada entre as mulheres,  
 Aquelle universal, canoro applauso  
 Serve de objecto; os homens lhe consagrão  
 Interna adoração. « Tu és (exclamação)  
     « A flôr sagrada e pura  
 « Em que pousou o Espirito Divino ;  
 « A salvação por ti desceu ao mundo,  
 « No eterno pensamento omnisciente  
 « Teu ser, ó Virgem, precedeu aos evôs.  
 « Como cedro no Lybano exaltada,  
 « Qual rosa em Jericó, tu resplandeces  
 « Mais que o sol no zenith : aceita, acolhe  
 « Em teu piedoso ouvido humanas preces. »  
 Oh! desesperação! E eu pronuncio  
 No louvor de Maria a minha injuria!  
 Eu que... »

Vibrar sacrilega blasphemia  
 Ia o monstro infernal, mas na garganta  
 A voz, achando obstaculo, recua  
 Por lei do Omnipotente, e enquanto freme  
 A damnada caterva, a densa turma  
 No vasto horror da lobrega morada,  
 Onde tu, maldição, resides sempre,  
 Os cherubins no céo, na terra os homens,  
 Em crebros hymnos á porfia exultão.

### À PURÍSSIMA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA

CANTATA.

Que espectáculo, oh! céos! Eu vélo! Eu sonho!  
 Que diviso! Onde estou! Purpurea nuvem  
 Ante os olhos attonitos me ondêa,  
 E chuveiros de luz despede á terra!  
 Mais bella que o fulgor que ao sol precorre,  
 Alta matrona augusta  
 Do vapor luminoso,  
 Que os zephyros mantêm nas tenues plumas,  
 Quão risonha contempla o baixo mundo!  
 Aureas estrellas congregadas brilhão  
 No rutilo diadema  
 Que a fronte magestosa lhe guarnece:  
 Aureas estrellas semeadas brilhão

Nas roçagantes vestes,  
 Cór do estivo clarão, que filtra os ares!  
 De alados genios candida phalange  
     Reverente a ladèa,  
 E, pelas niveas dextas balançados,  
 Pingue, fragrante aroma, em honra à Diva,  
 Os fumosos thuribulos derretem...  
 Mas que feroz dragão lhe jaz ás plantas,  
 Sangue a boca medonha, os olhos fogo!...  
 Rabido arqueja, tumido sibila,  
     Baldadas forças prova  
     Contra o pé melindroso  
 No collo enorme, na cerviz calcada,  
 Que rubras conchas escabrosas forrão :  
 Enrosca, desenrosca a negra cauda,  
 E em horridos arrancos desfallece!...  
 Oh! triumpho! Oh! mysterio! Oh! maravilha!  
 Oh! celeste heroina! A sacra turma,  
 Os entes immortaes que te rodeião,  
 Modulão tua gloria em almos hymnos,  
 Que entre perfumes para os astros vôão...  
 Eis no leito arenoso as vagas dormem,  
 Rasas cedendo á musica divina :  
 Pio ardor pelas fibras me serpèa,  
 E encurvado repito os santos versos :

Ó Virgem formosa,  
 Que domas o inferno,  
 Creou-te ab eterno  
 Quem tudo creou.

Illesa notaste  
Do mundo o naufragio,  
Da culpa o contagio  
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgineas  
Entranhas sagradas,  
Do céo fecundadas,  
O verbo encarnou.

A grande victoria  
Do genero humano  
Contra esse tyranno  
De ti começou.

Depois de lograres  
Triumpho completo,  
Cumprido o projecto  
Que o céo meditou,

Crescêrão nos astros  
Os vivas, os cantos,  
E as furias, os prantos,  
O abysmo dobrou.

Ó Virgem formosa,  
Que domas o inferno,  
Creou-te ab eterno  
Quem tudo creou.

**O LOBO E A OVELHA**

Uma ovelha em tempo antigo  
Estreita união travou  
Co' um lobo : não sei que santo  
Este milagre operou.

Esqueceu-se do rebanho,  
Do guardador se esqueceu,  
E em companhia do amigo  
Pelos mattos se metteu.

Alli a que d'antes era  
Qual mansa pomba sem fel,  
Pelo exemplo estimulada,  
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia  
Ter feito já digestão,  
Eis prompta a comadre ovelha  
Para a sanguinea funcção.

Se, vendo as prêas, não tinha  
O valor de arremetter,  
Ao menos, depois de mortas,  
N'ellas entrava a roer.

Contemplando o féro mestre  
No pervertido animal  
Os progressos que fazia  
A sua escola brutal,

De prazer e de vaidade  
Lhe pulava o coração,  
E tinha á sua educanda  
Cada vez mais afeição.

Mas um dia em que esfaimado  
Sahio com ella a caçar,  
Nem rasto do que buscava  
Pòde ao menos encontrar.

Montes, valles, bosques, tudo  
Farejou, subio, correu;  
Enfim, só farto de vento,  
Na cova se recolheu.

Coscu-se á terra esfaldado,  
E depois que repousou,  
Para a debil companheira  
Os crueis olhos lançou.

« Que! (disse o mão lá consigo)  
Não ha soffrimento igual!  
Hei de curtir esta angustia,  
E morrer por ser leal!

A natureza me instiga,  
E devo dar-lhe attenção :  
Está primeiro que tudo  
A propria conservação.

Tu, virtude, és attributo  
Dos homens, dos racionaes ;  
Não me pertences : eu sigo  
Meu instincto, e nada mais. »

N'isto, veloz como um raio,  
Co' a pobre-ovelha investio,  
E logo dentes e garras  
Nas entranhas lhe sumio.

Com tremula voz pergunta  
Ao desleal a infeliz :  
« Porque me tiras a vida,  
Ingrato, que mal te fiz ?

Que lei o rigor te ordena  
A que eu motivo não dei ? »  
E elle sofrego responde :  
« Tenho fome, a fome é lei. »

D'esta arte cevando a furia,  
Não cessou de lacerar,  
E, antevendo alguma urgencia,  
Os ossos nós foi guardar.

Vêde, mortaes, n'este exemplo,  
 Exemplo cheio de horror,  
 O que produz a alliança  
 De um perverso, de um traidor.

Se os máos tiverdes por socios,  
 Eu fico que os imiteis,  
 E que lobos d'esta casta  
 Ou cedo ou tarde encontreis.

---

### SONETOS <sup>1</sup>

Sobre estas duras, cavernosas fragas,  
 Que o marinho furor vai carcomendo,  
 Me estão-negras paixões n'alma fervendo  
 Como fervem no pégo as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,  
 De meus erros a sombra esclarecendo,  
 E vás n'elle (ai de mim!) palpando, e vendo  
 De agudas ancias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,

<sup>1</sup> Aqui começa o excerpto do tomo 2º das Rimas.— Lisboa, officina de Simão Thadeo Ferreira, 1799.



Mil objectos de horror e o a idéa eu corro,  
Solto gemidos, lagrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu soccorro?  
Mandas-me não amar : eu ardo, eu amo!  
Dizes-me que socegue : eu peno, eu morio!

Tu, que na fouce de sanguineo gume  
Tens féra, estragadora omnipotencia,  
Como soffres de amor a resistencia,  
Ó tempo devorante, ó impio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,  
Que tornas o desvelo em somnolencia,  
Filha do Lethes, esquecida ausencia,  
Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros co' o prazer morre a firmeza,  
Arrefece a paixão de dia em dia  
Longe dos olhos porque fôra acesa :

Mas em mim terno ardor jámais esfria :  
Por gloria da constancia, ou da belleza,  
Triumphão no meu peito Amor e Armia.

Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte,  
Amor ouviu meus ais, cumprio meu gosto :

Já, já sinto nos olhos, peito e rosto,  
A nevoa, as anéias, o suor da morte.

A terra mão piedosa me transporte,  
E depois que em sepulcro mal composto  
Der ao frio cadaver frio encosto,  
Estes versos por dó na pedra corte :

Aqui se esconde Elmano : alegre estado  
Algum tempo deveu á amiga estrella,  
Foi de Armia amador, de Armia amado.

Desunio duro caso o triste e a bella :  
Viver sem ella lhe ordenava o fado :  
Quiz antes o infeliz morrer por ella.

---

## A EXISTENCIA DE DEOS

TRADUCCÃO DE RACINE.

### ODE

O Deos, a quem se deve a nossa crença,  
- Mortaes, é Deos occulto ;  
Mas oh ! que irrefragaveis testemunhas  
Ante nós congregadas,  
Pelas quaes se revele a gloria sua,  
- A sua omnipotencia !

Respondei, mar e céu, responde, ó terra,  
Astros, mundos brilhantes,  
Que mão vos esparzio, vos tem suspensos  
Na etherea immensidade?  
D'onde te veio, ó noite, o véo lustroso?  
Céos! Oh! céos! Que grandeza!  
Que assombro! Que esplendor! Que magestade!  
Em vós, em vós conheço  
Quem milagres sem conto obrou sem custo,  
Quem nos vossos desertos  
As luzes semeou como semêa  
Na terra o pó volátil.  
Ó tocha do universo, autor dos dias,  
Da aurora annuciado!  
O astro sempre o mesmo, e sempre novo!  
A que mando obedeces?  
Por que preceito, ó sol, dos mares surges,  
Restituindo ao mundo  
O raio amigo, a fertil claridade?  
De teus lumes saudoso,  
Cada dia te espero, e tu não faltas.  
Ah! Sou eu quem te chama?  
Sou eu talvez quem te regula o passo?  
E a ti, pelago horrendo,  
Que em teu bojo voraz como que intentas  
Absorver toda a terra,  
Que alto poder no carcere arenoso  
Retem, constrange, enfrêa?  
Em vão forcejas, assanhado e torvo,  
Para arrombar teus muros :

Morrem na praia as espumosas furias.  
 Esses, cuja avareza  
 No teu seio traidor corre a punir-se,  
 Quando em serras e abysmos  
 Ora os levas aos céos, ora aos infernos,  
 Implorão-te clemencia?  
 De olhos fitos na abobada celeste,  
 Na fonte d'onde emana  
 Sobre os tristes mortaes macio orvalho  
 De amor e de piedade,  
 Invocão, suspirando, o braço eterno,  
 Domador das procellas.  
 Bradas n'aquelle extremo, ó natureza,  
 E as vistas lhe diriges,  
 Guias-lhe as preces ao supremo asylo,  
 As preces, o tributo  
 Que aterrados espiritos não negão  
 Ao Numen esquecido,  
 Ou trocado atélli por mil chimeras.  
 As vozes do universo,  
 Do assombrado universo a Deos me chamão,  
 Sim, a terra o pregôa.  
 « Fui eu quem produzio, fui eu (diz ella)  
 « Quem compôz os matizes  
 « Que a minha superficie aformosêão?  
 « Não fui eu, foi aquelle,  
 « Aquelle que assentou meus alicerces.  
 « As mil necessidades  
 « Que te vexão, mortal, se logo acudo,  
 « Deos, é Deos quem o ordena :

« Os dons que me confere, a ti destina.  
 « Flôres com que me adorno,  
 « Vós da mão lhe cahis sobre meu seio.  
 « O creador, o eterno,  
 « Lá onde arida sou, e avara, e dura,  
 « Lá no escaldado Egypto,  
 « (Para que folgue a tímida esperança  
 « Do cultor deseioso)  
 « Em prescripto momento ao Nilo acena  
 « Que trasborde, que inunde  
 « Meus campos, alongando-se das margens,  
 « E os orne, os enriqueça  
 « De douradas espigas susurrantes. »

Assim se exprime a terra.

E encantado de ouvil-a, e contemplando  
 Travados uns com outros  
 Por invisíveis, portentosos laços,  
 Milhões de entes diversos,  
 Que á regra universal concorrem todos,  
 Encontro, encontro em tudo  
 A lei que os encadêa, a mão que os liga,  
 E do plano sublime  
 N'um jubilo sem termo, admiro, adoro  
 A pasmosa unidade!

**A GRUTA DO CIUME**

Ha um cerrado bosque  
Áquem do abysmo eterno;  
Vê-se o vapor do inferno  
Nos ares negrejar.

Alli rebentão, crescem  
Mil plantas venenosas,  
Mil serpes tortuosas  
Ouvem-se alli silvar,

Rochedos escabrosos  
As nuvens ameação;  
Raios por elles passão,  
Medrosos de os tocar.

Alli tremúla a rama  
Do teixo e do cypreste,  
Fermenta estygia pestê,  
Que as almas vem damnar.

De infestas, roucas aves  
O bando alli se acouta,  
Que está de mouta em mouta  
Desastres a agourar.

As azas não meneias  
Alli, Favonio brando,  
Tufões de quando em quando  
Só se ouvem rebramar.

Alli umas com outras  
As arvores se fechão,  
De sorte que não deixão  
Do dia a luz entrar..

A custo alli respira,  
Cercada a natureza  
De horror e de tristeza,  
Capaz de a suffocar,

Alli, sempre aclarado  
Pelo tartareo lume,  
Jaz do cruel ciume  
O temeroso lar.

Na aborrecida entrada  
Vela a mordaz suspeita,  
Continuamente affeita  
A crer e a receiar;

No seio da caverna  
A torpe inveja escura  
Frenetica murmura,  
Venenos a espumar.

Sente-se lá no fundo  
Da estancia sinuosa  
Caterva pavorosa  
De monstros ulular.

N'um ferreo throno em brasa  
Reina o ciume horrendo,  
Angustias nil tecendo,  
Para os mortaes tragar.

Na mão tem negra taça  
Cheia do fel da morte,  
Com rabido transporte  
Não cessa de arquejar.

Ara fatal ao mundo  
Terror n'um canto inspira,  
Sulphurea, ardente pyra  
N'ella se vê fumar.

N'ella milhões d'amantes  
Vão por destino infausto  
Ser misero holocausto,  
As veias esgotar.

Ministro carrancudo  
Frio cutelo amola,  
E as victimas degolla  
Sobre o medonho altar.



Vós deveis crer, humanos,  
Que a descripção que ouvistes  
É de quem foi tão tristes  
Objectos contemplar.

Ah! sim, já tenho sido  
Pelo tyranno alado  
Mil vezes arrastado  
Ao horrído lugar.

E se eu, mortaes, não pude  
Como poderão tantos,  
Em sangue, em ais, em prantos  
O espirito soltar?

Foi porque amor cruento  
Não quiz que extincto eu fosse :  
Achou que era mais doce  
Morrer do que penar.

---

### QUEIXUMES DE AMOR E DA AMIZADE

Ó vos, emanações da divindade,  
Prazer, consolação das almas grandes,  
Vós, que em suaves, em mimosos laços  
Prendeis os corações e os pensamentos;

Vós, que não só de asperrimos costumes  
Usais purificar a humanidade :  
Que até dos tigres, que na Hircania rugem,  
Das serpes, dos leões, que a Lybia infestão,  
Mitigais o voraz, o féro instincto :  
Ó divinos irmãos! Ó par celeste!  
Ó doce amor! Ó candida amizade!  
Vingai-vos de nefandos sacrilegios,  
De mil profanações, mil torpes crimes,  
Mil horrores, que fervem, que negrejam  
Sobre vossos altares sacro-santos.  
Jove, Jove immortal, senhor do raio,  
Porque na rubra dextra o tens em ocio?  
Se as fezes, se o peor de quantos vicios  
O abrasado, espantoso abysmo eterno  
Pelos igneos volcões arroja á terra,  
Se a vil ingratidão, se a vil perfidia  
Soffres em muda paz, e não te acordão  
A somnolenta colera meus brados,  
Para que nova especie de maldade  
Reservas teu furor? Se és Deos, és justo,  
E debes, como tal, vingar teu nome,  
As tuas leis vingar, vingar meus males  
Nas almas desleaes, crueis, infames  
Que o céo com falso voto assõberbãõ.  
Pune, ó Deos, pune o perfido Mirtilo,  
Pune a traidora Ismene! objectos sejam  
Da suprema vingança inevitavel  
Dous infieis espiritos corruptos.  
Em teus sacros altares indã jazem,

Fumegão inda as cinzas venerandas  
 Do immaculado incenso que a teu nume  
 Votarão minhas mãos, e as mãos da ingrata ;  
 Inda nas ermas grutas d'este bosque  
 Resôa a voz dos échos falladores  
 Que em opprobrio da perfida repetem  
 Promessas que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.  
 Sim, por teu nome, ó Deos, sim, por teu nome,  
 Por teu nome ineffavel a traidora  
 (Tintas de pejo as faces, orvalhados  
 De lagrimas de amor seus olhos meigos,  
 E absortos para o céo) jurou ser minha,  
 Jurou que em deleitoso, em aureo laço,  
 Em laço que hymenêo tece á virtude,  
 Na torrente de candidos prazeres  
 Comigo engolpharia o pensamento ;  
 Que para sempre então na sua idéa  
 Se havião de sumir, voltar ao nada  
 O mundo, a natureza, excepto Elmano.  
 Não paga de ardentissimos protestos ;  
 Em doces, em fúrtivos caracteres  
 Imprimio, renovou tão ternos votos.  
 Eu os conservo, ó Jove, elles accusão  
 A maior das traições, a mais infame,  
 No teu grão tribunal justiça implorão ;  
 Tu debes aterrar com alto exemplo  
 As almas que propendem para o crime,  
 E firmar na innocencia os virtuosos  
 Peló estrago dos réos ; debes viugar-me  
 Quem offende os mortaes os céas offende.

A monstros que, sacrilegos, profanão  
De amor e da amizade as aras santas,  
Não bastão, não convêm, não correspondem  
Esses males communs, communs flagellos  
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,  
Os attentados de remota origem,  
Fulminas da estellifera morada.  
Castigos crêa, inventa, e cáião, chovão  
Sobre os crueis artifices perversos  
Da desesperação que me atassalha;  
Sim, chovão mil, e mil, porém teus golpes  
Não sejam tão mortaes que matem logo:  
Gradua-lhe o veneno, e dobra as forças,  
Engrossa o vital fio aos dous ingratos.  
Teimosa, penosissima existencia,  
Transcendente em tristeza, em amargura  
Aos damnos da tartarea eternidade,  
Lhe arranque d'alma horrisonas blasphemias,  
Que avivem teu furor, e os seus effeitos.  
Ordena, summo Deos, à torva morte  
Que subito em mil mortes se converta,  
Que manso e manso os perfidos consuma:  
Seculos gyre o sol, milhões de vezes,  
Negando-se aos antipodas, aclare  
O clima que dous monstros enxoyalhão,  
E inda os ache a morrer. Comtudo, ó Jove,  
Se na cadêa de horrorosos dias  
Queres, para afagar-lhe o soffrimento,  
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,  
Algum menos fatal, seja esse dia

Qual este em que as entranhas me devora  
Ciume abrasador, porção do inferno.  
Eia, ao som dos meus ais acode, acode,  
Eterna, pavorosa omnipotencia...  
Mas ah! Que em preces vãs a voz fatico!  
Ó Jove, ensurdeceste! Eu não te rogo  
Que da fecunda terra me franquees  
As madidas entranhas, prenhes de ouro;  
Não dou meu culto aos idolos do avaro,  
E o louro dos heróes, dos reis o sceptro  
Tambem com fatua luz me não deslumbrão;  
Não quer elevação quem teme a quéda:  
O que exijo, o que espero é que exerçites  
Da justiça o terrivel attributo,  
Faze o dever d'um Deos, e estou contente...  
Mas, céos! Que sinto em mim! Que surdas vozes  
No coração chagado me susurrão!  
Eu lhes ouço dizer: « Perdido amante,  
« Frenetico mortal, para que invocas  
« O tremendo poder da Divindade  
« Contra o doloso amigo, e contra a fera  
« Por quem morres de amor, por quem suspiras?  
« Socega, volve em ti. Crês, por ventura,  
« Que, para á punição de enormes crimes  
« Cumpre aos céos arrojare physicos males  
« Sobre a fronte odiosa dos culpados?  
« A morte para os réos não é tormento,  
« Dos réos a maior pena é o remorso;  
« O remorso te vingue: assim defere  
« Ás preces dos mortaes o grande Jove. »

Ó vozes da razão, vozes celestes,  
Oraculo divino! Eu vós adoro,  
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,  
Afeitos longamente ás meigas phrases  
Do engano, da lisonja, e da ternura,  
A salutar dureza vos estranhem.  
Basta, já torno a mim, não mais, ó furias,  
Não mais, imprecações. Perdôa, ó Jove,  
Perdôa á minha dôr, e ao meu delirio;  
Fui louco, errado andei nas preces minhas;  
O crime, sem que as victimas te implerem,  
Por si mesmo justiça está bradando.  
Traidor, que em falsas mostras de virtude  
Envolveste a baixeza, a tyrannia,  
A cavilosa intriga, a torpe inveja,  
Da fraca humanidade os vicios todos,  
Negros enxames, que te fervem n' alma;  
Amigo desleal, que me arrancaste  
Do terno coração segredos ternos,  
Segredos que nas trevas do sepulcro  
Irião com meus dias abysmar-se,  
Se a mascara fallaz não me illudisse  
Da vil simulação, da astucia feia,  
Se a minha alma fiel, ingenua, pura,  
Pudesse concêber a idéa horrenda  
Do teu crime aleivoso e detestavel;  
Presumes-te feliz? És desgraçado  
Mais que o réo quando em mãos do algoz sauhudo  
Já pisa o cadafalso, ou mais que eu mesmo.  
Esse infame prazer que tens comprado

A custa de meus ais, de teus deveres,  
Esse infame prazer em breve, ó monstro,  
Corrompido será pela vileza  
Da lisonjeira Ismene, e mais que tudo  
Pelas pungentes garras do remorso:  
Não te cegues, traidor, não te hallucines;  
O merito não foi, foi a fortuna  
Quem chamou para ti de Ismene os olhos,  
Quem de um fervido amor me arranca o premio.  
O soffrego interesse, a mais indigna  
De todas as paixões, e a mais teimosa,  
Envenenou de Ismene o peito ingrato.  
Se aos fados como tu devesse Elmano  
Os momentaneos dons que adora o mundo,  
Frenetico de inveja, a grenha hirsuta,  
Quaes as furias do inferno, arreláras,  
Vendo-me em almos extasis de gosto  
Suspirando entre os braços da perjura.  
Fraudulento, infiel, não és amado,  
Não compra corações a vã riqueza.  
Cedo, cedo o verás. De longe observo  
Co'os olhos da perspicua fantasia  
A catastrophe atroz dos teus prazeres.  
Lá vejo a refalsada, injusta Ismene  
Ante as aras de Pluto, os olhos fitos  
Com feiticeiro agrado em outro objecto,  
Como tu desprezível, tosco, indigno,  
Mais pomposo porém, mais carregado  
Dos bens que ás cegas dá Ventura errante.  
Lá te vejo calir, victima triste

Do desdem, da cobiça e da inconstancia.  
Então conhecerás meu duro estado ;  
De zelos inférnaes então raivando,  
Sentirás mais acerbo e mais agudo  
O remorso enterrar-se-te no peito ;  
Então co'o peso enorme do teu crime  
Esse vil coração todó esmagado,  
Saberá que invisível mão suprema  
Pune, flagella os mãos, ou cedo ou tarde.  
Accelera o teu vôo, absorve, ó tempo,  
Este enfadoso espaço que divide  
O dia em que lamento a minha sorte  
Do dia em que meu mal será vingado.  
Arda, escume, blaspheme, arqueje o monstro,  
De minhas afflicções fatal principio,  
Sobrepuje o seu mal aos males todos !  
Nem um só dos mortaes o attenda, o chore :  
Dos ciumes crueis no ardor, na raiva  
Se ensaie para os horridos tormentos  
Com que pelo traidor no averno esperão  
As tres filhas da noite, as negras furias.

---



**A MORTE DE IGNEZ DE CASTRO**

CANTATA.

-A ULINA

Da miseranda Ignez o caso triste  
Nos tristes sons que a mágoa desafina  
Envia o terno Elmano á terna Ulina,  
Em cujos olhos seu prazer consiste.

Paixão que, se a sentir, não lhe resiste  
Nem nos brutos sertões alma ferina,  
Belleza funestou quasi divina,  
De que a memoria em lagrimas existe.

Lê, suspira, meu bem, vendo um composto  
De raras perfeições aniquilado  
Por mãos do crime, á natureza opposto.

Tu és cópia de Ignez, encanto amado,  
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...  
Ah! Defendão-te os céos de ter seu fado.

CANTATA

Longe do caro esposo Ignez formosa,  
Na margem do Mondego,

As amorosas faces aljofrava  
De mavioso pranto.  
Os melindrosos, candidos penhores  
Do thalamo furtivo,  
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,  
No regaço da mãe serenos gozão  
O somno da innocencia.  
Côro subtil de aligeros favonios,  
Que os ares embrãdece,  
Ora enlevado afaga  
Com as plumas azues o par mimoso,  
Ora, solto, inquieto,  
Em leda travessura, em doce brinco,  
Pela amante saudosa,  
Pelos tenros meninos se reparte,  
E com tenue murinurio vai prender-se  
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.  
Primavera louçã, quadra macia  
Da ternura e das flôres,  
Que á bella natureza o seio esmaltas,  
Que no prazer de amor ao mundo apuras  
O prazer da existencia,  
Tu de Ignez lacrimosa  
As mágoas não distrahes com teus encantos!  
Debalde o rouxinol, cantor de amores,  
Nos versos naturaes os sons varia;  
O limpido Mondego em vão serpêa  
Co' um benigno susurro, entre boninas  
De lustroso matiz, almô perfume;  
Em vão se doura o sol de luz mais viva,

Os céos de mais pureza em vão se adornão

Por divertir-te, ó Castro :

Objectos de alegria amor enjôão

Se amor é desgraçado.

A meiga voz dos zephyros, do rio,

Não te convida o somno :

Só de já fatigada

Na luta de amargosos pensamentos,

Cerras, misera, os olhos ;

Mas não ha para ti, para os amantes,

Somno placido e mudo ;

Não dorme a fantasia, amor não dorme ;

Ou gratas illusões, ou negros sonhos,

Assomando na idéa, espertão, rompem

O silencio da morte.

Ah! Que fausta visão de Ignez se apossa !

Que scena, que espectaculo assombroso

A paixão lhe afigura aos olhos d'alma !

Em marmoreo salão de altas columnas

A solio mãgestoso e rutilante

Junto ao regio amador se crê subida ;

Graças de neve a purpura lhe envolve,

Pende augusto docel do tecto de ouro :

Rico diadema de radioso esmalte

Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle :

Nos luzentes degrãos do throno excelso

Pomposos cortezãos o orgulhō acurvão ;

A lisonja sagaz lhe adoça os labios,

O monstro da politica se aterra,

E se Ignez perseguija, Ignez adora.

Ella escuta os extremos,  
 Os vivos populares, vê o amante  
 Nos olhos estudar-lhe as leis que dicta;  
 O prazer a transporta, amor a encanta;  
 Premios, dadas mil ao justo, ao sabio  
 Magnanima confere,  
 Rainha esquece o que soffreu vassalla;  
 De sublimes acções orna a grandeza,  
 Felicita os mortaes, do sceptro é digna,  
 Impera em corações... Mas céos! Que estrondo  
 O souho encantador lhe desvanecce!

Ignéz sobresaltada  
 Desperta, e de repente aos olhos turvos  
 Da vistosa illusão lhe foge o quadro.  
 Ministros do furor, tres vis algozes,  
 De buidos punhaes a dextra armada,  
 Contra a bella infeliz bramindo avanção.  
 Ella grita, ella treme, ella descora,  
 Os fructos da ternura ao seio aperta,  
 Invocando a piedade, os céos, o amante:  
 Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,  
 A suave attracção da formosura;

Vós, brutos assassinos,  
 No peito lhe enterrais os impios ferros.

Cahe nas sombras da morte  
 A victima de amor, lavada em sangue,  
 As rosas, os jasmíns da face amena  
 Para sempre desbotão,  
 Dos olhos se lhe some o doce lume,  
 E no fatal momento

Balbuçia, arquejando : « Esposo, esposo! »

Os tristes innocentes

À triste mãe se abração,

E soltão de agonia inutil choro..

Ao suspiro exhalado,

Final suspiro da formosa extincta,

Os amores acodem.

Mostra à prole de Ignez, e a tua, ó Venus,

Igual consternação, e igual belleza :

Uns dos outros os candidos meninos

Só nas azas differem,

(Que jazem pelo campo em mil pedaços

Carcazes de marfim, virotes de ouro)

Subito vôão dous do côro alado :

Este, raivoso, a demandar vingança

No tribunal de Jove;

Aquelle a conduzir o infausto annuncio

Ao descuidado amante.

Nas cem tubas da fama o grão desastre

Irá pelo universo :

Ilão de chorar-te, Ignez, na Hircania os tigres;

No torrado sertão da Lybia fêra

As serpes, os leões hão de chorar-te.

Do Mondego, que attonito recua,

Do sentido Mondegó as alvas filhas

Em tropel doloroso

Das urnas de crystal eis vêm surgindo,

Eis, attentas no horror do caso infando,

Terriveis maldições dos labios vibrão

Aos monstros infernaes, que vão fugindo.

Já c'róão de cypresté a malfadada,  
 E, arrepelando as nitidas madeixas,  
 Lhe urdem saudosas, lugubres endeixas.

Tu, écho, as decoraste,  
 E, cortadas dos ais, assim resôão  
 Nos concavos penedos, que magôão :

Toldão-se os ares,  
 Murchão-se as flôres :  
 Morrei, amores,  
 Que Ignez morreu.

Misêro esposo,  
 Desata o pranto,  
 Que o teu encanto  
 Já não é teu.

Sua alma pura  
 Nos céos se encerra :  
 Triste da terra  
 Porque a perdeu!

Contra a cruenta  
 Raiva ferina,  
 Face divina  
 Não lhe valeu.

Tem roto o seio,  
 Thesouro occulto ;  
 Barbaro insulto  
 Se lhe atreveu.

De dór e espanto  
No carro de ouro  
O Numen louro  
Desfalleceu.

Aves sinistras  
Aqui piarão,  
Lobos uivarão,  
O chão tremeu.

Toldão-se os arcs,  
Murchão-se as flôres :  
Morrei, amores,  
Que Ignez morreu.

---

### RETRATO

Vive na margem  
Do Tejo louro  
Candida nympha,  
De amor thesouro.

Madeixas bellas  
Ao ar lhe ondêão,  
Que os pensamentos  
Soltas enlêão.

Seus olhos ternos  
De alta belleza  
São dous milagres  
Da natureza.

A liberdade  
Morre de os ver,  
Mas tem na morte  
Doce prazer.

Em suas lindas  
Faces lústrosas  
O pejo enfeitão  
Jasmins e rosas.

Nos puros labios  
De acesa côr,  
Mudado em riso,  
Triumpho amor.

Um véo lhe some  
Globos de neve,  
E a fantasia  
Só se lhe atreve.

Nas mãos formosas  
Mudos desejos  
Dão-lhe invisíveis,  
Sofregos beijos.



De mil delicias  
Cofré sagrado,  
Tão escondido  
Quão suspirado,

Recebe d'ella  
Virtude tanta,  
Que até na idéa  
Gozado encanta.

O Deos terrivel,  
O summo Jove,  
Que os céos occupa,  
Que os astros move,

Um dia os olhos  
Volvendo á terra,  
Vio esta nympha,  
Das almas guerra.

Sentio de gosto  
Doce desmaio,  
Mudou de aspecto,  
Cahio-lhe o raio.

Pasmou de humano,  
Raro portento,  
Fugio-lhe Venus  
Do pensamento.

De novo em cysne  
 Foi transformar-se,  
 Mas a virtude  
 Soube o disfarce.

Ah! Se até Jove  
 Ferve em ternura,  
 Vendo os encantos  
 De Armania pura,

Se elles o ferem,  
 Que mal, que dampo  
 Farão no peito  
 Do terno Elmano!

---

### ODES ANACREONTICAS

Do vasto abysmo,  
 Do eterno horror,  
 Surgio a angustia  
 De negra cõr.

Logo após ella  
 Veio o queixume,  
 E o delirante,  
 Feroz ciume.

Determinayão  
Em crua guerra  
De pranto e sangue  
Banhar a terra.

Eis que Amarilis,  
Idolo meu,  
Entre mil graças  
Lhe appareceu.

Oh! milagroso  
Dom da belleza!  
No mesmo instante  
Rio-se a tristeza.

Ó agro lamento  
Mudo ficou :  
Só o ciume  
Desesperou.

Poupando votos  
A loura Isbela,  
Se amor fallasse  
Nos olhos d'ella,

De almos prazeres  
Me pousaria  
Candido enxame  
Na fantasia.

Outros que as almas  
Tambem têm presas,  
Se regozijão  
De ouvir finezas ;

Eu antes quero  
Muda expressão ;  
Os labios mentem,  
Os olhos não.

---

Brando leito de verdura,  
Linda alcatifa de flôres,  
Formoso vergel, plantado  
• Pelas graças e os amores,

Recebe estas frescas aguas  
Que te deve um grato amante,  
C'roa-te de nova hervinha,  
Viceja, lugar fragrante!

Quando lá no ethereo cume  
Raios o sol dardejar,  
Almos, benignos favonios  
Te venhão desaffrontar.

As debruçadas alfenas,  
Presas n'um confuso enleio,  
Miudo pranto da aurora  
Distillem sobre teu scio.

Dobra-te ao suave peso  
Da minha Armia engraçada,  
Dobra-te, relva mimosa,  
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te á pressa,  
Que se os brincos amorosos  
Amarrotada indicares,  
Não faltarão invejosos.

Formosa Marilia,  
Modelo das graças,  
Que mil pensamentos  
Acendês e enlaças,

Aquelle que animão  
Teus doces agrados,  
Terror dos amantes,  
Mimoso dos fados,

Se folgas de ouvil-o  
Por ti suspirar,  
Ao céo dos amores  
Não deixes voar.

Dos homens ignoras  
A indole errante?

Quem é muito amado  
Não é muito amante.

---

Se os deuses me conferissem  
A suprema faculdade  
De espraiaer a luz do dia  
E a nocturna escuridade,

Tarde no rôxo horizonte,  
Candida aurora, assomáras,  
Tarde as viçosas boninas  
Com teu pranto rociáras.

O Deos de que és precursora  
Só duas horas, não mais,  
Vibrára n'este hemispherio  
Seus raios, a amor fataes.

Mais longa seria a noite.  
Mais felizes os amantes,  
E eu a sabor dos prazeres,  
Dividira os meus instantes :

A quarta parte do tempo  
Ao grato somno a daria,  
Outra igual ás brandas musas,  
E a metade á minha Armia.

---

## EPIGRAMMAS

Dizem que Flavio glotão  
 Em Bocage aferra o dente;  
 Ora é forte admiração  
 Ver um cão morder na gente!

---

Pedio pelo amor de Deos  
 Dez réis um mendigo a um nobre.  
 Respondeu-lhe o cavalheiro  
 Que nunca trazia cobre.

Eis por *excellencia* o triste  
 Supplica nova começa.  
 Enternece-se o fidalgo:  
 Põe-lhe nas mãos uma peça.

---

Conheces um certo Albano,  
 Homem de raro primor?  
 (Perguntou Phileno um dia  
 A Silvio, grão jogador.)

Oh! responde-lhe o gatuno,  
 (Que aos mais tafues pede meças)

Eu sou seu intimo amigo :  
Hontem lhe ganhei cem peças.

---

A morte se enfastiou  
De surgir do orco profundo,  
Exclamando : « não estou  
Para tornar mais ao mundo. »  
Disse um medico : « eu lá vou... »

---

ALCEO.

Perdôa, tu tens, Elmano,  
Um defeito, entre diversos,  
Que cheira muito a doudice.

ELMANO.

Sim? qual é?

ALCEO.

Fazeres versos.

ELMANO.

Oh! Pois tu tambem tens outro,  
E folgára de o não teres,  
Que está mui perto da asneira.

ALCEO.

Eu! Qual é?

ELMANO.

Não os fazeres.

---



Doutor, até do hospital  
Te sacode enfermo bando.  
Que será d'isto a causal?  
É porque em tu receitando  
Qualquer doença é mortal.

---

Dizes que Phileto é tosco,  
Molle, feio, e sem sabor,  
Não levas á paciencia  
Terem-lhe as moças amor.

Nenhum merito lhe encontras  
Porque o devão attender :  
Que mais merito lhe queres?  
Agradar é merecer.

---

Estando enfermo um poeta  
Foi visital-o um doutor,  
E em rigorosa dieta  
Logo, logo o mandou pôr.

« Regule-se, coma pouco. »  
(Diz-lhe o medico eminente)  
« Ai, senhor! (acode o louco)  
« Por isso é que estou doente. »

---

## TRDUÇÃO DE UM EPISODIO DA HENRIADA

Emquanto fêra chusma de rebeldes  
As portas de Paris vai conduzindo  
O desleal fânatico mancebo,  
Sobre o successo de arrojada empreza  
Os Dezeséis sacrilegos intentão  
Dos fados aclarar a escuridade.  
Curiosa de Médicis a audacia,  
Mysterios de tão lobrega sciencia  
Já outr'ora indagou, já quiz outr'ora  
Entranhar-se nas trevas, nos horrores  
D'esta arte superior á natureza,  
Quasi sempre chimera, e sempre crime.  
Por todos foi seguido o feio exemplo,  
E o povo insano, que imitar costuma  
Com animo servil dos reis os vicios,  
Amador do que é novo, e do que assombra,  
Em multidão corria aos sacrilegios.  
Para o centro de abobada horrorosa  
Pelas nocturnas sombras o silencio  
Guiára a detestavel assembléa.  
Ao pallido clarão de mága tocha  
Ara vil sobre um tumulo se erige,  
Onde as imagens dos dous reis collocão,  
Objectos de seus odios, seus terrores,  
De suas maldições, de seus insultos.

Alli por voz sacrilega se annexa  
A nomes infernaes de um Deos o nome ;  
Cruas fileiras de aguçadas lanças  
Luzem debaixo dos medonhos tectos,  
Tingem-se as pontas em sanguineas taças,  
Horrida pompa de horrído mysterio!  
O ministro do templo é um d'aquelles  
Que, odiosos, dispersos e proscriptos,  
Gyrão, vaguêão, cidadãos do mundo :  
Levão de mar em mar, de terra em terra,  
O seu abatimento, a sua affronta ;  
E de superstições montão damnoso  
Têm por todos os climas desparzido.  
Uivando os Dezeseis em torno d'elle,  
As impias ceremonias dão principio,  
As parricidas mãos no sangue ensopão,  
De Valois vão no altar ferir o peito,  
E inda com mais terror, com mais insania  
A effigie de Bourbon derribão, calcão,  
Crendo que a morte, a seu furor ligada,  
Vai co' a dextra fatal, e inevitavel,  
Taes golpes transmittir aos dous monarchas.  
O hebrêo profanador com torvo aspecto  
Une entretanto as preces ás blasphemias ;  
Os abysmos, os céos, o eterno invoca,  
Invoca esses espiritos impuros,  
Do universo invisiveis turbadores,  
E o fogo dos infernos, e o do raio.  
Tal foi o infando, occulto sacrificio,  
Que fez em Gelboé lá n'outra idade

Aos ñumes infernaes a Pythonissa,  
Quando, perante um rei feroz e injusto,  
Chamou de Samuel a horrivel sombra;  
Assim contra Judá de vãos prophetas  
Troava em Samaria a impia boca;  
Ou tal se ouviu Atéio entre os Romanos,  
Invocados os deoses, em seu nome  
Agourar, maldizer de Crasso as armas.  
Aos escuros, aos magicos accentos  
Que profere o maligno sacerdote,  
Resposta os Dezeseis do fado esperão ;  
Cuidão que hão de forçal-o a descobrir-se ;  
O céo para os punir quiz attendêl-os.  
Eis interrompe as leis da natureza ;  
E do fundo da tacita caverna  
Eis sahe lugubre som, murmurio triste.  
Cem vezes o relampago espantoso  
Na densa escuridão se acende e apaga.  
Entre a fulminea luz, de gloria aceso,  
Em triumphal carroça Henrique assoma  
Ante os olhos do attonito congresso ;  
Cinge-lhe marcio louro a fronte augusta,  
O sceptro venerando a mão lhe adorna.  
N'isto o fogo do raio inflamma os ares,  
O altar cahe abrasado, a terra o sorve,  
E os rebeldes, o hebrêo, vão assombrados  
Seu crime e seu pavor sumir nas trévas.

**O TEMPLO DE AMOR**

Sobre o campo feliz da antiga Idalia,  
Lá no principio d'Asia, e fim de Europa,  
Alto edificio magestoso assoma,  
Do tempó assolador vedado aos damnos.  
Lançou-lhe a natureza os alicerces,  
E tu, arte subtil, depois brincando  
A simples, moderada architectura,  
Lidáste, e transcendeste a natureza.  
Alli de verdes myrtos povoadas  
As circumstantes selvas, inda ignorão  
Os insultos do inverno enregelado;  
Alli por toda a parte amadurecem,  
Por toda a parte alli formosos nascem  
Os fructos de Pomona, os dons de Flora;  
Alli para outorgar ampla colheita  
Nunca esperas, ó terra, ó mãi fecunda,  
Nem pelas estações, nem pelos votos  
Do tostado cultor; alli parece  
Que os mortaes n'um igual, sereno estado,  
Gozão tudo o que dava a natureza  
Lá na ditosa infancia do universo;  
Aturado socego, alegres dias,  
A doçura, os prazeres da abundancia,  
Os bens, os gostos da primeira idade,  
Menos a mansa e limpida innocencia.

Nenhum, nenhum rumor alli se escuta  
Senão doce harmonia encantadora,  
Molte harmonia, que amollece o peito;  
Vozes do amante, canticos da amada,  
Que a deshonra, os delirios, as fraquezas  
\* Em verso adulador lhe vai dourando.  
Vê-se turba amorosa a cada instante,  
Toucada de odoríferas boninas,  
As graças implorar do Deos que adora,  
Concorrer sequiosa a seus altares,  
E n'elles á porfia ir-se ensaiando  
No methodo suave e perigoso  
De attrahir corações, ligar vontades.  
A risonha esperança a mão lhe off'rece,  
E os guia dous e dous ás aras de ouro;  
As tres lindas irmãs, as brandas graças,  
Fagueiras, quasi nuas, e defronte  
Das francas portas do soberbo alcaçar,  
Unem veloz coréa a som divino.  
A preguiçosa, a placida molleza,  
\* A socia dos amantes, encostada  
Sobre a relva subtil, e as tenras flôres,  
Alli de ver e ouvir se apraz e enleva.  
\* Dorme a par d'ella o tacito mysterio,  
Jazem-lhe em roda os magicos sorrisos,  
O pontual desvelo, a complacencia,  
Jaz o prazer, e os sofregos desejos,  
Inda mais que o prazer encantadores.  
Tal é na entrada o templo sumptuoso,  
Mas quando além das portas, e debaixo

Da rutilante abobada sagrada  
 Passo audaz se encaminha ao sanctuario,  
 Que espectáculo horrendo aterra os olhos!  
 \* Alli não resplandece, alli não vò a  
 \* Nitido enxame de louçãos prazeres,  
 \* A celeste harmonia alli não ousa,  
 \* As azas transparentes meineando,  
 \* Nos tristes corações insinuar-se.  
 \* Queixas, tormentos, desvarios, sustos  
 \* Em densa multidão, tropel confuso,  
 \* Chorão, blasphemão, desatinão, tremem,  
 \* Gerão n'este lugar o horror do inferno.  
 O carrancudo, o livido ciume  
 Segue n'um passo tremulo a suspeita;  
 Odio, raiva, entornando o seu veneno,  
 Armados de punhães, lhe vão na frente.  
 Malicia, tu os vês, e satisfeita  
 Co' um sorriso traidor a insania approvas :  
 Eis o arrependimento os vai seguindo,  
 E em seus ais condemnando-lhe a fereza,  
 De lagrimas inunda os olhos baixos.  
 Em meio d'esta chusma pavorosa,  
 Companheira fatal dos vãos prazeres,  
 Tem conservado amor seu domicilio  
 \* Desde que lá no azul, no ethereo vacuo,  
 \* Cahio das mãos de Jove o sol recente.  
 Da terra os fados tem na tenra dextra  
 O cruel, tentador, gentil menino;  
 Dá co' um sorriso a paz, com' outro a guerra;  
 Seu nectar derramando em toda a parte,

Seu nectar, que depois torna em peçonha,  
É alma do universo, e vive em tudo.

\* Do throno em que dá leis á natureza,  
Contemplando a seus pés milhões de escravos,  
Orgulhosas cabeças pisa, esmaga;

\* Mais pago do rigor que da piedade,  
Dos males que produz se desvanece.

\* Mortaes, tristes mortaes, que horrivel quadro!

\* Mas os males de amor têm recompensa,

\* Têm doce galardão : mortaes, amemos.

### O CÃO E A CADELLA

Tinha de uma cadella um cão fome canina,  
Elle bom perdigueiro, ella de casta fina.  
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,  
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão :  
Dando no chichisbéo dentada, e mais dentada,  
A femea parecia uma cadella honrada,  
E incapaz de ceder ás pretensões de amor ;  
Mas o amante infeliz emfim foi sabedor  
De que a mesma, em que via acções tão desabridas,  
Era co' um torpe cão fagueira ás escondidas.  
Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto  
Cadellas de dous pés que tambem fazem isto.



**O CORVO E O PAVÃO**

Passeando o pavão com ufania,  
É fama que dissera ao corvo um dia :  
« Repara quanto devo á natureza!  
Olha que lindas côres, que viveza,  
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!  
Em mim não ha senão; e tu, diabo,  
Negro como um carvão, como um besouro,  
Inda és, de mais a mais, ave de agouro! »  
O corvo, que na lingua não tem papas,  
Lhe responde : « Essas pennas são mui guapas,  
Mas, para refrear teu desvario,  
Observa d'essas pernas o feitio. »  
Ainda (quem dará credito a isto!)  
As pernas o pavão não tinha visto :  
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,  
Que em seus olhos não vê nem uma trave!

**O CÃO DE FRALDA E A RAPOSA**

N'um dos pés arranhado, um cão fraldeiro  
Temeu chegar ao trance derradeiro :

O medico chamou; pôz-se de cama,  
E a dôr encareceu como uma dama,  
(Porque n'este melindre, ou n'esta balda  
Uma dama equivale a um cão de fralda)  
Era então a raposa, arteira e fina,  
Entre os brutos doutora em medicina.  
Entrou, n'um passo grave, um ar sisudo,  
E em tom de quem dizia: « Eu saro tudo. »  
Tendo-lhe visto o pé que lhe doía,  
Perguntou ao doente o que sentia.  
Depois de se esfalfar com fôfa prosa,  
Concluiu: « A doença é perigosa,  
Mas hei de conseguir a grande empreza  
De ajudar, ou vencer a natureza. »  
É certo que logrou tão alta sorte,  
É certo que a venceu, mas foi co' a morte.  
Tendo emplastos e purgas decretado,  
E com mil beberagens misturado  
Mil gordos aphorismos de Avicena,  
Ou de Averróes, seguio-se-lhe gangrena,  
Que, tornando mortal a arranhadura,  
O cãozinho encaixou na sepultura.  
Assim que o duro medico feroz  
O mandou visitar a seus avós,  
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais,  
A paga foi pedir aos tristes pais.  
Clamarão: « Linda a terra te não traga!  
O filho nos mataste, e queres paga! »  
« Que! (responde a raposa) ora essa é bella!  
E o trabalho que eu tive é bagatella?

Dar vida não está na nossa' mão :  
Tanto nos rende o morto como o são. »

---

### A DESCRIÇÃO DO DILUVIO

POR GESSNER

As torres de estranhíssima grandeza  
Estavão pelas aguas já cobertas;  
E a triste, malfadada humanidade  
Já não tinha outro asylo, outra guarida  
Mais que o cimo de um monte alcantilado,  
Que ainda além das ondas assomava.  
Soar em torno d'elle os ais se ouvião  
Dos miseros mortaes que em vão lidavão  
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se  
Da insaciavel morte, que, enrolada  
Na escumosa torrente, os perseguia.  
Eis que desaba em parte a grã montanha,  
Eis que a rota porção no mar se abysma,  
E na quéda fatal consigo abate  
Quantos ao vão refugio se acolhêrão.  
O filho cabe d'alli precipitado,  
Lançando pias mãos ao pai caduco;  
Das maviosas mãos no seio amigo  
Tenros meninos suffocados morrêm;  
Pavoroso motim retumba ao longe

Dos homens e dos brutos, que perecem  
Juntos no horrivel barathro dos mares.  
Já não restava então mais do que um pico  
Altissimo da serra ainda illeso  
Do estrago universal. Fanor, mancebo,  
\* Heróe no coração, pastor no officio,  
Para alli conduzira a doce amante;  
Semira d'entre as ondas arrancára,  
E, apezar do furor das vagas todas,  
O triumphante amor, amor piedoso,  
A donzella infeliz salvou da morte.  
Tinhão nascido os dous nos fertes campos  
Que banha o longo, celebrado Euphrates;  
Fanor entre os que alli se distinguão  
Era o mais abastado, o mais amavel;  
Semira a mais gentil, mais virtuosa  
Das suas companheiras; os desejos  
Tu ias, Hymenêo, satisfazer-lhes,  
E o dia de vingança, o dia horrendo  
Em que Deos castigar determinára  
Do mundo os negros, os nefandos crimes,  
Era o mesmo em que havião de ligar-se  
N'um laço deleitoso os dous amantes.  
Jazia tudo o mais no bojo immenso,  
Nos abysmos do mar; Fanor, Semira,  
Sós ao geral naufragio sobrevivem.  
Em montes a seus pés as vagas magem,  
Por cima das attonitas cabeças  
Lhes rebomba o trovão: reina-lhe em roda  
Pesada escuridão, eujos horrores

O clarão dos relampagos não rasga  
Senão para offrecer-lhe aos olhos tristes  
O medonho espectáculo dos mortos,  
O miseravel tumulo da terra.  
Estreitava Semira o terno amante  
Ao peito esmorecido e melindroso ;  
Junto a seu coração, tremula e fraca,  
Ella o quer, ella o tem, e assim moderã  
O terror em que a põe seus duros fados.  
« Meu querido Fanor (lhe diz Semira),  
Já não ha para nós nenhum refugio,  
É forçoso morrer; já, já nos cerca  
A vingança dos céos por toda a parte.  
Não ouves o fragor, não vês as serras  
Do tormentoso mar! Não vês, não ouves  
Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!  
Já não ha para nós nenhum refugio,  
É forçoso morrer... Ó morte! Ó morte!  
Eras tu quem devia unir-nos hoje?...  
Oh! meu Deus! Meu juiz! Eil-a bramindo...  
Eil-a que se arremessa a devorar-nos...  
Ai! Como se revolve em cada vaga!...  
Sustenta-me, Fanor... entre os teus braços...  
As ondas... me arrebatão... me arrebatão...  
Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro... »  
Ditas estas palavras, cerra os olhos,  
Congela-se-lhe a voz, e cahe sem forças  
Entre os braços do amante. Elle, sem tino,  
Já não vê serpear o ethereo fogo,  
As ondas já não vê fervendo em serras,

Não vê mais que Semira entregue á morte.  
A lassa robustez no mesmo instante,  
A desesperação e amor lhe innovão ;  
Em seus braços aperta a doce amada,  
D'entre as ondas se arranca, e de mil beijos  
Cobre as macias, delicadas faces,  
Co' a triste pallidez inda formosas,  
E frias e alagadas dos chuveiros.  
« Semira (elle lhe diz), meu bem, desperta,  
Esta scena de horror contempla ainda,  
Volve ainda uma vez a mim teus olhos,  
Dize ainda uma vez que has de, ó querida,  
Amar-me até morrer, dize-o, repete-o  
Antes que as bravas ondas nos engulão. »  
Diz : ella torna em si, lança-lhe os olhos  
Cobertos de agonia e de ternura ;  
Sobre a destruição depois os firma :  
« Oh ! meu Deos ! Meu juiz ! (exclama a triste)  
Já não ha para nós, não ha piedade ?  
Ai ! Com que furias as ondas vêm rolando !  
Que horrorosos trovões !... Oh ! Deos eterno !  
Meu pai ! Meu Creador ! Não te commoves !  
Não deixas abandonar vinganças tuas !  
Ah ! tu, que tudo vês, tu bem o sabes,  
Os annos de Fanor, e os de Semira  
Ião correndo envoltos na innocencia.  
Oh ! tu, claro exemplar de mil virtudes,  
Tu, dos filhos dos homens o mais justo,  
Como emfim mereceste... ai desgraçada !  
Eu vi, vi perecer todos aquelles

Que fazião tão doces os meus dias ;  
Eu te vi perecer, meu pai (que angustia,  
Que amargosa lembrança!) Eu te apertava  
Em meus convulsos braços, tu erguias  
Para a filha os pesados, ternos olhos,  
E para abênçoal-a as mãos piedosas,  
Quando as terriveis ondas te sorvêrão!  
O que era para mim de mais estima  
Me foi roubado, oh! céos! porém, comtudo,  
Nos abysmos, Fanor, sumida a terra,  
Presentára a meus olhos as delicias,  
As graças do terrestre paraíso,  
Se o céo me concedêra o possuir-te...  
Ó Deos! Ó summo Deos! Não ha clemencia!  
Nossa vida innocente nos não vale!  
Não poderá vencer... mas, cega! Aonde  
Me leva, me arrebatá a minha angustia!  
Perdôa, ó meu juiz, meu Deos, perdôa;  
Estas murmurações expie a morte.  
Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,  
Quanto a mesma innocencia é criminosa!»  
Fanor aqui susteve a gentil moça,  
Que ao repelão do vento ia cahindo,  
E sustentando-a, lhe diz: « Sim, ó Semira,  
Nosso final momento está chegado;  
As ledas, as suaves esperanças  
De um reciproco amor se esvaecêrão:  
Eis o termo fatal dos nossos dias;  
Porém não acabemos como os ímpios.  
É forçoso morrer, mas, doce amada,

Além d'esta mortal vida penosa  
Vive a gloria, o prazer, a eternidade.  
Remontem-se, querida, as almas nossas  
Ao Deos seu Creador : longe os terrores :  
Nós vamos exultar, e agasalhar-nos  
No seio paternal do Omnipotente ;  
Abraça-me, e esperemos nossos fados.  
Do centro d'este horror, Semira, em breve  
Nossos livres espiritos, voando  
Engolfados n'um jubilo sem termo,  
Se irão sumindo pelo céo brilhante.  
Ó Deos ! Ó grande Deos ! Esta esperança  
Em nossos corações nutrir ousamos.  
Elevemos, Semira, eia, elevemos  
Enfraquecidas mãos ao nume eterno.  
Cabe em frageis, erradas creaturas  
Dos juizos de um Deos tentar o abysmo ?  
Aquelle que nos deu c' um sopro a vida,  
Que póde quanto quer, prepara, e manda  
A morte ao criminoso, a morte ao justo.  
Venturoso o mortal, feliz quem sempre  
Da virtude trilhou, seguio a estrada !  
A vida já, meu Deos, te não pedimos,  
Execute-se em nós tua justiça ;  
Mas acende, afervora esta esperança  
De um bem, de um alto bem, summo, ineffavel,  
Vedado á turbação e horror da morte.  
Brada então sobre nós trovão medonho,  
Devorai-nos então, sanhudos mares !  
O saño, o justo Deos seja exaltado,



E ultimo sentimento, ultima idéa  
De nossos corações, de nossas almas,  
Seja seu nome, sua gloria seja. »

O jubilo e valor asserenarão  
O rosto de Semira, e no seu rosto  
Os lumes immortaes da diuidade  
Como que já luzião. « Sim (diz ella,  
Alçando para o céo as mãos mimosas)  
Eu te sinto, dulcissima esperança,  
Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,  
Lgrimas de alegria, até que a morte  
Com a gelida mão venha cerrar-vos.  
Uma gloria sem fim por nós espera.  
Vós, parentes, vós, pais, delicias nossas,  
Arrancados nos fostes, mas em breve  
Nos vamos novamente unir comvoseo.  
Dos justos, ó meu Deos, está cercado  
Lá no cume dos céos teu throno augusto ;  
Tu de todas as partes do universo  
Os congregas, Senhor. Fervei, ó raios,  
Inchai-vos, escarcéos, bramí, ó ventos;  
Vós sois, vós todos sois da inevitavel  
Justiça eterna os canticos e os orgãos.  
Abraça-me, querido... olha... esta vaga  
Escumosa e feroz... nos traz a morte...  
Abraça-me, Fanor... não me abandones...  
Ai! Já me erguem... as ondas... já me absorvem. »  
« Semira (diz Fanor), eu não te deixe,  
Eu te abraço, meu bem. Tu vens, ó morte,

Tu vens enfim cumprir nossos desejos...  
Graças... mil graças á justiça eterna... »

Assim fallárão, e em abraço estreito,  
Tragados pelas ondas, perecêrão.

---

**TRADUÇÃO DO 1º LIVRO DAS METAMORPHOSES  
OU TRANSFORMAÇÕES DE OVIDIO**

Antes do mar, da terra, e céu que os cobre,  
Não tinha mais que um rosto a natureza :  
Este era o cháos, massa indigesta, rude,  
E consistente só n'um peso inerte.  
Das cousas não bem juntas as discordes,  
Priscas sementes em montão jazião ;  
O sol não dava cláridade ao mundo,  
Nem crescendo outra vez se reparavão  
As pontas de marfim da nova lua.  
Não pendias, ó terra, d'entre os ares,  
Na gravidade tua equilibrada,  
Nem pelas grandes margens Amphitrite  
Os espumosos braços dilatava.  
Ar, e pelago, e terra, estavam mixtos :  
As aguas são pois innavegaveis,  
Os ares negros, moveção a terra.

Fôrma nenhuma em nenlhum corpo havia,  
E n'elles uma cousa a outra obstáva,  
Que em cada qual dos embryões enormes  
Pugnavão frio, e quente, humido, e secco,  
Molle, e duro, o que é leve, e o que é pesado.  
Um Deos, outra mais alta natureza  
À continua discordia enfim põe termo,  
A terra extrahe dos céos, o mar da terra,  
E ao ar fluido e raro abstrahe o espesso.

Depois que a mão divina arranca tudo  
Do enredado montão, e o desenvolve,  
Em lugares diversos que lhe assigna,  
Liga com mutua paz os corpos todos.  
Subito ao cume do convexo espaço  
O fogo se remonta ardente e leve;  
A elle no lugar, na ligeireza  
Proximo fica o ar; mais densa que ambos  
A terra puxa os elementos vastos,  
Da propria gravidade é comprimida.  
O salitroso humor circumfluyente  
A possui, a rodêa, a lambe, e aperta.

Assim depois que o Deos (qualquer que fosse)  
O grão corpo dispôz, quiz dividil-o,  
E membros lhe ordenou. Para que a terra  
Não fosse desigual em parte alguma,  
Por todas a compôz na fôrma de orbe.  
Ao mar então mandou que se esparzisse,  
Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,

E orgulhoso abrangesse as louras praias ;  
 Á mole orbicular deu fontes, lagos,  
 Rios cingindo com obliquas margens,  
 Os quaes, em parte absortos pelas terras  
 Varias que vão regando, ao mar em parte  
 Chegão, e recebidos lá no espaço  
 De aguas mais livres, e extensão mais ampla,  
 Em vez das margens assaltêo praias.

O universal factor tambem dissera :  
 Descei, ó valles, estendei-vos, campos,  
 Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas!  
 Como o céo repartido á dextra parte  
 Tem duas zonas, á sinistra duas  
 E uma no centro mais fogosa que ellas,  
 Assim do Deos o provido cuidado  
 Pôz iguaes divisões no terreo globo.  
 Elle é composto de outras tantas plagas ;  
 Aquella que das mais está no meio  
 Em calores inhospitos se abrasa ;  
 Alta neve enregela e cobre duas ;  
 Outras duas, porém, que entre ellas ambas  
 O numen situou, são moderadas,  
 Mixto o frio e calor. Fica eminente.  
 A estas o ar, que assim como é mais leve  
 O peso d'agua que da terra o peso,  
 Tanto mais peso coube ao ar que ao fogo.  
 Deos ordenou que as nevoas e que as nuvens  
 Errassem no inconstante, aereo seio,  
 Que os ventos o habitassem, productores

Dos penetrantes frios que estremecem,  
E os raios, os trovões que o mundo aterrão;  
Mas o supremo autor não deu nos ares  
Arbitrário poder aos duros ventos;  
Bem que rebentem de encontrados climas,  
Resistir-se-lhe pôde á furia apenas,  
Vedar que em turbilhões lacere o mundo;  
Tanta é entre os irmãos a desavença!  
Euro foi sibilar ao céu da aúrorá,  
Aos reinos Nabathéos, á Persia, aos cumes  
Que o raio da manhã primeiro alcança.  
O vespero, essas plagas, que se amornão  
Com Phebo occidental, estão vizinhas  
Ao Zephyro amoroso; o féro Boreas  
Da Scythia féra, e dos triões se apossa;  
As regiões oppostas humedece  
Austro chuvoso com assiduas nuvens.  
O numen sobrepôz aos elementos  
O liquido é sem peso ether brilhante,  
Que das terrenas fezes nada envolve.  
Logo que tudo com limites certos  
Foi pela eterna dextra signalado,  
As estrellas, que oppressas, que abafadas  
Houve em si longamente a massa escura,  
A arder por todo o céu principiárão;  
E porque não ficasse do universo  
Alguma região deshabitada,  
Astros e deoses tem o ethereo assento.  
O mar aos peixes nitidos é dado,  
Aves ao ar; quadrupedes á terra.

A estes animaes faltava um ente  
Dotado de mais alta intelligencia,  
Ente que a todos legislar pudesse :  
Eis o homem nasce, e ou tu, supremã origem  
De melhor natureza, e quanto ha n'ella,  
Ou tu, pasmoso artifice, o formaste  
Para extracção de divina semente,  
Ou a terra inda nova, inda de fresco  
Separada dos céos, lhes tinha o germe.  
Com aguas fluviaes embrandecida,  
D'ella o filho de Jápeto affeição,  
Organisa porções, e as assemelha  
Aos entes immortaes, que regem tudo.  
As outras creaturas debruçadas  
Omniando a terra estão, porém ao homem  
O factor conferio sublime rosto,  
Erguido, para o céu lhe deu que olhasse.

A terrã, pois, tão rude e informe d'antes,  
Presentou finalmente, assim mudada,  
As humanas, incognitas figuras.

Foi a primeira idade a idade de ouro.  
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma,  
Culto á fé e á justiça então se dava,  
Ignoravão-se então castigo e medo;  
Ameaços terriveis se não lião  
No bronze abertos; supplice caterva  
Á face do juiz não palpitava;  
Todos vivião sem juiz, sem damno.

Inda nos p<sup>er</sup>rios montes decepado  
As ondas não baixava o pinho ingente  
Para depois ir ver um mundo estranho:  
De mais clima que o seu ninguém sabia.  
Fossos ainda não cingião muros,  
As tubas, os clarins não resoavão,  
Nem armas, nem exercitos havia:  
Sem elles os mortaes de paz segura  
Em ocios innocentes se gozavão.  
O ferro sulcador não a rompia,  
E dava tudo a voluntaria terra.  
Contente do que brota sem cultura,  
Colhia a gente o montanhez morango,  
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,  
Ás duras silvas as amoras presas,  
E as lisas producções de tenue casca,  
Que da árvore de Jupiter cahião.  
Erão todas as quadras primavera:  
Mansos Favonios com subtil bafejo,  
Com tepidos suspiros amimavão  
As flôres, que sem germe então nascião.  
Vião-se enlourecer, vingar as messes  
Nos campos nem roçados de adubio,  
Em rios ir correndo o leite, o nectar:  
E da verde azinheira estar cahindo  
O flavo mel em pegajosas gottas.  
Depois que foi Saturno exterminado  
Ao tartaro, e ficou a Jove o mundo,  
Veio outra idade, se inf'rior á de ouro,  
Sup'rior á de cobre, a idade argentea.

Jove cōtrahg a primavera antiga,  
Verões, invernos, desiguaes outomnos,  
Curta e branda estação que anime as flôres,  
O aão repartem, variando os tempos.  
O ar então começou a escandecer-se,  
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;  
Os humanos então principiárão  
A demandar guaridas, a ter lares :  
Grutas, choupanas os seus lares forão.  
Pela primeira vez o grão de Ceres  
Se esparzio, se escondeu nos longos sulcos,  
E opprimidos do jugo os bois gemêrão.  
As duas succedeste, ahenea prole,  
De genio mais feroz, mais prompto á guerra,  
Mas não impio. Eis a ultima, a de ferro.  
Todo o horror, todo o mal rebentão d'ella.  
Subito fogem fé, pudor, verdade,  
Occupão-lhe o lugar mentira, astucia,  
A insultuosa força, a vil perfidia,  
Da posse e do poder o amor infando.  
Velas o navegante aos ventos solta,  
Aos ventos inda bem não conhecidos ;  
Longamente nas serras arraigado,  
O lenho já commette ignotas vagas ;  
A terra, que atélli de todos fôra,  
Como os ares e o sol, por cauto dono  
Já se abalisa com limite extenso.  
Não se lhe pedem só devidos fructos,  
Uteis seáras, vai-se-lhe ás entranhas,  
Cavão-lhe o que sumio na estygia sombra,



Cavão riquezas, incentivo a males.  
Já se desencantára o ferro infenso,  
E o ouro inda peor; eis surge a guerra,  
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,  
Vibrando as armas na sanguinea dextra.  
Fervem os roubos: o hospede seguro  
Do hospede não está, do genro o sogro,  
A concordia entre irmãos tambem é rara.  
Tentão morte reciproca os esposos,  
As madrastras cruéis dispoem venenos,  
Conta os dias paternos filho avaro;  
Jaz vencida a piedade, e sahe do mundo,  
Do mundo ensanguentado a pura Astréa  
Depois que os outros deoses o abandonão.  
Para não ser mais livre o céu que a terra,  
É fama que gigantes o assaltarão.  
A etherea monarchia ambicionando,  
Pondo até às estrellas monte em monte.  
O padre omnipotente, o summo Jove  
N'isto com raios esbroando o olympto,  
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,  
Sobre o tropel sacrilego os derruba.  
Esmagados co' o peso os féros corpos,  
Diz-se que a terra, a mãe, no muito sangue  
Dos filhos ensopada, o fez vivente,  
Homens d'elle creou, porque a memoria  
Da progenie feroz permianecesse.  
A nova geração tambem foi dura,  
Dos numes foi tambem desprezadora,  
Amiga da violencia e da matança,

Denotando que o sangue o ser lhe dera.  
 Saturnio vio dos céos estas maldades,  
 Gemeu, e recordando um impio caso,  
 Indá não divulgado, inda recente,  
 O atroz festim da lycaónia mesa,  
 Iras concebe o Deos dignas de Jove,  
 E o conselho immortal convoca á pressa,  
 Que á pressa congregado acode ao mando.

Ha nos céos um caminho alto e patente,  
 (A nimia candidez o faz notavel)  
 Lacteo se chama, vão por elle os numes,  
 Os gravès cortezãos do grão tonante  
 Á morada real. D'um lado e d'outro  
 Dos deoses principaes os lares brilhão,  
 Abertas as fulgentes, grandes portas.  
 Deoses menores outro espaço habitão,  
 E os potentes celicolas supremos  
 Á frente os seus penates collocárão.  
 Este, a caber na voz audacia tanta,  
 O palacio dos céos appellidára.  
 Em marmoreo salão juntos os deoses,  
 Todos depois de Jupiter se assentão,  
 Que em lugar sobranceiro, e sobreposta  
 A fulminante mão no eburneo sceptro,  
 Por tres e quatro vezes meneando  
 Espantosas melenas, com que abala  
 A terra, o mar, e os céos, taes vozes solta  
 Com séra indignação: « Maior cuidado  
 O mundo me não deu n'aquella idade,

Em que a turba de anguipedes gigantes  
Queria o céo romper com braços cento,  
Que ainda que era multidão terrível,  
Hoste feroz, comtudo de um só corpo,  
E de uma origem só pendia a guerra.  
Eis-me n'um tempo agora em que é forçoso  
Fazer tremenda, universal justica,  
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo  
Quanto abraça Nerêo circumsonante.  
Subterraneas, tristissimas correntes,  
Correntes que lambeis o estygio bosque,  
Até juro por vós que ao mal infando  
Mil remedios em vão tentei primeiro;  
Mas incuravel chaga exige o ferro,  
Cortada cumpre ser porque não lavre,  
Porque não fique o são tambem corrupto.  
Ha, porém, semideoses entre os homens,  
Campestres numes ha, faunos, e nymphas,  
Satyros, e os monticolas silvanos;  
Todos são attendiveis, todos nossos.  
Se inda honral-os no céo não nos aprouve,  
Nas dadas terras é dever que habitem.  
Mas podereis pensar que estão seguros,  
Ó deoses, quando a mim, que empunho o raio,  
A mim, que vos dou leis, tramou ciladas  
Lycaon, o afamado em tyrannia? »

N'esta interrogação freme o congresso :  
Querem todos o réo da enorme audacia,  
Em vinganças fervendo o pedem todos.

Assim quando impia mão queria extinto  
De Roma o nome no cesareo sangue,  
Pelo terror da subita ruina  
Attonita ficou a especie humana ;  
Todo o mundo tremeu de horrorisado,  
Augusto, então dos teus não menos grata  
A ternura te foi que a Jove aquella.

Depois que ao grão susurro impôz silencio  
Co' a mão e a voz, emmudecêrão todos.  
Suffocado o furor no acatamento,  
O monarcha dos céos assim prosegue :  
« Cuidado vos não dê a acção nefanda ;  
O sacrilego autor já foi punido ;  
Direi primeiro o crime, e logo a pena.  
Do corrompido seculo as infamias  
Subirão-me á noticia ; desejoso  
De achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,  
E a terra discorri com face humana.  
Relevára occupar moroso espaço  
Na feia narração do que hei sabido,  
De horrores que encontrei por toda a parte ;  
Era a verdade emfim maior que a fama.  
Passado havendo o Menalo abondoso  
De horrorosos covis que alojão feras,  
O Cyleneo de rochas carregado,  
E o frigido Lycêo, que os pinhos c'rôão,  
Do arcadico tyranno os lares busco,  
Entre os paços inhospitos já quando  
Negrejava o crepusculo da noite.

Dou mostras de que um Deos era chegado,  
E votos pios me dirige o povo.  
Das preces Lycaon se ri primeiro,  
Depois diz : « Saberei com prova inteira  
« Se é Deos, ou se é mortal. » Dispõe matar-me  
Quando os olhos tiver do somno oppressos  
Da verdade lhe agrada esta experiencia,  
E inda não pago d'isto, a espada infame  
Vibra contra a cerviz de um desgraçado  
Que dos molossos em refens houvera.  
Aos semivivos, palpitantes membros  
Parte amollecem as ferventes aguas,  
As sotopostãs brasas tórrão aguas,  
Já nas mesas se impõe; mas de repente  
Co' a dextra vingadora o raio agito,  
Sobre o cruel senhor derrubo os tectos,  
Os tectos, e os penates, dignos d'elle.  
Para o silencio agreste, agrestes sombras  
Foge rapidamente, espavorido,  
E querendo fallar, uiva o perverso;  
Colhem do coração braveza os dentes,  
Eo' o matador costume os volve aos gados;  
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.  
A veste em pello, as mãos em pés se mudão,  
É lobo, e do que foi signaes conserva;  
As mesmas cans, a mesma catadura,  
E os mesmos olhos a luzir de raiva.  
Já uma habitação cahio por terra,  
Mas digna de cahir não é só uma.  
Erinnys senhorêa o mundo todo :

Parece que os humanos protestarão  
 Não ter mais exercicio que o do crime.  
 A pena que merecem todos sintão;  
 Está dada a sentença. » E fica mudo.

O decreto de Jove alguns approvão,  
 E á ira horrenda estimulos aggregão;  
 Outros lhe prestão simplesmente assenso.  
 Dóe a todos, porém, o immenso estrago;  
 Da triste humanidade o fim lhes custa;  
 Perguntão qual será da terra a face,  
 Qual fórma a sua, dos mortaes vazia?  
 Quem há de ás aras ministrar o incenso?  
 Será talvez o mundo entregue ás féras?  
 O que dos homens foi semá dos brutos?  
 D'est'arte os deoses o vindouro inquirem.

« Não temais (lhes responde o rei superno),  
 Esse cuidado é meu, dispuz já tudo; »  
 E melhor geração do que a primeira  
 Com portentosa origem lhes promette.

Ja já disparzir por toda a terra  
 O numen vingador milhões de raios;  
 Eis teme que a voraz, terrivel chamma  
 Com impeto crescida, e levantada  
 Nos céos emfim se atêe, os céos abraze.  
 Á memoria lhe vem que leu nos fados  
 Que inda a terra, inda o mar, inda as estrellas  
 Serião de alto incendio accommettidos,

E a machina do mundo arruinada.  
Depondo as armas que os Cyclopes forjão,  
D'outra pena se apraz, com outros males  
Quer punir os mortaes, quer suffocal-os  
Co' as soltas aguas, derretendo as nuvens  
Por todo o pólo em rapidos chuweiros.  
Na gruta colia subito aferrolha  
Aquilão rugidor, e os mais que espancão  
Atras procellas, gravidos vapores.  
O noto desencerra e vôa o notó,  
Longas as pennas madidas, envolta  
Em densa escuridão a atroz carranca.  
Pesão-lhe as barbas com pejudas nuvens,  
Gotteja-lhe a melena encanecida,  
Pousão-lhe as nevas na cabeça horrenda,  
Co' as azas, e co' peito orvalha os ares.  
Tanto que espreme as procellosas sombras  
Um rispido fragor no céo retumba,  
E o céo rebenta em horrida torrente.  
Iris, a nuncia da saturnia Juno,  
Trajando roupas de matiz lustroso,  
Embebe as aguas e alimenta as nuvens.  
Morrem nas louras, tremulas seáras  
Ao cultor lacrimose as esperanças ;  
Um momento destróe d'um anno a lida.  
Para o furor de Jove os céos não bastão ;  
O azul irmão co' as ondas o auxilia:  
Este os rios convoca, e mal que os paços  
Entrão do iroso, undivago tyranno :  
« Não careço (lhes diz) para comvoseo

De longa exhortação, fieis ministros.  
 Ide, inchai, derramai-vos pelas terras.  
 Vazem-se de repente as urnas vossas,  
 Rompa-se o dique ás profugas correntes,  
 Solte-se o freio ás aguas. Assim cumpre. »

Ordena, partem, correm, vão-se ás fontes.  
 E as bocas d'onde sahem lhes desapertão :  
 Volvem depois ao mar desenfreiados.  
 Neptuno vibra o cerulo tridente,  
 Fere a terra com elle, e treme a terra,  
 E ás aguas co' tremor franquêa o seio.  
 Em brava rapidez correndo os rios,  
 Já dos campos se apossão, já derrubão,  
 Já comsigo arrebatão plantas, gados,  
 Gentes, habitações, e os lares santos.  
 Se ha por dita edificio que não caia,  
 Se algum resiste ao pavoroso estrago,  
 A torrente voraz lhe cobre os tectos ;  
 Tremendo as torres ameação quêda,  
 Rotas, cavadas pelo embate undoso.  
 Já se confunde o pelago com a terra,  
 Já tudo é mar, ao mar já faltão praias.  
 Qual sobe, resfolgando, alpestre outeiro,  
 Qual vaguêa medroso em curvo barco,  
 E onde lavrário boi trabalhão remos.  
 Sobre as perdidas, afogadas messês.  
 Vai navegando aquelle ; ou sobre o cimo  
 Das submersas aldêas, este encontra  
 Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo.



Ferrão-se acaso as ancoras ganchosas  
Nos murchos prados, que viçosos forão;  
De Baccho a planta, ás ondas sotoposta,  
Jaz mordida também dos ferreos dentes;  
Na relva que os rebanhos tosquiárão  
Pousa do equoreo vate o gado informe :  
Assoinbrão-se as Nereidas de avistarem  
Debaixo d'agua bosques, edificios ;  
Por entre as selvas os delfins voltêão,  
Co' as négras trombas pelos troncos batem,  
E o carvalho a vergar no encontro empurrão.  
O lobo vai nadando entre as ovelhas ;  
Em meio da torrente impetuosa  
Boião fulvos leões, manchados tigres.  
Não vale aos javalis a força enorme,  
A summa rapidez não vale aos cervos.  
Buscada longamente, e em vão buscada  
Pelas aereas aves sendo a terra,  
Onde repousem do continuo vôo,  
Cansão-se emfim, despenhão-se das aguas.  
Eis em soberbos torreões de espuma  
Tenta o pégo arrogante as arduas serras ;  
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos  
As ondas que jámais alli fervêrão.  
Assaltando os miserrimos viventes  
No vão refugio, quasi tudo absorvem,  
E aquelles que da furia se lhe esquivão  
Em comprido jejum ralados morrem.  
A Phócida, que os Acticos separa  
Dos afamados campos da Beocia,

E terra pingue ~~foi~~ quando foi terra,  
É já d'aguas envoltas lago immenso.  
Alli de cumes dous montanha ingente,  
Tendo a ramosa fronte além das nuvens,  
E arremettendo aos céos, se diz Parnasc.  
N'ella Deucalion, (porque dos mares  
Jazia tudo o mais emfim coberto)  
N'ella Deucalion tinha aportado  
Em pequeno baixel co' a terna esposa,  
Forçados pelos impetos das aguas.  
Desembarcando os dous, off'recem logo  
Interno culto aos numes da montanha,  
As nymphas de Corycio, a Themis sacra,  
De quem alli o oraculo se ouvia.  
Nenhum dos homens exceedera aquelle  
No amor ao justo, no temor aos deoses;  
Luzião na consorte iguaes virtudes.  
Jove, que o mundo vê todo inundado,  
Vivos de tantos mil só um, só uma,  
Ambos tão pios, tão amaveis ambos,  
C'os soltos aquilões sacode as nuvens,  
As pesadas carrancas dos chuveiros,  
E a terra mostra aos céos, e os céos á terra.  
Nem do pelago a furia permanece!  
Co' ferro de tres pontas mal que o toca  
As ondas lhe amacia o deos das ondas,  
E chamando Tritão, que levantado  
Sobre a agua está, (cobertos de brilhante  
Purpura natural seus rijos hombros)  
O buziõ roncador lhe diz que assopre,

Que no usado signal ordene aos rios,  
E ao trasbordado mar que retrocedão.

Da sonora e concava buzina  
Lança mão de repente o grão mancebo,  
Da buzina, que em circulos, em roscas  
Da ponta para cima se dilata,  
Que tanto que no seio acolhe os ares  
D'um e d'outro hemispherio atrôa as praias.

Eis aos labios a concha o Deos applica  
Por entre negras barbas orvalhosas ;  
Inchão-lhe as faces ao robusto assopro,  
Toca ; e rios, e mar, que o som lhe escutão,  
Subito a seu pezar vêm recuando.  
Este já praias tem, tem leito aquelles,  
E murmurão pacificos e tardos ;  
Os outeiros assomão, surge a terra,  
Os campos crescem, decrescendo as ondas.

Depois de longo espaço os arvoredos,  
Os arvoredos nós, se vão mostrando ;  
Dos despojados troncos pendem limos.  
Emfim renasce o mundo, e vendo o triste,  
O bom Deucalion vazia a terra,  
E alto silencio derramado em tudo,  
A Pyrrha diz chorando : « Oh ! doce esposa,  
Oh ! tu, que és só, que és unica de tantas  
Habitantes do mundo, e que ligada  
Pelo amor, pelo sangue estás comigo,

Agora ainda mais pelo infortunio :  
Do nascente ao poente, em toda a terra  
Só habitamos nós, só nós vivemos;  
Tudo o mais pelas ondas foi tragado,  
E cuido que não tens inda segura  
Tua existencia tu, nem eu a minha :  
Estas nuvens que observo inda me aterrão.  
Ah! triste! Que farias se arrancada  
Ao fado universal sem mim te visses!  
Onde, fria de susto, onde leváras  
A planta vacillante, e quem seria  
Tua consolação na dôr, no pranto?  
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo  
Te escondesse nas sofregas entranhas,  
Te houvera de seguir o afflicto esposo,  
Socio te fôra em vida, e socio em morte.  
Oxalá que eu com a paterna industria  
Pudesse reparar a humanidade,  
Alma infundindo na formada terra!  
Todo o genero humano em nós se inclue,  
(Isto aos fados apraz, apraz aos deoses)  
Ficámos para exemplo de que o mundo  
Morada de homens foi! » Disse, e choravão.  
Depois, tornando em si, resolvem ambos  
Recorrer aos oraculos sagrados,  
Da deosa Themis invocar o auxilio.

Não tardão; vão-se do Cephiso ás aguas,  
Que ainda não bem liquidas caminhão,  
E apenas pelas fronte, pelas vestes

Os gostados licores desparzirão,  
 Para o templo da deosa os passos torcem.  
 Manchavão torpe musgo a frente, os tectos  
 Da estancia veneravel, e jazião  
 Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.

Como os sacros degráos tocado houvessem,  
 Sobre a madida terra os dous se prostrão,  
 E dão nas pedras osculo medroso;  
 Orão depois assim : « Se justas preces  
 Tornão benignos os irados numes;  
 Se a colera dos céos com ais se adoça,  
 Dize-nos, deosa, dize-nos de que arte  
 Podemos instaurar a especie humana,  
 E soccorre piedosa o triste mundo. »

Movendo-se a deidade, assim lhes falla :  
 « Do meu templo sahí; cobrindo as fronteas,  
 Soltai as vestiduras que vos cingem,  
 E para trás depois lançai os ossos  
 De vossa grande mãe. » Tendo ficado  
 Attonito os dous espaço grande,  
 Pyrrha primeiro emfim rompe o silencio,  
 Da divindade as leis cumprir não ousa,  
 E com tremula voz perdão lhe roga;  
 Porque teme, espalhando os ossos frios,  
 Aos manes maternas fazer injuria.  
 Depois d'isto repetem, pesão, notão  
 As palavras do oraculo sombrio;  
 Té que Deucalion, o venerando

Filho de Promethêo, com brandas vozes  
 Serena a cara esposa, e diz : « Se acaso  
 Não revolvo illusões no pensamento,  
 O oraculo da deosa é justo, é pio :  
 Não nos ordena o mal, não quer um crime.  
 A grande mãi que ouviste, a mãi de todos,  
 É a terra ; e a meu ver são os seus ossos  
 As pedras, e essas diz que ao chão lancemos. »  
 Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,  
 Esperanças com duvidas se envolvem,  
 E ambos das ordens santas desconfião ;  
 Mas n'isso que lhes vai, se as effectuão?  
 As aras deixão, as cabeças cobrem,  
 Soltão as roçagantes vestiduras,  
 E logo para trás as pedras lanção.

Eis (quem te dera credito, oh ! portento,  
 Se a nossa tradição não te abonassel)  
 Eis que subitamente ellas começam  
 A despir-se do frio, e da rijeza,  
 E despindo a rijeza, a transformar-se :  
 Crescendo vão ; mais branda natureza  
 As toca, as amacia, as amollece,  
 E n'ellas, se perfeito o vulto humano  
 Logo alli se não vê, se vê comtudo  
 Em grosseiros signaes a semelhança,  
 Qual na estatua, no marmore a que apenas  
 Deu talhe a mão de artifice elegante.  
 Partes que erão terrenas e succosas,  
 Nas carnes e no sangue se convertem ;

O que tem solidez, o que não dobra,  
 Muda-se em ossos; e o que d'antes n'ellas  
 Veia se nomeou conserva o nome.  
 N'um breve espaço emfim (mercê dos deoses)  
 As que arroja o varão varões se tornão,  
 E as que solta a mulher mulheres ficão.  
 Por isto somos fortes, somos duros,  
 Aptos a empresas, proprios a trabalhos,  
 E em nosso esforço, na constancia nossa  
 Claramente se vê que origem temos.

Os outros animaes nas fôrmas varios  
 A terra os produzio, sendo escaldado  
 Pelos raios do sol o humor antigo;  
 Os encharcados, os lodosos campos  
 Com o activo calor se entumecêrão,  
 E das cousas a provida semente,  
 Qual no materno claustro alli cerrada,  
 Nutrio-se, e devagar cresceu, formou-se.

D'est' arte, havendo emfim retrocedido  
 A seu amplo deposito profundo  
 O grão Nilo, que sahe de bocas sete,  
 Co' a etherea flamma se afoguêa o lodo,  
 E por entre os terrões, quando os revolve  
 De animaes o cultor, acha milhares,  
 Uns a nascer, e em parte já formados,  
 Em parte os membros seus inda imperfeitos,  
 E vê-se muitas vezes que de um corpo  
 Metade vive já, metade é terra.

Humidade e calor dão vida a tudo,  
Se mutuamente se temperão ambos.  
Bem que d'agua contrario o fogo seja,  
Sahe do humido vapor quanto é gerado ;  
A discorde união fermenta e cria.  
Portanto a fertil mãe, a extensa terra,  
Do recente diluvio repassada,  
E pelo aereo lume escandecida,  
Innumeras especies foi brotando ;  
Deu ser a algumas com a fórma antiga,  
N'outras emfim creou não vistos monstros.

---

### SONETOS

Vós, credulos mortaes, hallucinados  
De sonhos, de chimeras, de apparencias,  
Colheis por uso erradas consequencias  
Dos acontecimentos desastrados.

Se á perdição correis, precipitados :  
Por cegas, por fogosas impaciencias,  
Inda a cahir, gritais que são violencias  
De inexoraveis céos, de negros fados.

Se um celeste poder, tyranno e duro,  
Ás vezes extorquisse as liberdades,  
Que prestava, ó razão, teu lume puro?



Não forção corações as divindades,  
Fado amigo não ha, nem fado escuro :  
Fados são as paixões, são as vontades.

---

Não sou vil delator, vil assassino,  
Impio, cruel, sacrilego, blasphemo,  
Um Deos adoro, a eternidade temo,  
Conheço que ha vontade, e não destino ;

Ao saber e á virtude a frente inclino ;  
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo ;  
Chamo á beneficencia um dom supremo,  
Julgo a doce amizade um bem divino ;

Amo a patria, amo as leis, precisos laços,  
Que mantêm dos mortaes a convivencia,  
E de infames grilhões ouço ameaços ;

Vejo-me exposto á rigida violencia,  
Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,  
Amiga da razão, pura innocencia.

---

Igual ingratição e igual vileza  
Poucos hão de encontrar entre as ruinas  
Que amor prepara ; prodiga de Alcinas  
Não é (graças aos céos!) a natureza.

Genio de furia, monstro de torpeza,  
Que o pejo afogas, que a traição refinas,  
São as Julias, as Lais, as Messalinas,  
A par de ti, modelos da pureza.

Não temas, infiel, que á terra chame  
O raio que reluz na mão do eterno,  
Para que em negras cinzas te derrame.

Rasguem-te as garras do remorso interno  
O coração corrupto, o peito infame :  
Lá tenho um vingador, lá tens o inferno.

Ha um medonho abysmo, onde baquêa  
A impulsos das paixões a humanidade ;  
Impera alli terrivel divindade,  
Que de torvos ministros se rodêa ;

Rubro facho a discordia alli menêa,  
Que a mil scenas de horror dá claridade,  
Com seus socios — traição, mordacidade —  
Range os dentes a inveja escura e fêa ;

Vê-se a morte cruel, no punho alçando  
O ferro de sanguento, hervado gume,  
E toda a natureza ameaçando ;

Vê-se arder, fumegar sulphureo lume...  
Que estrondo ! Que pavor ! Que abysmo infando !  
Mortaes, não é o inferno, é o ciume.

---

O céo, de opacas sombras abafado,  
Tornando mais medonha a noite fêa,  
Mugindo sobre as rochas, que saltêa  
O mar, em crespos montes levantado ;

Desfeito em furacões o vento irado,  
Pelos ares zunindo a solta arêa,  
O passaro nocturno, que yozêa  
No agoureiro cypreste além pousado ;

Formão quadro terrivel, mas aceito,  
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza  
Do ciume e saudade a que ando affeito.

Quer no horror igualar-me a natureza ;  
Porém cansa-se em vão, que no meu peito  
Ha mais escuridade, ha mais tristeza.

---

Queimando o véo dos seculos futuros  
O vate aceso em divinaes luzeiros,  
Assim cantou (e aos échos pregoeiros  
Exultarão, Sion, teus sacros muros) :

O justo descerá dos astros puros  
Em deleitosos, candidos chuveiros,  
As féras dormirão com os cordeiros,  
Suarão doce mel carvalhos duros;

A Virgem será mãe, vós dareis flôres,  
Brenhas intensas, em remotos dias,  
Porás fim, torva guerra, a teus horrores.

Não, não sonhou o altisono Isaías.  
Ó reis, ajoelhai, correi, pastores!  
Eis a prole do Eterno, eis o Messias.

---

Voaste, alma innocente, alma querida,  
Foste ver outro sol de luz mais pura,  
Falsos bens d'esta vida que não dura  
Trocaste pelos bens da eterna vida.

Por Deos chamada, para Deos nascida,  
Já de vãs illusões vives segura;  
Feliz a fé te crê, mas a ternura  
Co' o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano  
Em dar seu pranto aos fados de quem mora  
No palacio do ethereo soberano!

Perdô, Anarda, ao triste que te adora;  
Tal é a condição do peito humano :  
Se a razão se está rindo, amor te chora.

---

Nascemos para amar : a humanidade  
Vai tarde ou cedo aos laços da ternura ;  
Tu és doce attractivo, ó formosura,  
Que encanta, que seduz, que persuade.

Enlêa-se por gosto a liberdade,  
E depois que a paixão n'alma se apura,  
Alguns então lhe chamão desventura, . . .  
Chamão-lhe alguns então felicidade :

Qual se abysma nas lobregas tristezas,  
Qual em suaves jubilos discorre,  
Com esperanças mil na idéa acesas.

Amor ou desfallece, ou pára, ou corre,  
E, segundo as diversas naturezas,  
Um porfia, este esquece, aquelle morre.

---

A frouxidão no amor é uma offensa,  
Offensa que se eleva a gráo supremo :  
Paixão requer paixão ; fervor e extremo  
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que differença!  
Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo,  
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,  
Em sombras a razão se me condensa.

Tu só tens gratidão, só tens brandura,  
E antes que um coração pouco amoroso  
Quizera ver-te uma alma ingrata e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso,  
Mas de teu peito a languida ternura  
Tem-me captivo, e não me faz ditoso.

---

Ao cérebro som do lugubre instrumento  
Com tardo pé caminha o delinquente;  
Um Deos consolador, um Deos clemente  
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento :

Duro nó pelas mãos do algoz cruento  
Estreitar-se no collo o réo já sente:  
Multiplicada a morte ancêa a mente,  
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á divindade,  
Sobe, envolto nas sombras da tristeza,  
Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar dureza,  
Sabe a alma d'entre o véo da humanidade,  
Folga a justiça e geme a natureza.

---

Nos torpes laços de belleza impura  
Jazem meu coração, meu pensamento,  
E forçada ao servil abatimento,  
Contra os sentidos a razão murmura.

Eu, que outr'ora incensava a formosura  
Das que enfeita o pudor gentil e isento,  
A já corrupta idéa hoje apascento  
Nos falsos mimos de venal ternura.

Se a vejo repartir prazer e agrado  
Aquelle, a este... co' a fatal certeza  
Fermenta o vil desejo envenenado.

Céos! Quem me reduzio a tal baixaza?  
Quem tão cego me pôz?... Ah! Foi meu fado,  
Que tanto não podia a natureza.

---

Aqui onde arquejando estou curvado  
Á lei, pesada lei que me agrilhôa,  
De lugubres idéas se povôa  
Meu triste pensamento horrorizado :

Aqui não brama o Noto anuviado,  
O Zephyro macio aqui não vòa,  
Nem zune insecto aligero, nem sôa  
Ave de canto alegre, ou agourado.

Expellio-me de si a humanidade,  
Tu, astro bemfeitor da redondeza,  
Não despendes comigo a claridade.

Sô me cercão fantasmas da tristeza.  
Que silencio! Que horror! Que escuridade!  
Parece muda ou morta a natureza.

---

De nocturno, horroroso pesadelo  
Fui na mente sombria atormentado :  
Inda palpito, da visão lembrado,  
Esfria o sangue, erriça-se o cabello.

Vi de um lado a desgraça impondo o sello  
Às leis que em damno meu creára o fado,  
Meus males em tropel vi d'outro lado  
Ais dirigindo a corações de gelo.

Co' a patria, mundo e céo me vi malquisto,  
Ao longe a gloria laureada e bella  
Ouvi dizer-me : de te honrar desisto ;



Tive a morte ante mim torva, amarella,  
 Furias, manes, o horror não parou n'isto :  
 Vi Nize, e o meu rival nos braços d'ella!

---

### A GRUTA DA INVEJA

TRADUÇÃO DO LIVRO II DAS METAMORPHOSES.

É a estancia da inveja em gruta enorme  
 Lá n'uns profundos valles escondida,  
 Aonde o sol não vai, nem vai Favonio.  
 Reina alli rigoroso, eterno frio,  
 De humidas, grossas nevoas sempre abunda.  
 O monstro vive de vipereas carnes,  
 Dos seus tartareos vicios alimento.  
 Da morte a pallidez lhe está no aspecto,  
 Magreza e corrupção nos membros todos;  
 Olha sempre ao revez; ferrugem torpe  
 Nos asquerosos dentes lhe negreja;  
 Vê-se o fel verdejar no peito immundo,  
 Espumoso veneno a lingua verte;  
 Longe o riso lhe jaz dos negros labios,  
 Só se nos mais ha pranto ha n'ella riso,  
 Em não vendo chorar lhe acode o choro;  
 Não goza de repouso um só momento,  
 Os cuidados que a roem não soffrem somno :  
 Mirra-se de pezar ao ver nos homiens

Qualquer bem, rala, e rala-se a maligna,  
É verdugo de si, odio de todos.

---

### MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO

TRADUÇÃO DO LIVRO XI DAS METAMORPHOSES.

Não contente Liêo de ter vingado  
A morte acerba do apollineo vate,  
Até dos campos barbaros se ausenta :  
Com sequito melhor dirige os passos  
A ver do seu Timolo as fartas vides,  
E do Pactolo as margens, bem que ainda  
Não tivesse o crystal mudado em ouro,  
Nem co' as arêas suscitasse invejas.  
Usada turba, satyros, bacchantes  
Folgavão junto ao Deos, mas não Sileno;  
Por Frigios montanhezes foi colhido,  
Dos annos e licores titubante,  
E preso em laços de travadas flôres,  
A Midas, a seu rei o apresentarão.  
Este do Thracio Orphêo, do Grego Eumolpo  
Outr'ora as orgias recebido havia.  
Dos sacrificios conhecendo o socio,  
Vendo o mestre de Bromio, logo ordena  
Do hospede á vinda geniaes festejos;  
Dez dias, noites dez a solemnisa.

Phosphoro já dos astros a cohorte  
 Pela undecima vez afugentára;  
 Risonho parte o rei aos lydios campos,  
 Sileno restitue ao moço alumno.  
 Do achado preceptor Lenêo gostoso,  
 De qualquer dom a escolha off'rece a Midas.  
 Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,  
 Porque elle, usando mal do grande arbitrio,  
 « Numen, (lhe respondeu) manda que tudo,  
 Que tudo o que eu tocar se torne em ouro. »  
 Ao rogo annue o Deos, porém sentindo  
 Que para dom melhor não fosse o rogo.

Contente o Phrygio vai do mal que leva;  
 Quer da promessa exp'rimenatar o effeito,  
 Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,  
 O braço estende a uma arvore não alta;  
 Verde ramo lhe extrahe, e é ouro o ramo;  
 Do chão ergue uma pedra, a pedra é ouro;  
 Roça um terrão, e ao tacto portentoso  
 Fica o negro terrão lustrósa massa.  
 Louras espigas n'um punhado arranca,  
 Eil-o já convertido em aurea messe;  
 Um pomo tem na mão, colhido apenas,  
 Parece das hesperidas um mimo.  
 Se acaso os dedos põe nas altas portas,  
 As portas de improvisio estão brilhantes;  
 Agua em que lavá as mãos, das mãos cahindo,  
 É tal que a Danae seduzir poderá.  
 Tudo mudado em ouro imaginando,

No peito a custo as esperanças cabem.  
Os servos lhe aprestarão lauta mesa,  
Mas de Ceres aos dons, se á dextra move,  
Enrijão-lhe na dextra os dons de Ceres;  
Se avido applica ao dente as iguarias,  
Lustrão-lhe as iguarias entre os dentes;  
Une o licor do nume, autor do assombro,  
Com agua crÿstallina, á boca os ergue...  
Da boca se deslisão pingos de ouro.

Attonito do mal terrivel, novo,  
O opulento, o infeliz fugir deseja  
Das riquezas fataes; detesta o mesmo  
Que ha pouco appeteceu. Nenhuns manjares  
Podem matar-lhe a precisão que o mata,  
Arida sêde torra-lhe a garganta;  
O ouro mal cobiçado é seu tormento,  
É seu justo castigo. Aos céos alçando  
As mãos luzentes, os luzentes braços :  
« Perdôa, grão Lenêo, pequei, perdôa,  
Commove-te de mim, (lhe diz) e afasta  
D'um misero este damno especioso. »  
Os deoses são benignos. Baccho ao triste,  
Que pesa a culpa, que a maldiz, que a chora,  
A promessa retrahc, e o dom funesto.  
« Mas para que não fique a ti ligado  
Mal que julgaste um bem (lhe adverte o nume)  
Vai ao rio vizinho á grande Sardes.  
Pelo cume da serra, ao lado opposto  
Áquelle d'onde as aguas escorregão,

Caminha até chegar onde ellas nascem.  
 Na parte em que ferver mais ampla a fonte  
 Mergulha, lava o corpo, e lava o crime. »  
 Na apontada corrente o rei se banha,  
 Aurifera virtude as aguas tinge,  
 Passa do corpo de repente ao rio.  
 No espraído licor participando  
 Do germe que dourou a antiga vêa,  
 É fama que inda agora amarelleção  
 Com mádidos terrões aquelles campos.

---

### SONETOS

Tão negro como a turba que vaguêa  
 Na margem do Cocyto, á luz odioso,  
 O bando de meus males espantoso  
 No sepulcro dos vivos me rodêa.

Qual me abala os fúsis da vil cadêa,  
 Qual me afigura um rotulo affrontoso,  
 Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso :  
 Eis d'elles todos o que mais me ancêa.

Tomára reforçar pela amargura  
 Meu ser, que anda co'os fados tão malquisto ;  
 Tomára costumar-me á desventura ;

Esquecer-me do bem gozado e visto,  
Pensar que a natureza é sempre escura,  
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

---

Nize mimosa, como as graças pura,  
Amavel Nize, como as graças bella,  
Se inda em teus olhos me pertence aquella  
Maviosa affeição, que fere e cura;

Um ai, penhor de candida ternura,  
Envia ao triste que esmorece, anhela,  
Que, em ti cuidando, solitario vela  
No seio antigo de masmorra escura;

Manda-lhe um ai, meu bem; com elle afaga  
Do ancioso amante o coração ferido,  
A quem mordaz saudade assanha a chaga.

Das minhas afflicções compadecido,  
Nas azas côr de neve amor o traga:  
Pago será com mil um só gemido.

---

Ó tu, que tens no seio a eternidade,  
E em cujo resplendor o sol se acende,  
Grande, immutavel ser, de quem depende  
A harmonia da etherea immensidade!

Amigo e bemfeitor da humanidade,  
Do mesmo que te nega e que te offende,  
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,  
Manda o reforço de efficaz piedade.

Opressada, consternada a natureza,  
Em mim com vozes languidas te implora,  
Orgãos do sentimento e da tristeza.

A tua intelligencia nada ignora,  
Sabes que de alta fé minha alma acesa,  
Té nas angustias o teu braço adora.

---

Nas horas de Morphêo vi a meu lado  
Pavoroso gigante, enorme vulto :  
Tinha na mão sinistra, e quasi occulto,  
Volume em ferrea pasta encadernado.

« Ah! Quem és? (lhe pergunto arripiado) .  
Mereces o meu odio, ou o meu culto? »  
« Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,  
Sou teu perseguidor, teu mal, teu fado.

Corres, triste mortal, por minha conta;  
Mas ha de a meu despeito haver quem corte  
A serie de tormentos que te affronta ;

Poder vem perto que te mude a sorte :  
Lá tens o teu regresso : » (e n'isto aponta)  
Olho rapidamente, e vejo a morte !

---

Oh! vós, que lamentais de Elmano a sorte,  
Crendo na escura terra o corpo frio, . . .  
E os manes já sulcando o mudo rio  
Na barca immensa de geral transporte :

Sabei que o doce, inevitavel corte  
Lhe foge da existencia ao tenue fio,  
E que seria em vós dever mais pio  
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte.

Existindo agonisa um desgraçado :  
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama  
Parece que o queria atormentado ;

Vive, mas pela morte Elmano chama ;  
Com suspiros Elmano implora ao fado  
Que seja voz de agouro a voz da fama.

---

Aquelle que domina os céos brilhantes,  
Artifice da machina estrellada,  
Ante cuja grandeza os reis são nada,  
Atomo a terra, os seculos instantes :



O Deos que contra os vicios negrejantes  
Pela voz dos trovões ao homem brada,  
Da misera virtude atropellada  
Vinga os tristes suspiros penetrantes.

Sem que o mortal com lagrimas o peça,  
Juiz imparcial, juiz superno,  
Na causa do innocente se interessa;

Manda-te resurgir do horror eterno  
Devorante remorso; em ti começa  
O supplicio dos máos, dos máos o inferno.

---

Para as sombras da morte aqui me ensaio  
Na habitação da culpa e do desdouro,  
Lendo fio mal presente o mal vindouro,  
Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio;

Por imagens fataes a idéa espraio;  
Negreja n'uma e n'outra infausto agouro:  
Phebo! Ó Phebo! Ai de mim! Teu sacro louro  
A frente não me escuda contra o raio.

Sou victima de asperrima violencia,  
Sem ter quem dos meus males se lastime  
N'este horrivel sepulcro da existencia;

Mas peso dos remorsos não me opprime :  
A susurrante, a vil maledicencia  
De erros dispersos me organisa o crime.

---

Excedo lustros seis por mais tres annos;  
Mas bem que juvenis meus annos sejam,  
Já marchão de agonia, e já me alveją  
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,  
Que de Pandora o cofre em mim despeją.  
Folgão de que os mortaes nas cans me veją  
Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a formosura  
Vingar-me dos crueis comigo irados,  
E da ternura o premio ser ternura;

Mas Nize (oh! vãos extremos desgraçados!)  
Na trança infausta branquear procura  
O resto escuro que escapou aos fados.

---

## AOS AMIGOS

ODE

IMITADA DE UNS VERSOS DE PARNY.

Jazem desfeitos meus penosos ferros.  
 Socios fieis, eis volto  
 Liberto de afflicções aos vossos braços.  
 Oh! serena amizade!  
 Tu prestas mais que amor; seus vãos favores  
 São caros, são custosos;  
 Já, já lhes disse adeos, e lhes prefiro  
 O nectar que roxêa  
 Em honra de Liêo nos vitreos copos;  
 Elle me extrahe, me apaga  
 A memoria tenaz de acerbos males.  
 Eia, amigos, libemos  
 Almo, rubro licor, que gera os risos,  
 Os festivaes gracejos,  
 Que espanca o frouxo medo, o pejo inerte,  
 E as musas desafia,  
 E esperta o sangue ao ancião rugoso.  
 Dos prazeres da terra  
 É este o só prazer estreme e puro,  
 É de todos os tempos;  
 Elle da perda de gentis ingratas  
 Nos consola e nos vinga,

Elle... ah! triste de mim! Como é difficil

Affectar alegria

No seio da afflicção! Como é forçado,

E semsabor o riso,

Se o pranto da tristeza acode aos olhos!

Não mais, oh! taça inutil,

Liçor infructuoso! ah! Longe, longe;

E tu, séria amizade,

São, divino prazer, tu só não podes

Contentar meus desejos.

Ao tropel das paixões, que lutão n'alma,

Debalde impoem silencio

As vozes da razão, e as vozes tuas.

Ai de mim! Tu lamentas,

Choras os males meus; e a ti cumpria

Acautelar meus males.

Quando me vês cahido, a mão me off'reces,

A mão, que funda chaga

Em vez de m'a curar, teutêa, assanha.

Vai-te, não me alumies :

As luzes da verdade amor não soffre;

Quer amor que eu me illuda,

Que, surdo á voz do desengano austero;

Que, desmentindo os olhos,

Engane o pensamento em mil chimeras;

Que, dos ferros curvado,

Cante os prazeres, cante a liberdade;

Que em suave transporte

Mil sombras vãs na fantasia abrace;

Que imagine venturas

Entre as garras de asperrimos desgostos.  
Virão, virão remir-me  
De captivo antigo esses momentos,  
Em que os mortaes acordão  
De um profundo lethargo, em que severa  
Na escuridão do engano  
A provida razão menêa o facho,  
E em que aos olhos já claros  
Voa, desaparece o falso encanto,  
O sonho dos amores.  
Tu, tempo estragador, batendo as azas,  
Arrebatas comtigo  
As nossas propensões, os gostos nossos;  
Tu has de melhorar-me,  
Tu has de rematar minhas cegueiras.  
Então, fieis amigos,  
Rotos os ferros, sacudindo o jugo,  
O coração de Elmano  
Tornará para vós, será qual fôra  
Se o permittisse Armia.  
Sobre a vossa experiencia então firmada  
Minha usual fraqueza,  
Talvez cobre vigor, talvez evite  
O regresso damnoso,  
A fatal sensação de vãos prazeres.  
Vós me vereis, comtudo,  
Volver para as paixões da fresca idade  
Olhos humedecidos,  
Gemer a meu pezar, corar de pejo  
Co' a teimosa lembrança

Dos delirios de amor, e envergonhado  
Ter-lhe ainda saudades.

---

### O DESENGANO

VERSOS EPODICOS.

Assaz temos cantado, assaz carpido,  
Oh ! lyra, oh ! doce lyra,  
Os bens e os males do commum tyranno,  
Que nas almas derrama  
A dôr e o riso, o nectar e o veneno.  
Longe a brilhante idéa  
De olhos fagueiros, de anneladas tranças,  
De angelicos sorrisos,  
De momentaneos, amorosos furtos ;  
Longe a amarga lembrança  
De vis perjurios, de cruceis enganos,  
De traições estudadas ;  
Longe as memorias da infiel Marilia.  
Feitiços perigosos,  
Verdugos da alterosa liberdade !  
Tu, dom da formosura,  
Fatal aos corações, suave aos olhos,  
Tu, que em meus pensamentos,  
No arbitrio meu, despotico, imperavas,  
Tyranno, impõe teu jugo,

Teu ferreo jugò na cerviz d'aquelles  
Que a sisuda experiencia  
Por entre pavorosos precipicios  
Inda ao templo remoto  
Não guiou do proficuo desengano.  
Vencida a longa estrada,  
Onde o erro elevou montes e montes  
Para estorvar ao homem  
Sagaz instincto que á verdade o guia,  
Vejo, saudo os lares,  
Lares augustos do terrivel nume,  
Attento á voz do afflicto,  
Que ingenuas preces lhe dirige ás aras,  
Surdo a rogos fallazes  
De cego escravo que idolatra os ferros,  
Liberdade implorando...  
Que solidão, que placida tristeza,  
Que profundo silencio  
Reina em torno do alcaçar venerando!  
Oh! sacro domicilio  
Da verdade immortal, que! tu n'um ermo!  
Os teus atrios desertos,  
Sem culto, sem ministro os teus altares,  
Emquanto á vã grandeza  
Servil caterva prostitue incensos,  
E a curvada lisonja  
Os crimes doura, os vicios abrilhanta!  
Ah! Eu te vingo, ó deosa,  
Eu entro o franco portico espaçoso  
E ás aras... mas que sinto!

Que gelo, que tremor, que sobresalto  
Me prende a voz e a planta,  
Me abate as forças, me arripia as carnes!  
Coração, que te assombra?  
Que temes, coração? Perder Marília!  
Marília acaso é tua?  
Não maculou, traidora, os puros votos,  
Os ternos juramentos?  
Não viste a desleal sem dôr, sem pejo,  
Cevar-se nos teus males,  
Co' os lindos olhos em Fileno absortos?  
Que importa que em seus labios,  
Seu ledô rosto, seu virgineo seio  
Os amores e as graças  
Presentem mil imagens deleitosas,  
Onde os sentidos pascem?  
Que importa, se a traição surgio do Averno  
A corromper-lhe o peito?  
Que vale sem virtude a formosura?  
Cede ao tempo, á desgraça:  
Do espirito a belleza é sempre nova.  
Coração, triumphemos,  
Triumphemos da perfida Marília;  
E se a razão não basta,  
Vença a vaidade o que a razão não vence.  
Envergonha-te ao menos  
De seres só feliz quando o permite  
O teu rival soberbo,  
Que, enjoando os afagos importunos  
Da perjura que adoras,



Às vezes com desprezo em ocio os deixa,  
E se a ti se dirigem,  
Não vêm do coração, vêm do costume.  
Eia, misero escravo,  
Sacode o jugo, despedaça os ferros,  
A vaidade te anime :  
Quasi tudo o que é raro, estranho, illustre  
Da vaidade procede,  
Movel primeiro das acções pasmosas.  
Tente-se a grande empreza,  
Forcem-se os fados... Ai de mim! Palpitas!  
E em frequentes arrancos  
Como que exprimes o pavor da morte!  
Coração, não desmaies,  
Alenta-te, infeliz... porém que escuto!  
Que ruido, que assombro!  
Que resplendor me cerca e me deslumbra!  
Torvos dragões, batendo  
Azas de negra côr, com duro estrondo,  
Se encontrão, se atropellão,  
E, quaes nocturnas aves, que amedronta  
O clarão matutino,  
Espavoridos pelos ares fogem  
Ao fulgor scintillante  
De rúbro facho, que na dextra empunha  
Veneravel matrona,  
Librado sobre os zephyros plumosos!  
Ah! Quem és? Vens do Olympto,  
Portentosa visão? Vens socorrer-me?  
Ou és aereo fructo

Da enferma, delirante fantasia  
Que entre illusões vaguêa?...  
Não, já me illuminaste a mente cega,  
Reconheço-te, ó deosa;  
És a prole dos céos, és a virtude,  
Que no benigno seio  
Acolhes os meus ais, os meus remorsos,  
Indulgente á demora  
Que tive em demandar teu santo asylo.  
Esses monstros, voando  
Ante o celeste resplendor que espraias,  
São pungentes saudades,  
Feias traições, freneticos ciumes,  
Que invisiveis tégora  
As calidas entranhas me ralavão.  
Graças, oh! divindade,  
Que do sabio varão mantens o esforço,  
Quando a voluvel sorte,  
Inimiga do merito, o sepulta  
Nas solitarias sombras  
De profunda masmorra aferrolhada,  
Onde por mãos infames  
De asperrimas correntes o carrega;  
Munido da innocencia,  
Comtigo ri o heróe no cadafalso,  
Comtigo alegre observa  
Do carrancudo algoz na mão terrivel  
O amolado cutelo,  
Executor de barbara sentença;  
E comtigo, ó deidade,

Ó alta bemfeitora, encare as portas  
De formidavel templo.  
Teu sagrado fervor de vêa em vêa  
Me agita, me transporta ;  
Eu te sigo, eu te sigo... oh! céos! oh! deoses!  
Já sou meu, já sou livre.  
Idolo falso, que de altar profano  
Davas leis á minha alma,  
Recebias meus votos, meus incensos,  
Tributos da fraqueza ;  
Alcivosa Marilia, horror e affronta  
Té do tropel de ingratas,  
De astutas, de infieis que o mundo infamão,  
O escravo de teus olhos,  
A victima infeliz de teus enganos  
Já tem rotos os ferros,  
Solta a vontade, o coração tranquillo.  
Como o sol, quando vibra  
Na crystallina esphera os raios de ouro,  
Gasta, desfaz, consome  
Vapores que exhalou do seio a terra ;  
Tambem, fallaz Marilia,  
As luzes que a verdade em mim dardeja  
Absorvem, desvanecem  
A funesta illusão, que na minha alma  
Te assemelhava aos deoses.  
Ingrata, consumirão-se os incensos,  
Retractarão-se os votos,  
Forão-se as oblações e os sacrificios ;  
Cahio o altar e o nume.

**A INSTABILIDADE DA FORTUNA**

VERSOS EPODICOS.

De serenos favonios bafejada,  
Alveja no horizonte  
Mansa aurora, afagando a natureza;  
Das libertas madeixas  
Distilla sobre a terra humor benigno,  
A planta vivifica,  
Despe o tenro jasmim do calix tenro,  
Ao zephyro anhelante  
Do espinhoso botão desprende a rosa;  
Aureas guias sustendo  
Aos activos ginetes, Phebo assoma,  
Bate a cerulea estrada,  
E estende pelos céos brilhante dia;  
Eis terrenos vapores  
Em miudas porções, que attrahe, que eleva,  
Aos puros ares sobem,  
Unem-se pouco a pouco, avultão, gyrão,  
A grata luz suffocão  
E em rapidos chuveiros se derretem.  
Por entre varzeas ledas,  
Verdes collinas, florescentes prados,  
O claro, o doce Tejo  
Susurra, ufano das aréas de ouro,  
D'alta vêa abundosa,

Mas, quando mais audaz, mais amplo corre,  
No salgado oceano  
Perde o sabor, o cabedal e o nome.  
Sobrepujando ás nuvens,  
Torre alterosa os seculos affronta;  
Com rigido alicerce  
Carrega, escora no profundo Averno  
Qual do oppresso gigante  
Pesa nos hombros o estrellado Olympo;  
Subito brama, estoura  
Ar comprimido no interior da terra;  
Desordena-se a base,  
A assombrosa Babel se desconjunta;  
Sôa a terrivel quêda,  
N'um baque se desfaz o ingente orgulho.  
Crespo, enorme rochedo  
Rebate as vagas que a tragal-o investem:  
Ronca de injuriado  
O pelago arrogante, as furias dobra,  
Multiplica os assaltos,  
Recrescem ondas, e o penedo illeso!  
N'isto do seio escuro  
Da procellosa nuvem rebentando  
Ignea frecha, seguida  
De horrisono trovão, dá sobre a rocha,  
Em pedaços a espalha;  
O que não pôde o mar lá pôde o raio.  
Á temerosa fronte  
De bravos esquadrões, ardendo em sanha,  
Qual tu, numen da guerra,

Frenetico mortal insulta a morte;  
Por entre espessa chuva  
De fervidos pelouros, que sibilão,  
Corre, vozêa, ataca,  
Rompe, abate, destróe, e enfim triumphá.  
Eil-o em carro pomposo,  
Tirado por miserrimos despojos  
Da sanguenta victoria,  
Por seus iguaes, que afflictos, presos, curvos  
Ao jugo vergonhoso,  
No pó, no pejo envoltos, suão, gemem.  
Lá volve ao duro officio  
O flagello, o terror da humanidade;  
D'antemão se gloria  
Dos novos louros, que já crê que apalpa;  
Engana-se o perverso,  
A ventura cansou de honrar-lhe os crimes.  
Lá se atéa o conflicto,  
O barbaro guerreiro arqueja e ferve,  
Contra as armas adversas  
Punge o bruto veloz, que ardido escuma.  
Assassino adornado  
Do titulo de heróe, não vês, não sentes  
Os ministros da morte,  
Os horridos fantasmas, que te seguem?  
Lá o assalta, o rodêa  
Raivosa turba hostile, pesados golpes  
Chovem sobre o tyranno;  
Lida em vão, perde o ferro; em rubro lago  
Se revolve na terra;

Exulta, natureza, o monstro expira!  
 Nada tem permanencia!  
 Caprichos da fortuna alterão tudo!  
 Musas inspiradoras,  
 Graças mimosas, candidos amôres  
 Almo prazer me derão;  
 Fitos em Nize o coração e os olhos,  
 N'um extasis suave  
 Puz em doce alliança a voz e a lyra;  
 Da famosa Ulysséa  
 Os corvos aterrei, fui grato aos cysnes;  
 Hoje, sumido á gente,  
 Á luz vedado em carcere medonho,  
 Nem parece que existo.  
 Réo me publica opinião potente,  
 Triste labéo me afeia;  
 Perdi a minha Nize, a gloria minha,  
 A minha liberdade.  
 Remotos estes bens, que bem me resta?  
 O maior, a constancia.

---

**ELEGIA**

O sabio não vai todo á sepultura,  
 Não morre inteiro o justo, o virtuoso,  
 Na memoria dos homens brilha e dura;

Enquanto o nescio, o inutil, o ocioso,  
Vão, ignoradas victimas da morte,  
Sumir-se no sepulcro tenebroso.

Joniô feliz, bom pai, fiel consorte,  
N'este dia, em que o véo mortal despiste,  
Dias eternos te confere a sorte.

Se longe do universo errado e triste  
Triumphas teu espirito fulgente,  
Immortal entre nós teu nome existe.

Da etherea habitação do Omnipotente  
Reflecte o resplendor da gloria tua,  
Na tua prole honrada e descontente.

Em lagrimas no peito llic fluctua  
O coração de angustias macerado,  
Posto que o ledô empyreo te possua.

Eis o caracter que aos mortaes foi dado :  
Como que o bem do amigo nos magôa  
Quando o gosto de o ver nos é vedado.

Na dextra a palma tens, na fronte a c'róa  
Tens, (assegura a fé) porque a virtude  
De jus nos almos céos se galardôa ;

Mas, por mais que se esmere, e lide, e estude,  
Quem á dôr accomoda o soffrimento?  
Quem ha que á natureza o genio mude?



Corra o pranto de amor, sòe o lamento,  
Té que a paixão, nos ais evaporada,  
Deixe livre folgar o entendimento.

Então tua familia consternada,  
Vendo nà idéa teus serenos dias,  
Alma, vinda do céo, e ao céo tornada :

Vendo as dignas acções, virtudes pias,  
Com que assombros e exemplos semeaste  
Na carreira vital, quando a seguias :

Vendo que os sabios, que a sciencia honraste,  
Que o mundano esplendor tiveste em pouco,  
Que os perversos carpiste, os bons amaste,

Enfreados seus ais no peito rouco,  
De ineffavel prazer sentindo o encanto,  
Dirá : quem te lamenta é cego, é louco.

Perdôa á nossa dôr, e ao nosso pranto,  
Soffre as mostras fieis do amor mais terno,  
E, orando pelos teus, que amavas tanto,  
Graças lhe adquire do monarcha eterno.

## MEDEA

CANTATA.

Já de Colchos a fêra, ardente maga  
Horridos versos murmurado havia,  
Ao som de atroz conjuro e negra praga;  
Já tinha amortecido a luz do dia;

Já co' a força do encanto

Os implacaveis monstros subjugára  
Na feia habitação do eterno pranto;  
E á voz terrível, ao potente aceno,  
A triforme carranca emfim curvára  
Do rei das sombras a feroz consorte.  
Embebidas n'um fervido veneno  
As roupas nupciaes, brilhante ornato,  
Em que ia disfarçada alegre a morte,  
Instrumentos da raiva e do ciume,  
Punindo a vil traição do esposo ingrato,  
O invisível por arte aereo lume

Pouco a pouco ateavão

Nas lisas carnes da real donzella,

E a preferida, a bella,

Miseranda rival, desesperavão.

Descendente do sol, do deos feroso,

Tu, zelosa, frenetica Medéa,

Foste colher ao carro luminoso

Tenue, fatal porção da luz phebéa,

Talhaste fulvo anel da ignea trança,  
E d'elle urdiste asperrima vingança :  
Estás desaffrontada? Estás contente?  
Nas garras da afflicção Creusa expíra ;  
    Jason sem alma a sente,  
Jason, que te offendeu, Jason delira,  
Brama de horror, de angustia desfallece,  
E mais que teu furor teu dó merece ;  
Eis o envolve, o consterna amargo luto,  
Foi falso, foi traidor, foi réo sem fructo.  
Que novo crime, insolito, execrando,  
    Que atrocidade insana  
Vás contra a natureza apparelhando?  
Poupa os filhinhos, barbara, inhumana,  
    Poupa os meigos filhinhos ;  
    Elles são innocentes,  
Elles inda têm jus aos teus carinhos.  
    Não vês que, descontentes,  
    Não vês que, enternecidos,  
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,  
    Solução, tremem, chorão,  
Se lamentão do pai, e a mãi deplorão?  
( Oh céos! No coração da maga horrenda,  
    Natureza e vingança  
Armão fervente, pertinaz contenda ;  
Ora a ternura suspirando amansa  
Dos zelos a raiyosa tempestade,  
    Ora de agro despeito  
    Ao vigoroso impulso  
Cede a benigna, maternal piedade ;

Emfim do irado peito.

Foge, vòo carpindo amor expulso.

Eis a mãi, (já não mãi) qual impia furia,

Medonha e desgrenhada,

Te faz, ó natureza, atroz injuria.

A tua doce voz em vão lhe brada,

Em vão lhe representa, em vão lhe pinta

Com mimoso pincel, com varia tinta,

Aureos instantes, scenas deleitosas;

Nos meninos gentis em vão lhe aponta

De amor suave as prendas carinhosas;

Co' as imagens brilhantes

Se assanha do divorcio a crua affronta,

Dobra-se a pena, a raiva se requinta.

Já lança mão dos candidos infantes;

E empunhando mortifero instrumento,

Com que a ternura espanca,

No cerrado aposento

Estas vozes crueis do peito arranca :

« Longe, affectos piedosos,

Longe, materno amor; estes que eu mato

São prole de Jason, são criminosos,

Detestavel porção de um peito ingrato.

Morra, morra com elles a memoria

Do perfido consorte.

Justiça, indignação, dai-me a victoria,

Cessa de murmurar, ó natureza,

Recebe as tenras victimas, ó morte!

N'isto, em chammas do inferno a maga acesa,

Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,

Lacrimosos filhinhos ;  
 Ao acto de os ferir lhe cahe por terra ;  
 Mas a dextra fatal de novo o aferra.  
 Infancia, formosura, a dôr e o pranto,  
 Nada o terrivel impeto embaraça,  
 Um após outro os miseros traspassa ;  
 Tu, ciúme cruel, tu podes tanto !  
 No horror da morte as victimas arquejão,  
 E, inda sentindo a filial ternura,  
 A mãe, o algoz acarinhar desejão.  
 Ella, mais que rochedos secca e dura,  
     Denso véo lutuoso ,  
 Sobre os rotos cadaveres estende,  
 E aos olhos tristes do culpado esposo  
 A triste scena renovar pretende...  
 Eil-o, ah ! Eil-o, convulso, arrebatado,  
 Derriba a porta da horrorosa estancia  
 No liso pavimento ensanguentado ;  
     Ferro mortal brandindo,  
 Corre à Medéa com terrivel ancia.  
 Ao vê-lo, em novas furias se afoguêa,  
 Relampagos dos olhos sacudindo,  
 A torva maga ; e subito menêa  
 Com rapido susurro a tenue vara,  
 Que ás longas vestes do perjuro applica ;  
     Elle treme, elle pára ;  
 Calado, immovel, qual estatua fica ;  
 Porém se perde a voz e o movimento,  
 Conserva illesos vista e sentimento.  
 Logo o funebre véo Medéa alçando,

Do falsario Jason a angustia dobra,  
Aponta ao espectaculo nefando,  
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.  
Depois, abominando os impios lares,  
Theatro de seus horridos furores,  
As soberbas abobadas atrôa  
Com mil imprecações, com mil clamores,  
E em leve salto se arremessa aos ares,  
E pelos ares vôa  
De aligeros dragões n'um carro enorme,  
Dadiva de Proserpina triforme.  
Das Gorgonas, das Furias negro bando  
Retorce os olhos, que arremedão brasas,  
A segue, e vai correndo, e vai crestando  
Com rubro facho ardente ao vento as azas.  
Unisono alarido  
A sanhuda caterva aos céos levanta,  
E da brutal fereza  
O triumpho atrocissimo decanta.  
O sol na escuridão fica sumido,  
Negreja horrorisada a natureza,  
Montanhas ergue o mar, volcões a terra  
Aos sons que o côro estygio desencerra;  
E entretanto o miserrimo consorte  
Jaz entre os filhos, a lutar co' a morte.

Triumphe, (os monstros clamão,  
E a compaixão suspira)  
Triumphe, reine a ira,  
Cãil, pereça amor.

Teus raios, ó vingança,  
Jámais, jámais se apaguem,  
Sempre o altar te alaguem  
Ondas de rubra côr.

Pasmai, tartareas hydras,  
Pasma, infernal tyranno;  
Inda o furor humano  
Trascende o teu furor.

Da atroz Medéa o nome  
Em perennal memoria  
Será do Averno a gloria,  
E dos mortaes o horror.

Tropel de acerbos males  
O mundo assalte, e fira;  
Reine, triumphe a ira,  
Caia, pereça amor.

---

## A MORTE DE LEANDRO E HÉRO

CANTATA.

De horrenda cerração c'roada a noite,  
Surgira ha muitô da cimeria gruta;

Tapando o longo céo co' as azas longas;  
 Reina em meio universo;  
 Occupão-lhe os degráos do negro throno  
 A tristeza, o silencio,  
 O medo, a solidão, o amor e o crime;  
 Voão-lhe em roda lugubres fantasmas,  
 Aves sinistras pousão-lhe no gremio.  
 Eis manso e manso as n'vvens se entumecem,  
 Eis o liquido peso  
 Rompe os enormes, carregados bojos;  
 Em torrentes susurra, e cahe na terra.  
 Rebentão furacões, flammejão raios,  
 O estrondoso trovão no céo rebrama,  
 O Helesponto nas rochas ferve e ronca.  
 Tu, Abydêno amante,  
 Tu velas n'este horror com a saudade.  
 Já corres insoffrido ás ermas praias,  
 D'onde é teu uso arremessar-te ao pego,  
 E, destro nadador, talhando as vagas,  
 Teus gostos demandar na opposta margem.  
 Ao longe em celsa torre, estancia cara  
 De Héro, sol dos teus dias,  
 O brilhante signal, o amigo lume  
 (Que é no facho de amor por ella aceso)  
 Vês entre as sombras scintillar a espaços,  
 E como que te acena e te suspira.  
 Debalde o mar bramindo, o céo troando,  
 Teu impêto ameação;  
 Ardêm-te n'alma os sofregos desejos,  
 Fulgurante illusão, dourando as trevas,



N'um quadro tentador te off'rece aos olhos  
 Glorias a furto; vividos prazeres,  
 Doces mysterios, que da luz se temem.

A sagaz esperança

Te reforça, te incita,

Jura aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas,

Dar-te aos suspiros da suave amada.

Attento á meiga voz que attrahe, que mente,

No montuoso pelago te arrojas;

Á quéda repentina altêa um grito

O corvo grasnador na dextra parte,

E os échos, despertando ao som medonho,

Gemem nas brutas, cavernosas fragas.

O triste agouro te arripia as carnes,

Teus cabellos erriça;

Mas prevalece amor, e, expulso o medo,

Forças a equorea, tumida braveza.

Metade já do transito afanoso

Industria e robustez vencido havião;

N'isto a procella horrisona recresce,

Tingem sombras do inferno os véos da noite,

Que o subito relampago retalha;

Braveja o mar, aos astros se remontão

Serras e serras de fervente espuma;

Carrancudos tufões arrebatados

Dobrando a força, a raiva, lutão, berrão,

E revolvem do pelago as entranhas;

Rochedo immovel, aferrado á terra,

Rebate apenas o horroroso assalto...

Ah! Leandro infeliz! Tu já fraqueas,

A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas,  
Já, misero amator, já te fallecem.

Procuras o distante, o caro lume,  
Astro benigno, que te influe e guia,  
Olhas, vês que te falta,  
Que desapareceu, que jaz extinto;  
Suspiras, esmoreces,

Da tua doce luz desamparado.

Invocas o grão Deos que rege os mares;  
De teus rogos não cura, immoto e surdo.

Invocas de Nerêo potente as filhas;  
Ellas ardem por ti, mas, invejosas  
Do objecto encantador, que lhes preferes,  
Às maritimas furias te abandonão.

Héro invocas, e amor, e os céos, e a sorte;  
A sorte é implacavel,

Dos males, que dispõe, não se arrepende,  
Teus dias signalou de um termo infausto.

Debalde te auxilia o Deos mimoso,  
O alado Creador de teus suspiros,  
Dos amorosos bens que desfructaste;

O facho luminoso em vão menêa  
Para encurtar-te as sombras,  
E mais fácil tornar a undosa estrada;

Em vão co' as azas brandas  
Tenta arrasar os orgulhosos mares.

Sobre altos escarcéos o fado escuro  
Folga, triumpho e reina,

Punge, ameaça, desespera os ventos,  
Eurola a morte nas horrendas vagas.

Ella, prompta a seu mando, ella accomette  
O deploravel moço ;

Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,

O tardo movimento eis lhe sopêa,

Pelas aguas o embebe, e de Héro o nome  
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.

Abaixo, acima co' as cavadas ondas

Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...

Ai! Já sem vida aqui e alli vaguea

Á discrição do mar, e o mar com elle

De Sesto ás praias subito arremette ;

Dá contra a torre de Héro, alli rebenta,

E deixa o triste corpo á margem nua.

Tu entretanto, carinhosa amante,

Que fazias, (oh! céos!) que imaginavas?

Solitaria, anhelando,

Nas trevas espantosas,

Nos soltos ventos, alterosos mares,

Lias de feio azar presagiõs feios.

Em torno á viva luz que vigiavas,

(Que em raro véo com arte envolto havias,

Resguardando-a dos ares indignados)

Em torno á viva luz eis de improviso

Negro insecto voou, zunio tres vezes,

E á terceira apagou a esperta chamma ;

(Foi no ponto funesto em que o mancebo

Com teu nome adoçou o extremo arranco)

Do repentino assombro espavorida,

Attonita, convulsa,

O agourado clarão não renovaste.

Em ancias implorando os deoses todos,  
E mais que todos o que em ti rebrava,  
A bem do afouto, desvelado amante  
Ao numen indulgente; á mãi piedosa  
Mil incensos, mil victimas votaste.  
Depois, cevando a revoltosa idéa  
Em terriveis imagens;  
Ora do moço audaz o usado arrojô  
Reprovavas comtigo,  
Ora a cega imprudencia maldizias  
Com que em tão desabrida, horrivel noite  
A perigosa senha aventurára...  
Ah! triste! Contra ti não te conjures;  
Foi lei dos fados a imprudencia tua.  
Héro desanimada,  
Mettida em profundissimo lethargo,  
Jaz sem tino e sem voz até que aponta  
A purpurea manhã no céo já ledô.  
Farto o cruel destino,  
Adelgaçára os ares,  
Ao peço a mansidão restituíra  
Depois que a terna victima saudosa  
Foi suffocada nas voragens féras.  
Elle, o duro oppressor dos desditosos,  
Elle do almo prazer que os dous gozarão  
Está vingado em parte, e da vingança  
A' desesperação commette o resto.  
Héro, ah! Héro infeliz! Tu pelas aguas  
Humida vista, suspirando, alongas.  
Não vês o nadador por quem desmaias,

O teu bem não fluctua  
Pelas ondas desertas.

Eis a consternação te inclina os olhos

À pedregosa arêa

Onde o desventurado está sem alma.

Que vista! Que terror! As alvas carnes,

Rôtas nas rochas pelo embate undoso,

Inda gottejam sangue; aberta a boca,

Parece que inda quer, que inda procura

Chamar-te, ó Héro, murmurar teu nome.

No espectáculo horrendo,

Misera, tu reparas,

Tu... Céos! Não lhe acudis! Tu reconheces

O querido semblante, o corpo amado,

Entre as sombras da morte inda formoso:

Com pallidez que a pinta,

Gritas, arquejas, desesperas, fremes,

Deitas as mãos de neve ás tranças de ouro,

E as tranças de ouro, delirando, arrancas.

Levada emfim de um impeto raivoso,

Te arremessas da torre, e dás, e entregas

O teu ai derradeiro ao mudo amante.

Lá jazem sobre a arêa lutuosa

As victimas do fado;

Nas angustias mortaes a linda moça

Inda, estendendo os amorosos braços,

Tenta apertar o suspirado objecto.

Apiedados delfins nas ondas surgem,

E altos sons (oh! prodigio!) derramando,

Lamentão junto á praia o duro caso!

As mesmas nymphãs invejosas de Héro  
Solução de pezar nos vitreos lares.  
Um marmoreo padrão se erige em breve;  
Compadecidas mãos á historia triste  
Gravão na lisa pedra; a pedra existe;  
Mas o monstro voraz que rõe penedos,  
Comendo em parte a funebre escriptura,  
Só deixa soletrar-lhe  
O remate piedoso,  
Em meus piedosos versos trasladado,  
Carpido ao som da lyra;  
Inda agora de ouvil-o amor suspira.

Aos dous amantes  
De Abydo e Sesto  
Ardor funesto  
Deu negro fim.

Forão-lhe algozes  
Os seus extremos :  
Mortaes, amemos ;  
Mas não assim.

---

AO ILLM<sup>o</sup> E EXM<sup>o</sup> SR. MARQUEZ DE POMBAL

EPISTOLA.

Só conheço de ti grandeza e nome,  
Magnanimo Pombal! jámais teus olhos  
Com doce, amavel, usual braudura  
De meus destinos a humildade honrãrão;  
Sempre fortuna, do meu mal sedenta,  
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,  
Arremessasse o canto além dos tempos,  
E em premio fosse de te dar meus hymnos  
Contigo reluzir na eternidade.

Declive espaço, que entre nós se estende  
Frouxo alento abatia ao vate ancioso  
Quando apenas tentava o cume excelso  
Onde, recta uma vez, não caprichosa,  
Te ergueu, te amima, te laurèa a sorte.

Hoje, porém, senhor, que má ventura  
Golpes e golpes sobre mim desfecha,  
Hoje que ferrea lei de negros fados  
Me esmaga o coração, me enluta os dias,  
Ao desmedido espaço a dôr se arroja,  
Lenitivo benefico implorando,  
Vence o longo intervallo, a ti se eleva.  
Dá-me tão alto jus tua alta fama,  
Minha tribulação tem jus tão alto;

Perante as almas que a virtude acende  
É grave intercessor a adversidade;  
O mortal infeliz, o desvalido  
Invoca o generoso, o pio, o grande,  
O grande, o pio, o generoso abriga  
Das fúrias do destino o malfadado.

Carcere umbroso, do sepulcro imagem,  
Caladas sombras de perpetua noite  
Me ancêão, me suffocão, me horrôrisão.  
Não rebelde infracção de leis sagradas;  
Não crime, que aos direitos attentasse  
Do solio, da moral, da natureza,  
N'este profundo horror me tem submerso.  
A calúnia faz, de astúcias fertil,  
Urdio meus males, afeiou meu nome,  
Mil e mil vícios extrahio do Averno.  
Minha fama, senhor, que, honrada, illesa,  
Vagava o seio de Ulysséa altiva,  
Foi pelo estygio bando assalteada;  
Bramindo lhe ennegrece a tez lustrosa,  
Torna-lhe a nivea côr da côr do abysmo;  
Doura zelo impostor paixões damnadas,  
Delatores crueis com arte envolvem  
Vis interesses no exterior brilhante  
Da razão, da justiça e da verdade;  
Cahe a innocencia, vítima da inveja:  
Dos zoilos o rancor de mim triumphá.  
Eis-me vedado ao sol, vedado ao mundo,  
Eis a reminiscencia apenas traça



O quadro do universo á minha idéa,  
Que se aos olhos illusos dera assenso,  
Julgára que inda os céos, que inda as estrellas  
Não tinham rebentado á voz do Eterno,  
Que a antiga escuridão, que o cháos informe  
Nõ que hoje é natureza inda reinava,  
Que na mente immortal do rei dos fados  
Inda em mudo embryão jazia a terra.  
Memoria e dôr minha existencia provão,  
Porém dôr e memoria o ser me azedão,  
E a desesperação, desfeita em pranto,  
Inutil vida aborrecendo, anhela  
À paz e o somno do insensível nada.  
Sobre meu coração tormentos servem,  
E, pela fantasia exacerbados,  
Se embebem no pavor da morte horrenda.  
D'um lado em traço infame a vil affronta,  
Sordido espectro me afoquêa o rosto ;  
A doce patria deo outro lado afflictiva  
Um doloroso adeos me diz carpindo ;  
Aqui e alli mil pallidos fantasmas,  
Prole do medo, com visagens feias,  
Serie me agourão de amargosos damnos.  
N'estes horrores a existencia pasma,  
O exercicio vital em ocio fica,  
Sentidos, forças, o terror me absorve.

Tal é, genio preclaro, a ordem triste  
De meus funestos, nebulosos dias,  
Dias marcados no volume eterno

• Pela torrida mão da desventura.  
Ah! No maligno seculo corrupto  
Em que o duro egoismo abrange a terra  
Inda restão, senhor, ao desditoso  
Benignos corações, que se repartão;  
Que para os seus prazeres só não vivão,  
Que sintão, que venerem, que pratiquem  
Lei no altar da razão por Jove escripta,  
Lei na infancia do mundo ao mundo imposta:  
« O homem favor e asylo ao homem preste,  
Mutua beneficencia os entes ligue. »  
Teu grande coração colheu taes dotes  
No thesouro onde os zela a natureza,  
Mesquinha de seus dons co' a terra ingrata.  
Além da condição o heroico exemplo  
Em teu peito arraigou feliz semente,  
Da qual se erguêrão generosos fructos.  
O varão providente, o pai da patria,  
O assombroso Carvalho, o luso Atlante,  
Cuja vista mental descortinava  
Os sumidos arcanos tenebrosos  
Onde sagaz politica se entranha;  
O decantado heróe que d'entre as cinzas,  
D'entre os dispersos, lugubres estragos,  
Effeitos de phenomeno terrivel,  
Mais ampla fez surgir, surgir mais bella  
A vasta fundação dos Gregos duros,  
Que de soberbas torres, magestosas,  
De ingentes, sumptuosos edificios  
Os hombros carregou d'alta Lisboa;

O politico excelso, a cujo aceno  
Vinhão, prenhes de fulgidos thesouros,  
Alterosos baixeis arfar no Tejo,  
E a risonha abundancia dadivosa  
Da fausta Lusitania enchia os lares;  
O zelador fiel do altar, do throno,  
O escudo, o creador das leis, das artes;  
Aquelle, emfim, senhor, que, o véo soltando  
Em que etherea porção luzia envolta,  
Vive nos corações, nos céos, na fama;  
Teu memoravel pai te abriu a estrada  
Por onde foste ao pólo em que és luzeiro.  
Nos Elysios curvada a sombra illustre,  
Olhos fitos em ti, de lá te acena,  
De lá te influe espiritos sublimes,  
Prestante emulação com que o renovas.

Heróe, fructo de heróe, protege, ampara  
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre,  
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe,  
Ao throno augusto da immortal Maria  
Com lamentosa voz dirige, altêa,  
Do misero Bocage os ais e as preces:  
Desfaze a treva que lhe espanca o dia,  
Rompe as correntes, cujo som medonho  
De Phebo os gratos sons lhe descompassa,  
Tremendo ao feio estrondo a voz e a dextra.  
Já tocaste, senhor, da gloria o cume,  
Socios (inda que raros) tens comtudo;  
D'elles póde isolar-te um gráo mais alto,

Grão onde o fado occulta o bojo que imploro.  
 Das avarentas mãos sobe a arrancar-lhe  
 O defeso penhor, minha ventura. \*  
 N'isto é virtude transcender o extremo;  
 Remindo um triste da oppressão tão crua,  
 As balisas transpõe da heroicidade!

---

### EPISTOLA IMPROVISADA

A ti, (que ás outras leis da humanidade  
 Cumprindo-as, antepões a mais formosa  
 De todas as virtudes, a piedade)

A ti cá de erma estancia pavorosa,  
 Onde ferreo poder o some ao dia,  
 Vôa do ancioso amigo a voz quteixosa,

A voz de Elmano, a voz que te attrahia  
 Quando em mimoso verso eternisava  
 Graças, encantos, perfeições de Armia.

Meus puros dias o prazer dourava  
 Emquanto contra mim fatal prócella  
 No bojo da calunnia fermentava.

Onde crime não ha, não ha cautela;  
Por não temer-me da brutal crueza  
Qual victima succumbo ás furias d'ella.

Féra, ardente aversão, no inferno acesa,  
Em grave tribunal ousou pintar-me  
Escandalo do cêo, da natureza;

Dos vicios que levava ousou manchar-me;  
Foi escutada a vil, a vil foi crida,  
Dura força correu a agrilhoar-me.

De feroz conductor mão desabrida  
Eis me arremessa em horrida masmorra,  
Onde co' a morte se parece a vida.

Aqui, longe de haver quem me soccorra,  
Na solidão funesta em que desmaio,  
Sem que importe ao rigor que eu viva ou morra;

N'este da sepultura escuro ensaio  
A que ás vezes o sol compadecido  
Dirige a furto, a medo um tenue raio;

Volvendo-te, meu Chaves, no sentido,  
Os beneficios teus chamando á mente,  
E os males de que fui por ti remido,

Surjo d'entre as angustias; de repente  
Desenrugandô as faces a tristeza,  
Uma doce esperança me consente.

O soberano autor da redondeza  
 Parece que te quer, piedoso amigo,  
 Da minha redempção fiar a empreza.

De Bocage infeliz sê prompto abrigo,  
 Estorva que se mirre um desgraçado  
 N'este mal, n'este horror, n'este jazigo.

Do crime corruptor não fui manchado,  
 Alta religião me attrahe, me inflamma,  
 Amo a virtude, o throno, as leis, o Estado.

Acima de meus zoilos me ergue a fama;  
 Eis porque o negro bando, atroz, maldito  
 Sobre minhas acções seu fel derrama.

Só erros commetti (é este o grito  
 Da ingenua consciencia), mas padeço  
 As penas com que a lei fere o delicto.

Depois que n'estas sombras esmoreço,  
 Duas vezes brilhando a plena lua,  
 Tem roubado ás estrellas o aureo preço.

Ah! funde-se o teu nome, a gloria tua,  
 No pio intentõ de romper-me o laço  
 Que a sorte me lançou raivosa e crua.

Do benigno Laurenio invoca o braço,  
 O braço protector dos desditosos,  
 Jamais em dons beneficõs escaço.

Elle aos ouvidos faceis e piedosos  
Do sublime varão, do egregio Lima,  
Conduza meus suspiros lastimosos;

Que eu a quem Phêbo acolhe, acênde, estima,  
Da honrosa gratidão arrebatado,  
Ornarei seu louvor de eterna rima.

Os céos na sua mão depoem meu fado;  
Alma heroica, imitando-lhe a clemencia,  
Me arranque d'este carcere enlutado,  
E me reforce a languida existencia.

---

### RETRATO

Emquanto os gados  
Pascem dispersos,  
Casem-se á lyra  
Meus brandos versos.

Tirso, que adoras  
Nize engraçada,  
Ouve o retrato  
Da minha amada.

Em seus cabellos  
Soltos e ondados,  
Mil cupidinhos  
Estão pousados.

Lá, convertidos  
Em virações,  
Ordenão laços,  
Armão traições.

Os olhos d'ella  
São como o céu,  
Depois que a noite  
Desdobra o véo.

Tem tal virtude,  
Tal movimento,  
Que encolhe as azas  
Ao pensamento.

Na linda face  
De neve pura,  
Ondę entre as rosas  
Brilha a candura,

Ha certa graça,  
Certa viveza,  
Mais attractiva  
Que a gentileza.



Nos doces labios  
Qualquer sorriso  
Aviva idéas  
Do Paraiso.

Ornã-o-lhe o seio  
Da eburnea cõr,  
Por fóra as graças,  
Por dentro amor ;

Alli assaltos  
De audaz desejo  
Move a ternura,  
Rebate o pejo.

Das melindrosas  
Mãos transparentes  
Os alvedrios  
Ficão pendentés.

Lisas columnas,  
Taes como as creio,  
De obras divinas  
Candido esteio,

Guardão thesouro  
De alta valia,  
Que só se goza  
Na fantasia.

LIVRARIA CLASSICA.

Ah! Que, attrahido  
Na imagem bella,  
Meu pensamento  
Se absorve, n'ella!

Tirso, não posso  
Pintar o mais,  
Meus brandos versos  
Tornão-se em ais.

Já tu conheces  
A formosura,  
Que foi objecto  
D'esta pintura.

Quem do retrato  
Não ajuiza  
Que ou é de Venus,  
Ou de Felisa?

---

EPIGRAMMAS

Longe estás de ser pateta,  
Flavio, tens varias noções;  
Entendes bem a selecta,

Lês, estudas, e compões ;  
Por um tris não és poeta.

---

Um homem que toda a vida  
Passou fomes por querer,  
Co' a muita debilidade  
Pôz-se em termos de morrer.

Doutor, que de graça o via,  
E co' a doença atinava,  
Off'receu-lhe uns certos doces  
Para ver se o melhorava.

« Obrigado (eis lhe responde  
O enfermo, estendendo a mão),  
Dê cá. Bom será guardal-os  
Para maior precisão. »

---

Levando um velho avarento  
Uma pedrada n'um olho,  
Pôz-se-lhe no mesmo instante  
Tamanho como um repolho.

Certo doutor, não das duzias,  
Mas sim medico perfeito,  
Dez moedas lhe pedia  
Para o livrar do defeito.

« Dez moedas! (diz o avaro)  
Meu sangue não desperdiço.  
Dez moedas por um olho!  
O outro dei eu por isso. »

---

Conferes nas senhorias,  
Fôfo Alcêo, mais fôfos bens,  
E fazes n'isso um milagre,  
Porque dás o que não tens.

---

Concluiu pintor famoso  
Um certo retrato humano,  
E a taful, sequaz de Apollo,  
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando,  
Lhe disse : « Amigo, que tal?  
Deveis gabal-o, que vós  
Conheceis o original.

Foi ditosa a pincelada,  
Nunca retratei tão bem,  
Nunca pintei como agora... »  
Pergunta o poeta : « A quem? »

---

Uma terra dizem que há,  
Onde a fome acerba e dura,  
Cabo dos medicos dá :  
Porque é isto? É porque lá  
Pagão sómente a quem cura.

---

CORIDON.

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO.

Melhor sortê me dê Deos;  
Tremo d'isso.

CORIDON.

E porque tremes?

ELMANO.

Porque podes ler-me os teus.

---

De que é só de seu marido  
Laura tem reputação;  
Este merito subido  
A quem o deve? Eu duvido  
Se á cara, se ao coração.

---

Dá feia mulher Andronio  
Com zelo arde e rebenta;  
N'isto o não julgo bolonio;  
A mulher é um demonio,  
Porém o demonio tenta.

---

Um tempo breve, urgente,  
As rosas têm sómente  
Para ostentarem bellas  
O seu aroma e côr :  
Para agradar com ellas  
Tem um só tempo amor.

---

Aqui jaz um escrivão,  
Que já na propecta idade  
Tomou o habito de frade;  
Só merecia o cordão.  
Deos tenha d'elle piedade!

---

Faço a paz, sustento a guerra,  
Agrado a doutos e a rudes,  
Gero vicios e virtudes,  
Torço as leis, domino a terra.

---

**O MACACO DECLAMANDO**

Um mono, vendo-se um dia  
Entre brutal multidão,  
Dizem lhe deu na cabeça  
Fazer uma prégação.

Creio que seria o thema  
Indigno de se tratar,  
Mas isso pouco importava,  
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,  
Proferindo, á boca cheia,  
Sentenças de quinze arrobas,  
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,  
Orador, e outros que taes;  
Nescios o que entendem menos  
É o que celebrão mais.

## OS DOUS BURROS E O MONO

Um burro lançado á margem  
 Ostentava de talentos,  
 Moía um seu camarada,  
 Exemplar dos pachorrentos.

Zurrando conceitos graves,  
 Como quem falla, e não pensa,  
 Cumpria o rifão do vulgo :  
 Tal cabeça, tal sentença.

O trombudo companheiro,  
 A longa orelha abaixando,  
 Sem lhe responder palavra,  
 Ia ouvindo, ia pastando.

« És bruto! não me respondes!  
 (Diz o orelhudo doutor)  
 Envergonho-me de sermos  
 Iguaes na fórmula e na côr. »

Estranhando-lhe a basofia  
 Um mono dos mais astutos,  
 Que, n'uma arvore trepado,  
 A alliviava dos fructos,



Co' uma gargalhada, exclama:  
« Não verão quem alardêa!  
Burro com fumos de mestre!  
Isto é cousa que se crêa!

Não zombes d'esse coitado,  
Bem faz em não responder :  
Um tolo só em silencio  
É que se pôde soffrer. »

---

### OS CÃES DOMESTICOS E O CÃO MONTANHEZ

Affirma escriptor antigo,  
Que lá n'um grande sertão  
Três cães perdidos na caça  
Virão sózinho outro cão.

Que este era côr de azeviche,  
Aquell'outros côr de neve ;  
Porque isto faz muito ao caso,  
Primeiro notar-se deve.

Nascêra de lãs forrado  
O tal cão, e era môtez ;  
Tinhão pello muito fino,  
E erão da cidade os tres.

Um d'elles, o mais disposto  
 A fazer qualquer agravo,  
 Disse para o bom camponio :  
 « Oh! amigo, és nosso escravo. »

Ao som do termo affrontoso,  
 Que os ouvidos lhe offendeu,  
 O rustico alçou a orelha,  
 Rosnou, e se enfureceu.

Queria lançar-se a elles,  
 Mas tinha ouvido uma vez :  
 « Nem Hercules contra dous,  
 E inda menos contra tres. »

Emfim co' um ar espantado  
 Lhes disse o pobre lapuz :  
 « Eu captivo! Por que crime?  
 Vós senhores! Com que jus? »

O valentão já citado  
 Dá um pulo, e de repente  
 Ao miseravel responde,  
 Arreganhando-lhe o dente :

« O nosso jus é a força,  
 O teu delicto é a côr. »  
 De homens pretos é homens brancos  
 Cuido que falla este autor.

**O LOBO, A RAPOSA E A OVELHA**

Estando o lobo doente,  
Sem se poder arrastar,  
E em necessidade urgente  
De exercer, de ensanguentar  
O rijo, faminto dente,

Ao ver entrar pela gruta  
A raposa a visital-o,  
Lhe disse : « Ai comadre astuta !  
A' mingua esmoreço, estalo,  
A fome comigo luta.

Tu conheces a amizade,  
Com que ha dous annos te trato.  
Vale-me por caridade,  
Vai buscar por esse matto  
Allivio á minha anciedade. »

« Eu vou cuidar no teu bem, »  
Responde o falso animal;  
E parte : menos, porém,  
Para livral-o do mal  
Que para o fazer a alguem.

De serra em serra caminha,  
Até que vê desgarrada

Uma innocente ovelhinha.  
« Topar-te (diz a malvada)  
Foi bem teu, e é gloria minha.

Crê que a raposa não manga,  
Sou de ingenua condição,  
Nenhum vivente me zanga,  
Todos amo, á excepção  
De gallo, gallinha, ou franga.

Tanto, amiga, pôde em mim  
O dó de expostas vos ver  
Aos crueis lobos, que vim  
Felizmente hoje a obter  
De vossos males o fim.

Dos lobos o rei voraz  
Quasi em artigos de morte  
Carpio suas acções más,  
E com piedoso transporte  
Jurou ás ovelhas paz.

Fez este promettimento  
Por si e seus adherentes.  
Não reccies fingimento;  
Personagens eminentes  
Não fazem vão juramento.

Agora pede a razão,  
Quer da cortezia o termo,

Que venhas sem dilação  
Visitar o illustre enfermo  
Em signal de gratidão.

A sua cova não dista  
Muito aqui d'este lugar,  
D'aquelle outeiro se avista.  
Toca, pois, a caminhar,  
Vem tu seguindo-me a pista. »

Aquillo que se deseja  
Quão facil se conjectura!  
A ovelha de gosto arqueja,  
E, graças dando á ventura,  
Vai seguindo a malfazeja.

Entrão por aquelle horror,  
E a conductora ladina,  
Vendo da ovelha o terror,  
Lhe disse : « Chegai, menina,  
Beijai a pata ao Senhor. »

A repugnancia vencendo  
Com bem custo a coitadinha,  
E calada estremecendo,  
Pouco a pouco se avizinha  
Ao bruto feroz e horrendo.

Vibrando os olhos centelhas,  
O tyranno lhe aferrou

Dente e garra entre as orelhas;  
D'est'arte se confirmou  
A paz dos lobos e ovelhas.

Ingenuo, tem conta em ti,  
No mundo ha muitos enganoso.  
(Eu o sei porque os soffri)  
Os bons padecem mil damnos  
Julgando os outros por si.

---

#### O TIGRE E A DONINHA

Pesou sempre o beneficio  
Porque a vaidade offendeu,  
Principalmente se um grande  
De um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma historia  
Succedida entre animaes,  
Uma historia que se applica  
Bellamente aos racionaes.

fa um tigre muito ufano,  
Fiado na garra e preza,  
Crendo que a tudo excedia  
No reino da natureza.

D'esta idéa hallucinado,  
Incauta planta foi pôr  
Em perfida rede, armada.  
Por experto caçador.

Preso, luta sem proveito,  
Tenta em vão desenlear-se;  
Lida, revolve-se o bruto,  
E o que faz é apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,  
Perdida emfim a esperança,  
Cessa, e do peito raivoso  
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,  
Por aquelle sitio vinha  
Demandando agrestes fructos  
A leve, esperta doninha.

Estremece, ouvindo o monstro  
Envolto na rede urrar;  
Foge, porém curiosa,  
Põe-se de longé a olhar.

O tigre, que a vê, que sabe  
Quanto é versada em roer,  
Despe a soberba, e lhe roga  
Que o venha alli socorrer.

Tanto adoça o tom pesado  
Da rude, estrondosa voz,  
Que segura a desprendê-lo  
Parte a doninha veloz.

Afinca o subtil dentinho  
No tenaz, urdido laço,  
Roe aqui, roe acolá,  
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas  
A féra ingrata e medonha,  
Do que deve ao pequenino,  
Fraco animal, se envergonha;

E acesa em feroz orgulho,  
Carregando-se na frente,  
(Com receio de que a triste  
O caso nas selvas conte)

Deita-lhe a garra danmiosa,  
A debil vida lhe extrahe.  
Ninguem acuda ao malvado  
Se no precipicio cahe.

---



**OS DOUS CÃES**

Tinha dous cães perdigueiros  
Certo moço caçador,  
Um excellente no faro,  
Outro no feitio e côr.

Aquelle pela esperteza  
Do prompto, do agudo olfacto,  
A.rôla, a perdiz sumida  
Desencantava no matto,

E apenas, soando o tiro,  
Cahia a caça no chão,  
Com pasmosa ligeireza  
Do dono a trazia á mão.

O segundo, inerte e molle,  
Que o primeiro acompanhava,  
Por costume, ou arremedo,  
Não por genio farejava;

Té as aves muitas vezes  
Ao venatorio ruido  
D'entre os pés lhe rebentavão,  
E não as tinha sentido.

Mas, sendo incapaz, ao socio  
Excedia na ventura,  
E o nescio dono prezava  
Mais que o prestimo a figura.

Assim succede, leitores,  
A um semsabor Narciso  
N'uma assembléa com outro  
De má cara e bom juizo.

Diz um d'alli : « Este amigo  
É de graça, e prendas cheio. »  
Respondem a isto as damas :  
« Apre lá! Que homem tão feio! »

Diz outro : « Aquelle peralta  
Põe mil asneiras n'um dito. »  
Acodem logo as meninas :  
« Que importa, se é tão bonito? »

---

### O ELEPHANTE E O BURRO

No tempo em que inda fallavão  
Os animaes como a gente,  
É tradição que tiverão  
Conferencia em caso urgente.

O burro, que, não sei como,  
Se introduzio no conselho,  
Quiz, fingindo-se estadista,  
Tambem metter seu bedelho.

Eis n'um tom que differia  
Bem pouco do que hoje é zurro,  
Foi revolvendo a questão,  
Discreteou... como um burro,

Depois de lhe ter ouvido  
Alguns conceitos de arromba,  
O carrancudo elephante  
Lhe disse, torcendo a tromba :

« Esse tempo que tens gasto  
Inutilmente em clamar,  
Insensato, não podias  
Aproveital-o em pastar?

Vens affectar eloquencia,  
Animal servil e abjecto!  
Um tolo nunca é mais tolo  
Que quando quer ser discreto. »

## A MONA E O FILHO

Mona tão horrorosa, ou mais do que o diabo,  
Com callos o traseiro, e sem cabello o rabo,  
N'um moninho brincão, que tinha dado ao prelo,  
Cegamente empregava o maternal desvelo,  
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,  
Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino.  
Se alguma sua amiga ia fazer-lhe festa,  
Dizia-lhe : « Não, não, deixe-m'o, que o molesta. »  
Se lhe pegava ao collo até o proprio pai,  
A mãe gritava logo : « Ai! não m'o esmagues, ai! »  
E com mimo importuno a rustica entretanto  
Ao tenrinho animal desafiava o pranto,  
Pois em beijo e mais beijo, abraço e mais abraço,  
Anciava, opprimia o filho a cada passo;  
E um dia o abraçou com tal contentamento,  
Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.  
Tal (me diz a experiencia) é o zeloso amante :  
Por amor importuna, enfada a cada instante,  
O que quer para si do mesmo sol recata,  
Por amor atormenta, e até ás vezes mata.

---

**O PAPAGAIO E A GALLINHA**

Loquaz papagaio  
Seccava a guela,  
Soltando mil gritos  
A uma janella.

Olhou para a rua,  
Por onde vagava,  
Gallinha de pôpa,  
Que depenicava.

Na lingua das aves  
Co' um ar superior  
Lhe deu estes chascos  
O vão palrador :

« Devéras, vizinha,  
Que pódes campar  
Co' a prenda galante  
De cacarejar.

Deixando ironias,  
Sempre és cousa pouca,  
Não tens outro chiste  
Senão essa touca.

Depois de defunta  
Só causas prazer,  
Para te comerem  
Te dão de comer.

Eu em alma e corpo  
Sou ave excellente.  
Não pasmas de ouvir-me  
Fallar como a gente? »

« Não pasmo (responde  
Dos gallos a amiga)  
Villão, carioca,  
Mordaz de uma figa.

Da lingua que allegas  
Basofia concebes?  
Que importa que a falles  
Se não a percebes?

Com isso te abates  
No meu parecer.  
Os tolos só dizem  
O que ouvem dizer. »

---

## A MACACA

Nos serros do Brasil diz certo autor que havia  
Uma namoradeira, uma sagaz bugia;  
Milhões de chichibéos pela taful guinchavão,  
E por não terem aza o rabo lhe arrastavão.  
Qual, cahindo-lhe aos pés, de amores cego e louco,  
Nas cabelludas mãos lhe apresentava un côco,  
Qual do assucar brilhante a sumarenta canna,  
E qual um ananaz, e qual uma banana.  
Ella com riso astuto, ella com mil caretas  
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;  
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho,  
A todos promettia o mais fiel carinho;  
E se algum lhe rogava especial favor,  
Á terna petição dizia : « sim, senhor ; »  
Mas com muita esperança o fructo era nenhum,  
E os pobres animaes ficavam em jejum.

Leitores, ha mulher tão destra e tão velhaça,  
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor

---

## O LEÃO E O PORCO

O rei dos animaes, o rugidor leão,  
Com o porco engraçou, não sei por que razão.  
Quiz empregal-o bem para tirar-lhe a sorna :  
(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna)  
Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,  
Poder de despachar os brutos pretendentes,  
De reprimir os máos, fazer aos bons justiça,  
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;  
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,  
E a sua occupação dormir, comer, fossar.  
Notando-lhe a ignorancia, o desmazelo, a incuria,  
Soltavão contra elle injuria sobre injuria  
Os outros animaes, dizendo-lhe com ira :  
« Ora o que o berço dá sómenté a cova o tira ; »  
E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,  
Ficava muito enxuto. Attenção n'isto, ó pais,  
Dos filhos para o genio olhai com madureza :  
Não ha poder algum que mude a natureza :  
Um porco ha de ser porco, inda que o rei dos bichos  
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.



**OS DOUS GATOS**

Dous bichanos se encontráráo  
Sobre uma trapeira um dia.  
(Creio que não foi no tempo  
Da amorosa gritaria).

De um d'elles todo o conchego  
Era dormir no borrarho ;  
O outro em leito de senhora  
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde  
Espinhas apenas dava ;  
Com exquisitos manjares  
O segundo se engordava.

Miou, e lambeu-o aquelle  
Pelo ver da sua casta :  
Eis que o brutinho orgulhoso  
De si com desdem o afasta.

Aguda unhada vibrando,  
Lhe diz : « Gato vil e pobre,  
Tens semelhante ousadia  
Comigo, opulento e nobre !

Cuidas que sou como tu?  
Asneirão, quanto te enganas!  
Entendes que me sustento  
De espinhas, ou barbatanas?

Logro tudo o que desejo,  
Dão-me de comer na mão,  
Tu laseras, e dormimos  
Eu em cama e tu no chão.

Poderás dizer-me a isto  
Que nunca te conheci,  
Mas para ver que não minto  
Basta-me olhar para ti. »

« Ui! (responde-lhe o gatorro,  
Mostrando um ar de estranheza)  
És mais que en! Que distincção  
Pôz em nós a natureza?

Tens' mais valor? Eis-aqui  
A ocasião de o provar. »  
« Nada, (acode o cavalheiro)  
Eu não costume brigar. »

« Então (torna-lhe enfadado  
O nosso villão ruim)  
Se tu não és mais valente,  
Em que és superior a mim?

Tu não mias? — Mio. — E sentes  
 Gosto em pilhar algum rato? —  
 Sim. — E o comes? — Oh! se o como!  
 — Logo não passas de um gato!

Abate pois esse orgulho,  
 Intratavel creatura:  
 Não tens mais nobreza que eu,  
 O que tens é mais ventura. »

---

### A MORTE DE LUCRECIA.

Cercada pelo exercito romano,  
 Um sitio pertinaz soffria Ardéa.  
 Enquanto a dura guerra está pendente,  
 Enquanto aventurar feroz combate  
 Teme a prudencia, os chefes e os soldados  
 Folgão nos arraiaes em ocio ledo.  
 N'isto o filho do rei, Tarquinio o moço,  
 A esplendido festim convida os socios,  
 E, reinando a alegria, assim lhes falla  
 « Agora que de Ardéa o vagaroso  
 Assedio nos detem, nos não permite  
 As armas conduzir aos patrios lares,  
 Dos thoros conjugaes a fé mantendo,  
 As esposas gentis que suspiramos

Suspirarão por nós, serão quaes somos? »  
 Já cada qual sem termo a sua exalta ;  
 Aceso pelo amor, cresce o debate,  
 Nos brindes do licor fogoso e puro  
 A mente, o coração e a lingua fervem ;  
 Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle  
 A quem de alto appellido honrou Colacia,  
 « As palavras são vãs, creá-se em copas :  
 A noite nos sobeja, esporeemos  
 Os robustos cavallo, eia, a Roma. »  
 O dito agrada, enfrêo-se os ginetes,  
 Os sofregos mancebos partem, voão,  
 Vão da estancia real primeiro ás portas,  
 Onde guarda nenhum velando encontrão.  
 Entrão, colhem de subito engolfada  
 Em festivo prazer, e em rubro nectar,  
 Nas tranças com mil flôres desparzidas  
 A que ao filho em consorcio o rei ligára :  
 Promptos caminhão logo a ver Lucrecia.

Alvejavão da candida matrona  
 No fuso luzidio as mãos de neve ;  
 Dispostos ante o thalamo se olhavão  
 De industriosa téa os brandos fios ;  
 Em torno á luz sollicitas escravas  
 A nocturna tarefa promovião.  
 Lucrecia em tom macio, em voz mimosa  
 D'est'arte lhes dizia, as incitava :  
 « É para Colatino, eia, apressai-vos,  
 Cumpre mandar em breve ao meu consorte

Isto em que a nossa industria exercitamos.  
 Vós, que tanto indagais, e ouvis, soubestes  
 Quanto ainda se crê que dure a guerra?  
 Vencida cahirás, Ardéa iniqua,  
 Que de nossos esposos nos separas.  
 Tornem, tornem, oh! céos!... Mas ai! Que idéa!  
 O meu é destemido, é temerario,  
 Tem genio de arrojarse ao fogo, ao ferro.  
 Foge-me á luz, o alento, esfrio, e morro  
 Quando entre os inimigos o afiguro. »

N'isto o pranto amoroso a voz lhe corta,  
 Cahe-lhe o fio da mão, e o lindo gesto  
 Sobre o molle regaço inclina a triste;  
 Dobrão-lhe a graça as lagrimas pudicas,  
 E mostra um coração igual ao rosto.  
 Eis o esposo apparece, e, « não receies,  
 Aqui me tens » (lhe diz). Ella revive,  
 Ella os braços lhe lança, e longo espaço  
 Pende do collo amado o doce peso.

Emtanto de amor cego o regio moço  
 Arde, morre, e lhe attrahe, lhe enleva os olhos  
 A fôrma, a nivea côr, e a loura trança,  
 E o grave adorno, limpido, e sem arte;  
 A fälla o prende, as expressões o encantão,  
 E o que á vil seducção não é sujeito,  
 Quanto menos esperas mais desejas,  
 Mais te afoguêas, sequioso amante.

Cantára o nuncio da risonha aurora,

E aos fortes arraiacs os socios volvem.  
 Attonito, em paixão Tarquiniq ferve,  
 Gozando na revolta fantasia  
 A bella imagem de Lucrecia ausente;  
 E alli tudo o que vio mais lindo observa.  
 « Assim (diz entre si) a achei sentada!  
 Era o seu traço assim, e a mão suave  
 O longo, tenue fio assim torcia;  
 D'esta arte lhe cahião no alvo collo  
 Aureas madeixas, ao desdem lançadas;  
 Tinha este modo, estas palavras disse,  
 Este o semblante, a graça, a còr e a boca! »

Como se vê no mar, depois que os ventos  
 As azas sacudindo, o flagellarão,  
 Que, já puros os céos, inda esbraveja  
 Co' a rispida impressão do horrendo assalto;  
 Tal, posto que tão longe a bella estava,  
 O incendio que ateou no amante ardia.  
 Penando, e de paixão desesperado,  
 Projecta macular com força e dólo  
 O thalamo sagrado, o casto objecto.  
 « O effeito é duvidoso (eis diz o insano),  
 Porém não se fraqueje, ousemos tudo;  
 Audazes corações protege a sorte:  
 Os Gabios sujeitei co' atrevimento. »

Cala-se; e já pendura ao lado a espada,  
 Já de um rapido bruto opprime as costas.  
 Corre, e chega a Colacia o moço ardente

Quando o sol mergulhava o carro de ouro.  
O inimigo como hospede nos lares  
Do ausente Colatino é logo accito,  
(Que o vinculo do sangue os dous prendia)  
A dama com primor o acolhe, o trata;  
Ai! que enganada está! Manda que apromptem,  
Sem suspeita do crime, a lauta mesa.  
Contente do alimento, o somno exiges,  
Oh! lasta natureza. Era alta noite,  
Na estancia lume algum não scintillava;  
Levanta-se o traidor, um ferro empunha,  
Vai, manso e manso, ao thalamo pudico;  
Mal que o toca: « Um punhal comigo trago,  
Lucrecia (elle lhe diz), eu sou Tarquimio,  
Sou o filho do rei. » Nada responde,  
Nem póde responder Lucrecia absorta;  
De assombro, de terror jaz fria e muda;  
Mas, como a lamentavel cordeirinha  
Que no tosco redil desamparado  
Entre as garras se vê do lobo infesto,  
Ante o féro amador Lucrecia treme.  
Que fará? Contender, lutar com elle?  
Ella é debil mulher, será vencida.  
Gritará? Tem na dextra um ferro o monstro.  
Fugirá? Dura mão lhe aperta o peito,  
Não manchado atélli de toque infame.  
Insta com rogos o inimigo amante,  
Com premiõs e ameaços, mas seus rogos,  
Seus premios e ameaços nada alcanção.  
« Não cedes. inhumana, a meus transportes? »

Pois (o barbaro diz) hei de arrancar-te  
 Com este ferro a vida, apregoando  
 Que em adulterio vil co' um torpe escravo  
 Te colhi : a teu lado o porei morto,  
 E horrenda ficará tua memoria. »  
 A matrona infeliz, temendo a fama,  
 A furia succumbio do fementido.

Indigno vencedor, para que exultas?  
 Será tua ruína essa victoria :  
 Ai! Quanto ao solio teu custa uma noite!

Dissipando-se as trevas, apparece  
 Lucrecia desgrenhada, e qual costuma  
 Ir lacrimosa mãi do filho á pyra :  
 O consorte fiel, e o pai longevo  
 Chama do campo : os dous acodem logo,  
 Vêm-lhe o luto, e do luto a causa inquirem,  
 Perguntão-lhe que mal, que dôr a ancèa,  
 E as honras funeraes a quem consagra?  
 Ella fica em silencio um longo espaço,  
 E no véo lutuoso esconde a face,  
 Soltas em fio as lagrimas formosas.

Consolando-a co' a voz, e com o afago,  
 D'aqui lhe roga o pai, d'alli o esposo,  
 Que falle emfim, que exprima o que padece,  
 E chorão, temem com pavor incerto.

Tres vezes começou, parou tres vezes,



E á quarta se atreveu a declarar-se,  
 Mas sem a vista erguer : « Tarquinio a isto  
 Me obrigará tambem! ». (profere a triste)  
 Eu mesma hei de narrar a injuria minha!  
 Eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me? »  
 Conta o que pôde... resta o mais... e chora...  
 E o pejo lhe afoguêa a face honesta.  
 O pai e esposo o crime involuntario  
 Perdão. « Perdoais! Eu não » (diz ella)  
 E aguçado punhal, que traz occulto,  
 Co' a melindrosa mão no scio imbebe.  
 Cahe aos paternos pés ensanguentada,  
 E olhando para si, já moribunda,  
 Para ver se o pudor na quêda offende;  
 Este o cuidado da infeliz, morrendo!  
 Eis junto ao corpo amado o pai e esposo,  
 Deslembrados da gloria e do decoro,  
 Jazem carpindo seu commum desastre.

Bruto, que a scena infausta presenciã,  
 O nome com o espirito desmente;  
 Do peito semi-vivo arranca o ferro,  
 E alli na mão com elle, que distilla  
 Da victima formosa o puro sangue,  
 N'um ar ameaçador taes vozes solta  
 Do afêuto coração : « Por este honrado,  
 Por este varonil, egregio sangue,  
 E por teus manes, que serão meus numes,  
 Juro ao feroz Tarquinio um odio eterno;  
 Juro de o proscrever, e á prole infame;

Seus crimes infernaes serão punidos ;  
Tens, ó virtude, assaz dissimulado.

Ao som d'estes impavidos protestos  
Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia ;  
Meneando a cabeça, approva e morre.  
Sobre funereo leito se colloca  
O gentil corpo da heroina excelsa.  
O spectaculo triste expõe-se a todos,  
E deve a todos lagrimas e inveja ;  
Vai patente a ferida, o denodado  
Bruto, vociferando, incita o povo,  
E do mancebo audaz lhe narra o crime.

Com a stirpe cruel Tarquinio fuge ;  
Foi aquelle o famoso, ultimo dia  
Em que o duro oppressor deu leis a Roma !

Cessa o reinado, os consules se crêão,  
E as redeas tomão de annual governo.

---

### PICO E CANENTÉ

DO LIVRO XIV DAS METAMORPHOSES DE OVIDIO.

Pico, de Ausonia rei, Saturnia prole,  
Nas graças corporaes era extremado,  
Do espirito nos dons não menos bello.

Quarta vez o espectáculo guerreiro,  
 Que em Elide se usou de lustro em lustro,  
 Não podendo o mancebo inda ter visto,  
 Já olhos, já suspiros attrahia  
 Das driades gentis nos lacios cumes.  
 Vós o amaveis tambem, vós o seguieis,  
 Candidas filhas das serenas fontes,  
 O' Naiades do Tibre e do Numicio,  
 Deosas do Nar veloz, do Almo pequeno,  
 Do Farfaro sombrio, e do Anio puro,  
 Co' as outras que da Scythica Diana  
 Morão nos bosques, nos vizinhos lagos.  
 Mas todas engeitava, e quiz só uma,  
 Só uma o captivou, penhor mimoso,  
 Que lá no monte Palatino a Jano  
 (Segundo é tradição) Venilia dera.  
 Nos annos de hymenêo floresce a nympha :  
 Preferido entre mil competidores,  
 Eis a Pico em Laurento amor a entrega.

Rara na gentileza era Canente,  
 Rarissima porém na voz, no canto ;  
 Com elle pedras, arvores movia,  
 Detinha os rios, amansava as fêras,  
 Tirando ás aves o temor e o vôo.

Ella o seu doce amor cantava um dia,  
 Quando aos laurentes campos contra os bravos,  
 Cerdosos javalis, sahio o esposo.  
 De alentado ginete o dorso opprime,

Tem na dextra e sinistra agudas lanças,  
Preso o phenicio manto em laço de ouro.  
Fôra a filha do sol aos mesmos bôsqes  
Para colher no monte as hervas novas,  
Distante dos Circêos, a quem deu nome.

D'uns ramos escondida o moço vendo,  
Se assombra, cahem-lhe as hervas que apanhára ;  
Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa.  
Apenas volve a si do vivo assalto  
Tenta manifestar o ardor interno,  
Mas do ginete a fervida presteza,  
E os circumstantes guardas o estorvârão.  
« Nem que te roube o vento has de escapar-me,  
Se inda eu sou a que fui, se inda ha virtude  
Nas plantas, e meus versos não me enganão. »

Diz : e eis um javalí de aereo corpo  
Finge, perante o rei correr o manda,  
E mostrar que se acolhe aos densos mattos  
Em parte onde o cavallo entrar não possa.  
De imaginaria presa hallucinado,  
Salta o mancebo das fumantes costas,  
Segue esperança vã, fallaz objecto :  
Discorre aqui e alli pela alta selva.

Já Circe principia as magas preces,  
Em verso ignoto adora ignotos deoses,  
Verso com que enegrece, esconde a lua,  
Com que o sol, com que o pai de sombras mancha.

Assim que os sons do encanto o céu condensão,  
 Que um vapor tenebroso a terra exhala,  
 E pelo bosque os mais vaguêdo cegos,  
 No escuro as guardas já do rei perdidas,  
 Apto o lugar e o tempo achando a amante :  
 « Oh! tu entre os mortaes o mais formoso,  
 (Suspirando lhe diz) por esse aspecto,  
 Por esses, que os meus olhos encantarão,  
 E fazem com que eu deosa te supplice,  
 Premêa activo amor, em que me inflammas ;  
 O sol que tudo vê por sogro aceita,  
 Duro não fujas da Titania Circe. »

Disse, porém feroz elle a rejeita,  
 Elle rogos e afagos lhe repulsa ;  
 Responde : « Não sou teu, quem quer que sejas,  
 Outra me tem captivo, e praza aos numes  
 Que dure longamente o captiveiro.  
 Os laços conjugaes, os puros laços  
 Não hei de enxovalhar de amor externo,  
 Emquanto amigos fados me guardarem  
 De Jano a filha, a singular Canente. »

Circe (enfadada de lhe instar sem fructo)  
 Diz : « Não, não has de impunemente amal-a,  
 Nem jámais tornarás a ver a esposa.  
 Mulher depois d'amante, e de offendida  
 Conhecerás o que é ; para teu damno  
 Sou mulher, offendida, amante, e Circe.. »

Ao occaso, ao nascente então se volta, -

Duas vezes áquelle, a este duas;  
 Depois no corpo do gentil mancebo  
 Tres toques dá co' a vara, e diz tres versos.  
 Elle foge, e da propria ligeireza,  
 Da nimia rapidez vai admirado.

Eis que subitamente em si vê azas!  
 Affrontado, raivoso de sentir-se  
 Ave nova adejar nos lacios bosques,  
 Despede o féro bico aos duros troncos,  
 Com furia aqui e alli golpêa os ramos.  
 Côr do purpureo manto as pennas ficão.  
 Em pennas o aureo nó tambem se torna,  
 Listra dourada lhe rodêa o collo,  
 E a Pico do que foi só resta o nome.

Entretanto por elle os seus clamavão,  
 Sem podêl-o encontrar na longa selva.  
 Circe emfim lhe apparece (as auras tinha  
 Adelgado já, já permittido  
 Que o sol e o vento as nevoas dissipassem)  
 Mil crimes exprobrando á vingativa,  
 Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,  
 E dispõe-se a cravar-lhe as ferreas lanças.  
 Succos de atro veneno a maga entorna;  
 A noite, os numes d'ella, o cháos, o Averno  
 Pelo forçoso encanto alli convoca,  
 E ora á terrivel Hecate, ululando.  
 Eis salta do lugar (que espanto!) o bosque,  
 Amarellece a folha, e geme a terra,

Tingem-se as hervas de sanguineas manchas,  
 Roucos bramidos sahem das rotas penhas,  
 Ouvem-se cães latir, silvar serpentes;  
 Vê-se o chão d'ellas negro, e tenues sombras  
 Nos ares em silencio andar gyrando.

Attonitos de horror descórão todos;  
 Mas co' a vara tremenda e venenosa  
 Toca-lhes Circe as bocas assombradas.  
 Pelo trato fatal se tõrnão monstros  
 De improviso os mancebos lastimosos :  
 Em nenhum permanece a antiga fórma.

Já no occidente o sol fechára o dia,  
 E com olhos, com alma, em vão Canente  
 Pelo perdido esposo inda esperava!  
 Pisão bosques e bosques servos, povo,  
 E com fachos nas mãos explorão tudo.  
 A nympha de chorar não se contenta,  
 Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças,  
 Quantos extremos ha todos pratica;  
 Sahe, corre, vaga, insana, os lacios campos!

Seis luas (infeliz!) seis sóes a virão  
 Em continuo jejum, continua velá  
 Por valles, por florestas, por montanhas,  
 Por onde o desaccordo a foi levando.

Do pranto e do caminho emfim cansada,  
 O Tibre a vio cahir na margem sua.

Alli ao dêsamparo, alli sózinha  
 A triste, modulando acerbas mágoas,  
 Soltava um tenue som, qual canta o cysne  
 O debil verso, precursor da morte.

A amante deploravel manso e manso  
 Em lagrimas saudosas se liquida,  
 Vai-se allí pouco a pouco attenuando,  
 E nas auras subtis se desvanece.

Pelo caso o lugar ficou famoso:  
 Vós, do nome da nympha miseranda,  
 Canente, oh! priscas musas, lhe puzestes.

---

### A DESCIDA DE ORPHÉO AOS INFERNOS A BUSCAR EURYDICE

TRADUZIDA DO LIVRO X DAS METAMORPHOSES DE OVIDIO.

De rutilantes vestes adornado,  
 Hymenêo rompe o ar, e á Thracia vò,  
 Lá d'onde o chama Orphêo, porém debalde.  
 O Deos sim presidio do vate ás nupcias,  
 Mas não levára alli solemnes vozes,  
 Nem presagio feliz, nem ledo rosto.  
 Sentio-se apenas crepitar-lhe o facho,  
 E em vez de viva luz, soltar um fumo



Lutuoso e fatal; vâmente o nume  
 Tentou co' movimento erguer-lhe a chamma.  
 O effeito foi peor que o mesto agouro!

Emquanto a linda noiva os prados gyra,  
 Das Naiades gentis acompanhada,  
 Âspide occulto fere o pé mimoso.  
 Morre a moça infeliz, e o triste amante,  
 Depois de a lamentar aos céos e á terra,  
 Emprende commover do inferno as sombras,  
 Afouto desce a vós, tenarias portas.

Por entre baralhada, aerea turba,  
 Cujos réstos mortaes sepulcro logrão,  
 Aos negros paços vai do rei das trevas.  
 Vê do tyranno eterno o throno horrendo,  
 Lá casa os sons da voz e os sons da lyra,  
 Às deidades crueis lá diz : « Oh! deoses,  
 Deoses do mundo sotoposto á terra,  
 No qual se ha de sumir tudo o que existe!  
 Se acaso a bem levais que iñgenuas vozes  
 O artificio removão, crêde as minhas.  
 Não venho para ver o opaco Averno,  
 Nem para agrilhoar as tres gargantas  
 Do monstro medusêo, que errição cobras.  
 Attrahe-me ao reino vosso a morta esposa,  
 A quem pisada vibora o veneno  
 Nas vêas desparzio, a flôr murchando  
 Dos annos festivaes, inda crescentes.  
 Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,

Tentei vencer meu mal, e amor venceu-me.  
 Este Deos é nos céos bem conhecido,  
 Aqui não sei se o é, mas se não mente  
 No rapto, que pregôa antiga fama,  
 Vós tambem pelo amor ligados fostes.  
 Ah! por este lugar que abrange o medo,  
 Por este ingente cháos, silencio vasto,  
 Que do profundo imperio o seio occupão,  
 De Eurydice gentil á doce vida  
 O fio renovai, tão cedo rôto.  
 Ella, todo o mortal vos é devido,  
 Vem tudo, agora ou logo, á mesma estancia,  
 Para aqui pende tudo, é este o nosso  
 Derradeiro, infallivel domicilio ;  
 Vós tendes, vós gozais, a vós compete  
 Da especie humana o senhorio immenso ;  
 A que exijo de vós ha de ser vossa  
 Por inviolavel jus, por lei dos fados,  
 Tocando o termo da vital carreira ;  
 O uso do meu prazer em dom vos peço ;  
 Se o destino repugna ao bem que imploro,  
 Se a esposa me retém, sahir não quero  
 D'este horror : exultai co' a morte de ambos ! »

O triste, que assim une o verso á lyra,  
 Os exangues espiritos deplorão ;  
 Á fugaz lymphá Tantaló não corre ;  
 A roda d'Ixion de assombro pára ;  
 Os abutres crueis não mordem Ticio,  
 As Belides os crivos cahir deixão,

Tu, Sisypho, te assentas sobre a pedra.  
 Das vencidas Eumenides é fama  
 Que pela vez primeira os negros olhos  
 Algumas tenues lagrimas vertêrão.  
 Nem a esposa feroz, nem Dite enorme  
 Ousão negar piedade ao vate orante.

Chamão subito Eurydice, envolvida  
 Entre as recentes sombras ella estava;  
 Eis o mordido pé vem manso e manso.  
 Recebe o Thracio Orphêo co' a bella esposa  
 Lei de que para trás não volte os olhos  
 Enquanto fôr trilhando o feio abysmo,  
 Se nulla não quizer a graça extrema.

Por duro, esconso, desigual caminho,  
 De escuras, bastas nevoas carregado,  
 Um após outro, os dous vão em silencio!  
 Já do tartareo fim distavão pouco.  
 Temendo o amante aqui perder-se a amada,  
 Cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:  
 De repente lh'a roubão! Corre, estende  
 As mãos; quer abraçar, ser abraçado,  
 E o misero sómente o vento abraça.  
 Ella morre outra vez, mas não se queixa,  
 Não se queixa do esposo; e poderia  
 Senão de ser querida lamentar-se?  
 Diz-lhe o sítremo adeos, já mal ouvido,  
 E recahe a infeliz na sombra eterna!

Fica attonito Orphêo co' a dupla morte

Da malfadada esposa, como aquelle  
Que n'um dos collos vio com rijos ferros  
Preso, arrastado á luz o cão trifauce,  
E que o mudo pavor desprio sómente  
Quando desprio a natureza humana,  
Transformado em rochedo immoto e frio;  
Ou qual o que a si mesmo impôz um crime,  
Oleno, que de réo quiz ter o nome  
Por te salvar, miserrima Letéa,  
Orgulhosa de mais com teus encantos,  
Tu, que foste co' esposo outr'ora uma alma  
Repartida em dous corpos, que hoje és pedra  
Com elle, e juntos no Ida estais sustidos.

O estygio remador expulsa o vate,  
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.

Sete dias jazeu na margem triste  
Sem nutrimento algum; só a saudade,  
As lagrimas, a dôr o alimentarão.

Depois de prantear vossa fereza,  
Numes do inferno, ao Rhodope se acolhe,  
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.

Dera o gyro annual tres vezes Phebo,  
E sempre o terno Orphêo de amor fugia,  
Ou porque o mal passado o refreava,  
Ou porque eterna fé jurado houvesse

À miseranda esposa. Repulsadas  
Mil bellas nymphas seus desdens carpirão.

---

### A ALMA DE JULIO CESAR MUDADA EM COMETA

Da tua morte, ó Cesar, teve o mundo  
Não duvidosos, tetricos presagios.  
É fama que em fulmineas, atras nuvens  
Tubas horrendas, armas estrondoças,  
Duros clarins os polos atroarão,  
Do negro parricidio annuncios dando ;  
É voz geral tambem que o sol tristonho  
Um pallido clarão mandava á terra,  
Que nos ares arder se virão fachos,  
E em chuveiros cahir sanguineas gottas ;  
De ferrugineo véo surgir a aurora,  
De sangue o carro teu vir tinto, ó lua.

Com dolorosôs sons o mocho esquerdo  
Lugares mil entristeceu de agouros,  
N'outros mil o marfim se vio chorando ;  
Forão cantos e vozes de ameaço  
Sentidos nas florestas consagradas ;  
Aceita aos numes victima não houve ;  
Féros tumultos, imminentes males  
Vinhão na rota libra apparecendo ;

Achou-se nas fatidicas entranhas  
Decepada cabeça gottejante;  
No fóro, em tórno aos templos, ante os lares  
Os cães nocturnos ulular se ouvirão,  
Roma tremeu, por ella andarão sombras.  
Tolher o effeito de vindouros fados,  
De medonha traição tolher o effeito  
Não puderão do céo comtudo avisos.  
Entrão punhaes sacrilegos no templo:  
Que theatro da barbara tragedia,  
Da acção nefanda, o teu senado, ó Roma!  
A alma Venus porém, baixando á curia,  
Entre os conscriptos invisivel pára,  
Emquanto da perfidia os golpes fervem.  
Eis de Cesar o espirito arrebatada,  
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,  
Quer apural-o nos ethereos lumes.  
Erguendo-o vê que luz, vê que se inflamma;  
Ella o solta, elle vòa além da lua.  
De acesa grenha, de espaçosa cauda,  
No céo gyrando, resplandece estrella.

---

### ARENÉO E ARGIRA

Estro de Ovidio, seguirei teus vãos,  
Se não me é dado emparelhar contigo.

Depois que de Thessalia o rei piedoso  
 As pedras convertêdo na especie humana,  
 Quando já pela fragil natureza  
 De novo a corrupção lavrado havia,  
 A moral corrupção, que gera os crimes;  
 Quando para viver cumpria ao homem  
 Suando exercitar custosa industria,  
 Lá perto do Penèo, tão caro ás musas,  
 N'um retiro, assombrado de mil plantas,  
 Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.  
 Apenas cinco lustros numerava,  
 Era de alta estatura e de agil corpo,  
 De estranha robustez, feições grosseiras.  
 Olhos ardentes e cabello escuro.  
 Phebo lhe negrecêra as mãos e as faces  
 No fraguciro exercicio em que lidava,  
 Seguindo e derribando ou ave ou fêra  
 Com settas que jámais o objecto errarão.

Extinctos os irmãos, os pais extinctos,  
 Na agreste solidão vivia o moço,  
 Ora subindo as empinadas serras,  
 Ora os confusos bosques indagando  
 Enquanto o fulvo sol nos céos luzia;  
 E apenas desdobrava a muda noite  
 Sobre os ares subtis seu véo lustroso,  
 Volvia á choça o rustico mancebo,  
 De sanguineos despojos carregado.

Só n'isto, por effeito do costume,

Embebido trazia o pensamento;  
 Ignorava as paixões da natureza,  
 Até desconhecia a mais ardente,  
 A mais encantadora, a mais funesta.  
 Mas, ah! tyranno amor! Ou cedo ou tarde  
 É forçoso aos mortaes soffrer teu jugo;  
 Amor, tu és um mal que fere a todos;  
 Longa experiencia contra ti não vale,  
 Ou virtude, ou razão: só vale a morte.  
 Viste o ledo Arenèo no lar campestre.

Viste-o sem ti, cruel, gozar mil fructos  
 Das suadas, asperrimas fadigas,  
 E, isento de memorias importunas,  
 Molles somnos gostar no leito hervoso.  
 Subito, enraivecido, impaciente  
 De que inda alguém feliz no mundo houvesse,  
 Olhaste de través o alegre moço,  
 Males dignos de ti depois lhe urdiste.

Em venatorias artes doutrinada,  
 Annexa ao côro da immortal Diana,  
 Corria a bella Argira o valle e o monte.  
 Nos olhos tinha a côr formosa e viva  
 De que se veste o céu na primavera;  
 A discrição dos zephyros as tranças,  
 As tranças, por si mesmas enfeitadas  
 Com lucidos anneis, com aureas ondas,  
 Se ao sol se expunhão, como o sol brilhavão;  
 Erão, lacteo jasmim, purpurea rosa,



Tão alvas como vós, e tão coradas,  
 Da loura semidéa as brandas faces;  
 Candido pejo, virginal sorriso  
 Nos labjos lhe pousava entre os amores  
 (Amores que inspirava, e não sentia);  
 Tinha de neve as mãos, de neve as plantas;  
 E o seio tentador, mais bello ainda  
 Que o da Cypria deidade, e não tocado.  
 O frio, o vento, o sol jámais ousarão  
 Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa;  
 Realçava estes dons a flôr da idãde,  
 E ao ver-se aquelle assombro, ó natureza,  
 Estranho então se achou que o teu sublime,  
 Engenhoso poder chegasse a tanto!

Descendente de origem mais que humana,  
 (Tambem não longe do Thessalio rio)  
 De mil dignos amantes cobiçada,  
 E ás conjugaes delicias insensivel,  
 Não quiz ir de hymenêo no altar brilhante  
 Sacros votos firmar co' a voz e a dextra,  
 Illesa conservando a flôr suave  
 Que, envolta em brandos ais, colheis, amores.

Com estas perfeições, com estas graças  
 Tramou vingança crua o Paphio nume  
 Ao livre caçador, que, errando um dia  
 Em ermo bosque de viçosos louros,  
 Argira vio luzir por entre a ramã,

Argira, que das nymphas se perdêra,  
E que á benigna sombra de um Loureiro  
Repousava do acerrimo exercicio,  
Temendo a força do apollineo-raio,  
Que ardia no azulado, ethereo cume,  
E tendo a par de si na hervosa terra  
O luzente carcaz vazio, em damno  
Das selvaticas fêras que avistára.  
Morno suor em crystallinas gottas  
Pelo virgineo rosto escorregando,  
Resplandecente aljofar parecia ;  
O cansaço; o calor nas lisas faces  
As rosas e os encantos lhe avivava ;  
Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,  
Depois de ter vagado as agras seêras  
Descansa do arvoredado ao fresco abrigo,  
Ou entre o lindo côro, ou solitaria.  
Dest'arte alli jazia a virgem bella,  
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,  
Que mal crê por si mesmo ir enredar-se  
No laço com que amor sagaz o espera,  
Curioso, amparando-se das plantas,  
Vai manso e manso, e por detrás de um tronco  
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)  
No perigoso objecto os olhos firma.  
Desgraçado! Imprudente! Ah! que fizeste!  
Eil-o accso, eil-o attonito, eil-o absorto,  
Eil-o encantado, e tremulo, e perdido!  
Repentino fervor lhe escalda o peito,  
Lhe ancêa o coração, lhe tinge o rosto.

« Que assombro, oh! céos! que divindade é esta!  
 (Comsigo o moço diz). Será dos bosques  
 A deosa pudibunda, irmã de Phebo?  
 No traço, no carcaz, e em formosura,  
 Em gestos o parece... oh! céos! oh! deoses!  
 Que encanto! Que belleza! Eu ardo! Eu morro. »

N'isto, arrancando um fervido suspiro,  
 Assusta a clara nympha, que, voltendo  
 Os olhos de repente ao som queixoso,  
 Te vê, misero amante, e, visto apenas,  
 Solta um ai, lança mão do eburneo coldre,  
 E vai por entre as arvores fugindo,  
 Mais prompta, mais veloz do que os ligeiros,  
 Silvestres brutos de ramosas frontes.

Qual ficaste, Arenêo, vendo esconder-se  
 Aos olhos teus o encanto de teus olhos!  
 Longa perturbação prendeu-te as plantas,  
 Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pasmus,  
 Qual devia infundir-te o raro objecto,  
 O deixaste voar; depois, sahindo  
 Do lethargico espanto em que jazias,  
 Seguiste acelerado a doce causa  
 Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;  
 Já co' a turba gentil se tinha envolto  
 Das alvas companheiras, e com ellas  
 Voltado ao bosque da Latonia deosa.  
 Quão saudoso, frenetico, anhelante  
 O infeliz amator se acolhe aos lares!

Alli arde, alli geme, alli prantêa,  
 Alli, sempre em cruel desassocego,  
 Desvelado e carpindo, as noites perde.  
 Apenas as manhãs no céu roxêo,  
 Em vez de proseguir o usado officio,  
 Torna ao sitio funesto onde espreitára  
 O caro enlevo de seus olhos tristes;  
 Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto  
 Que ao das queridas plantas se assemelhe.

Dias e dias no lugar damnoso,  
 E pelas densas mattas circumstantes,  
 Pragueja contra si, delira e treme:  
 Até c' um féro impulso ás vezes tenta  
 Amolado farpão cravar no peito;  
 Mas acode a benefica esperanza,  
 E com destro pincel na fantasia  
 Lhe pinta de mil jubilos vindouros  
 A scena, o quadro, a seductora imagem;  
 De faustas illusões lhe doura a mente,  
 Finge-o nos braços da risonha amada,  
 E assim lhe innova o soffrimento exhausto.

Mas nem sempre, esperanza encantadora,  
 Tens arte que hallucine os desgraçados.  
 Cansou de se fiar o ancioso amante  
 Nas vãs consolações, nas vãs promessas,  
 Com que adoçavas o acido veneno  
 Da teimosa paixão que o perseguia;  
 Cansou de se fiar, e, abandonado

Ao agro desengano o peito afflicto,  
A raiva em languidez se lhe converte.  
Sempre encerrado na colmada estancia,  
A gemer e a chorar, de dia em dia  
O afãoso Arenêo se vai finando.  
Amor, que do aureo throno, onde promulga  
As despoticas leis, vê toda a terra,  
Todos os corações, pôz n'elle os olhos;  
Vio-lhe a consternação, vio-lhe os tormentos,  
E piedoso uma vez, e arrependidô  
Dos damnos que forjára ao moço triste,  
Mudou de condição, quiz dar-lhe allivio.  
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,  
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pouosa  
Ante o tugurio de Arenêo choroso,  
Quê, á porta reclinado, envolto em ancias,  
Com roucas preces invocava a morte.  
« Esmorecido amante (o Deos lhe clama),  
Que desesperação, que vil fraqueza  
Tomou posse de ti! Que é da ousadia  
Com que por entre as selvas, acossando  
Cerdosos javalis de agudas prezas,  
Mil e mil vezes affrontaste a morte?  
Fragil mulher te afraca e te consterna!  
Eia, recobra alento. Eu sou de Venus  
O filho omnipotente, inevitavel,  
Eu mando em corações, em pensamentos,  
Eu sou autor de bens, autor de males,  
E se dispuz teu mal, teu bem disponho.  
A dura negação que d'antes víra

No rude genio teu para seguir-me,  
E o desuso em que estou de achar quem prove  
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,  
Me instou a machinar-te o precipicio,  
E logo apercebi teu captiveiro  
Nos olhos da melhor de quantas nymphas  
A deosa das florestas se votárão;  
Mas notando por fim como em teu peito  
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,  
Quero atalhar-lhe o tragico progresso,  
E contigo aplacado, affavel, pio,  
Seccar teus prantos, serenar teus dias,  
De lugubre tristeza anuviados.  
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,  
Que rastejaste em vão por esses bosques.  
A hora em que te fallo, á hora amena  
Em que o fervido sol no mar se apaga,  
N'um fresco e puro lago é seu costume,  
Por effeito da calma è do cansaço,  
Banhar sózinha os delicados membros,  
Que, em virginal modestia requintando,  
Nem permite ás silvestres companheiras  
Olhar-lhe nús -os candidos thesouros,  
E só tendo findado a lida agreste,  
E dito adeos ás mais, demanda o lago.  
Approvo que lhes negue a doce vista  
Das altas perfeições de que é ciosa ;  
Só compete essa gloria aos meus mimosos,  
Só a ti, meu valido, a ti sómente.  
Não receies o enfado, a resistencia,

O desdem pertinaz da inculta virgem,  
 O a ferro com que exerce as leis de Cynthia;  
 São brandas as que dou, crueis as d'ella.  
 Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,  
 A natureza, os céos por ti combatem,  
 Que nem Jove immortal de mim se esquivava.  
 Reina em muito a fortuna, amor em tudo;  
 D'ella os bens, os bens d'elle extrahe a audacia;  
 O acanhado temor convem que expulses;  
 Exhaure os mimos, a ternura, as preces,  
 E se os mimos, se as preces, se a ternura  
 Baldadas fôrem, não o seja a força.  
 Obstaculos não ha que amor consinta,  
 Todos, todos por mim serão vencidos;  
 E se um de meus farpões, arremessado  
 Contra a nossa inimiga insana e bella,  
 Não vai ferir-lhe o coração rebelde,  
 Dispôl-o a teu favor, e amacial-o,  
 É por te não roubar a immensa gloria,  
 O gosto de a render sem que eu te acuda  
 Com toda a força minha. Eia! não tardes,  
 Vem, que é proprio o lugar, e Amor te guia. »

N'isto, o facho invisivel sacudindo,  
 E com elle roçando-lhe no peito,  
 Desusado vigor, ardencia estranha  
 Ao frouxo coração lhe communica.  
 Já folga, já se apresta, ufano e ledô,  
 O cobiçoso amante, e segue o nume,  
 Quasi igualando na carreira o vôo.

Por milagre de Amor, que o guia, em breve  
 Vence a longa distancia, avista o lago.

Jazião na raiz de alpestre serra  
 As incorruptas aguas transparentes,  
 De que o vasto deposito arenoso  
 Só tinha pouco fundo ao pé das margens.  
 Deserto era o lugar, fechado em roda  
 De mixtas, densas arvores, e idoneo  
 Ao timido pudor da virgem bella.  
 Antes de a divisar por entre as plantas  
 Amor, e o socio, sem que os visse Argira,  
 Havia a casta nympha retirado  
 Do lago venturoso as alvas carnes,  
 E repostas as ligeiras vestiduras;  
 Assim do immaculado, amavel corpo,  
 A vedada, recondita belleza,  
 Teus olhos, Arenêo, não profanarão.

Co' a vista immovel nas immoveis aguas,  
 Á margem ceterior do lago ameno,  
 Abstracta reflectia a semidéa;  
 (Era a meditação talvez presagio  
 Do imminente perigo). Ainda em terra  
 O formoso carcaz lhe reluzia,  
 Por onde agudas settas apontavão.  
 Amor, para frustrar-lhe a resistencia,  
 A distracção da nympha aproveitando,  
 Mais veloz que o relampago, e mais leve  
 Que os favonios subtis, adeja, furta



Os nocivos farpões no rico estojo.  
 (Tudo é facil a um Deos : não foi sentido)  
 Torna com elle, occulta-o entre o matto,  
 E diz com mansa voz, com voz suave,  
 Ao mancebo (que attonito ficára  
 Da vista encantadora) : « O que desejas  
 Alli tens ! Solta o freio a teus suspiros,  
 As lições que te dei vai pôr em uso. »

Cala-se, e, já co' a mente em mais empresas,  
 D'elle se aparta, some-se, voando.

D'estas palavras Arenêo pungido,  
 A pressa para a nympha os passos move.  
 Ella, ao sentir pisadas, volta os olhos,  
 E, vendo-o já propinquo, receiosa,  
 (Qual se fôra de um satyro assaltada)  
 Á aljava quer lançar as mãos de neve.  
 Mas da aljava o signal só vê na arêa,  
 E, em subito furor arrebatada,  
 Inda que ao caçador pende dos hombros  
 Carcaz, dô seu diverso em còr e em fôrma,  
 Se hallucina, se abstrahê, baldões profere,  
 De infame roubador, de vil o accusa.  
 « Não, não sou roubador (elle a interrompe)  
 Sou teu amante, escravo de teus olhos,  
 Victima da ternura ; » e proseguindo,  
 Com vivissimo ardor, lhe expõe, lhe affirma  
 As ancias, as saudades, os delirios,  
 Os males que soffreu depois que a vira.

Ousa mais : de consorte a mão lhe pede.  
Da austera irmã de Phebo as leis condemna,  
Jura que a lei de amor só é ligada,  
Só conforme á razão e á natureza ;  
Blasona, ostenta de afouteza e de arte,  
Outro Orion se diz, e por mil modos  
Quer attrahir a indomita donzella,  
Insta, para apiedar-lhe o genio duro.  
Ella, que ouviu suspensa, e como absorta,  
As ternas expressões do audaz amante,  
Só, e não tendo alli com que punil-o,  
(Já suspeitosa de amoroso insulto)  
Em fogo os olhos, arrugada a testa,  
Com raiva lhe gritou : « Não mais, insano, »  
E á fuga se dispöz ; mas o mancebo,  
A que um tal desengano as ancias dobra,  
Quasi fóra de si, lhe impede o passo,  
E, depois que outra vez deu uso aos rogos,  
Aos requebros e aos ais, porém sem fructo,  
As ternuras vertendo em ameaços,  
Carregado o semblante, a voz pesada :  
« Insensivel ! Feroz ! Oh ! penha ! Oh ! tigre !  
Oh ! barbara inimiga ! (o cego exclama)  
Se a amor não cedez, cederás á raiva.  
Annue á meu desejo, a meus extremos,  
Ou... » Convulsa de horror ao som terrivel  
D'estas vozes crueis, a semidéa  
Co' os vagos olhos todo o sitio corre ;  
Vê d'um lado a lagôa, a serra ingente,  
E o frenetico amante do outro lado,

Vê que fugir não pôde, e n'este aperto,  
 (Fitos nos céos os maviosos lumes):  
 « Oh! leis augustas da immortal Diana!  
 Santas leis do pudor! Dever sagrado!  
 A vós me sacrificio. » Assim fallando,  
 Arremessa-se ao lago a malfadada  
 Co' a pressa com que o raio a nuvem rompe.

Ao vê-la baquear, sumir nas aguas,  
 Subito acode o moço arrebatado.  
 O burnido carcaz e o arco arroja,  
 Lança-se após a nympha, e mergulhando,  
 (Que as ondas qual delphim cortar sabia)  
 Depois de estar occulto alguns momentos,  
 O lindo corpo amado extrahe sem alma.  
 Eis, com elle nos braços sobre a arêa,  
 Á desesperação e á dôr-se entrega;  
 Vê-se autor da tragedia lastimosa,  
 Sem lumé os olhos vê que lhe crão vida,  
 Vê na face macia e puro seio  
 Formosa a pallidez, formosa a morte;  
 Chora, soluça, applica os frouxos labios  
 Á gentil, muda boca, e n'ella imprime  
 Beijos... ah! beijos bem diversos d'esses  
 Com que o soffrego amor se apraz, se encanta;  
 Até que supportar já não podendo  
 O peso da miserrima existencia,  
 N'um transporte, n'um impeto invencivel,  
 Co' a mão convulsa pelo peito enterra  
 Pont'agudo virote, e cahe, e expira

Junto da nympha, que, morrendo, abraça.  
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,  
Da catastrophe atroz foi dar-lhe aviso,  
E o nume enganador, que aceso andava  
Com guerra em que alta gloria obter podia,  
Mal que ouvio no suspiro o triste annuncio  
Desistio por então da grande empreza,  
E ao theatro volveu do caso acerbo.  
Lá, no horrendo espectaculo attentando,  
Collige dos signaes e circumstancias,  
Que de Argira o rigor e a pertinacia  
Forão causa fatal da morte de ambos.  
Dá-se por gravemente injuriado,  
A sua omnipotencia a si convoca;  
Avizinha-se aos dous, e por castigo  
Da féra ingratição, do amargo insulto,  
Em feia rã loquaz converte a nympha,  
Para que no lugar onde acabára,  
Para que ás mesmas horas em que altiva  
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,  
Começasse a rogar, porém vãmente,  
Com voz descompassada aos céos vingança,  
Tendo sempre em memória azeda e viva  
O seu antigo ser, e o lance infausto.

Já se vai apoucando o niveo corpo,  
Despe a côr, perde a fôrma, e, recebendo  
Nova respiração, vozêa, e salta  
No lago crystallino. Amor emtanto  
Pago ufano de si, de estar vingado,

Co' um ar piedoso à vista apenas lança  
Ao mancebo infeliz, e o deixa, e vôã:  
Tão mesquinha em Amor é a piedade!

Indo a cruzar um prado, acaso á dextra  
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,  
E descortina sobre a relva amena,  
A gozar da frescura em ocio brando,  
Delia formosa co' as sequazes nymphas,  
Já descontentes de tardar-lhe a socia.  
C' um intimo despeito as olha, as mede,  
E por dar-lhes pezar, por dar-se gloria,  
Librando-se nas azas côr de fogo,  
Narra-lhes em breves, empolados termos,  
Qual fôra a morte, a punição de Argira,  
E nos ares, a rir, desaparece.

De lagrimas se banha o bello côro  
Apenas ouve o deploravel caso;  
Eis que de Apollo a irmã lhes diz que a sigão,  
E com ellas caminha ao fatal sitio,  
De vingativo impulso estimulada.  
Chega, observa na arca as tristes provas  
Da tragedia cruel, olha o virote  
No peito de Arenêo todo entranhado,  
E d'isto não contente, e ainda irosa  
Da acção de amor, e intrepidez do amante,  
Co' a nympha mais prezada e mais pudica  
De quantas pelos bosques a acompanhão,  
Para a desaggravar, para vingar-lhe

Tanto a transformação, como a virtude,  
 (Reparar não podendo o damno injusto,  
 Porque as obras de um deos nenhum desmancha)  
 Portentosas palavras murmurando  
 Contra o corpo sanguento, o pisa, o muda  
 Na ave importuna que prevê desastres,  
 Diffunde agouros, aborrece o dia,  
 E, quando vem do lobrego occidente  
 A fusca noite seimeando horrores,  
 Ou nas arvores pouza, ou entre as fragas,  
 Onde, emquanto arrançais, ó rãs limosas,  
 Enfadoso clamor, que atrôa os ares,  
 (Do que era, e do que amou saudosa ainda)  
 Até que aponta no horizonte a aurora,  
 Em voz desconcertada está carpindo  
 Seu miserando amor, seu negro fado.

---

### SONETOS <sup>1</sup>

Famosa geração de falladores  
 Sôa que foi, Risêo, a origem tua ;  
 Que nem todos os cães, ladrando á lua,  
 Tiverão que fazer com teus maiores.

<sup>1</sup> Aqui começam as peças poeticas insertas no tomo 5º, edição de 1804 Lisboa, officina de Simão Thadeo Ferreira.

Um a lingua ensinou dos palradorês,  
Outro o moto contino achou na sua,  
Outro, além de encovar toda uma rua,  
Açaimou n'uma junta a cem doutorês.

Teu avô, santanario venerando!  
Soube mais orações que mil beatas,  
Com reza impertinente os céos zangando;

Teu pai foi um trovão de pataratas,  
Teu tio, o bacharel, morreu fallando:  
Tu fallando, Risêo, não morres, matas.

---

Se é doce no recente, ameno estio,  
Ver tocar-se a manhã de ethereas flôres,  
E, lambendo as arêas e os verdores,  
Molle e queixoso, deslisar-se o rio;

Se é doce no innocente desafio  
Ouvirem-se os volateis amadores  
Seus versos modulando e seus ardores  
D'entre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce, mares, céos ver anilados  
Pela quadra gentil, de amor querida,  
Qu'esperta os corações, florêa os prados:

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,  
 Dar-me em teus brandos olhos desmaiados  
 Morte, morte de amor, melhor que a vida.

---

### ELOGIO

Honra, patria, virtude! Oh! leis! Oh! throno!  
 Objectos venerandos, magestosos,  
 Lustrai na escuridão que abrange o mundo,  
 Do vate a fantasia erguei de abysmos.

Emtanto que no céu renasce o dia,  
 Dia eterno, sem par nos lusos fastos,  
 Mordendo-se, escumando, Erynnis vóa  
 Ante o carro fatal do deos das armas,  
 Onde nuvens de horror gottejão sangue.  
 Na truculenta mão rodêa o facho,  
 Cresta os favonios, as delicias varre.  
 De sanhudos leões ondêa a coma,  
 Longo rugido horrisono rebrama,  
 Pelos troncos se amolão dentes, garras.  
 O bronze alça em si rivaes do raio;  
 No espectáculo atroz, na scena infesta,  
 Sedentas de um futuro ensanguentado,  
 As furias se embellezão, ri-se a morte...



Debaix de rebentais, volcões do inferno ;  
Longe, agouros crueis · Lysia não treme,  
Lysia será qual foi, qual é no globo,  
Mãe de heróes, das nações a flôr, o esmalte,  
Da virtude esplendor, da gloria templo,  
Pomposo torreão de ferrea base ;  
Lysia abraça o pavez de eternos fados ;  
Se Lysia baquear, baquêa o mundo :  
Um deos não é perjuro, um deos não mente.

Range os dentes Ismar, anhela a presa,  
Urrão de Lybia os monstros, amotinão  
O mar, a terra, o céu, com grita horrenda ;  
Eis que de rosea côr se veste o polo,  
O ar, porque espera um deos, o ornato apura.  
Assoma o recto, o sabio, o grande, o tudo ;  
Vacilla a natureza ao peso enorme ;  
Elle olha, e d'este olhar vê campo e campo.

Reluz o amor, o esforço, a fé nos Lusos,  
Na bruta multidão negreja o crime :  
Da traição, da avareza os genios torvos,  
As serpes da blasphemia, em roda aos impios,  
Por aqui, por alli, sibillão, troão.

A voz, freio aos tufões, ameiga o nume ;  
Ao guerreiro christão, que os seus inflamma,  
O triumpho assegura, e fada os Lusos.  
Ao solio portuguez submette os tempos,  
Co' a sacrosanta mão lhe descortina

Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas ;  
 D'elles homenagem recebendo o Tejo,  
 Ufano, recostado á urña de ouro ;  
 Montanhas de trophéos ao longe, ao perto,  
 E sempre illustre a paz, illustre a guerra.

Desapparece o deos, mas fica Affonso,  
 E de Affonso no ferro espantos brilhão ;  
 Sahe d'elle estrondo, morte, horror, victoria,  
 Não soffre arnez, escudo ; é raio o ferro,  
 E cada Portuguez leão se antolha,  
 Que, rebanhados touros assaltando,  
 Atassalha, desfaz, estróe, devora.

Lá nos ares de Ourique inda vaguêo  
 Sagrados échos da palavra augusta,  
 E das turbas fieis do heróe terrivel  
 Inda o marçio rebombo estruge os valles.

Eia, enleva-te, ó Lysia, em teus destinos.  
 Um deos te perfilhou, te dá, te escuda  
 Os dias de João, saudaveis dias,  
 Claros, celestes, como a luz que, eterna,  
 Que, immensa, resplandece além dos astros.  
 Quaes forão teus avós serão teus filhos,  
 Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.  
 Nos olhos de João se nutre a gloria ;  
 Basta volvêl-os ; heroismo é tudo.  
 Virá, virá de novo a paz mimosa  
 Com sorriso gentil dourar teu clima ;

As fúrias, outra vez afeerrolladas,  
Na masmorra infernal darão bramidos,  
Emquanto do aureo Tejo á lisa margem,  
No formoso terreno, onde se encantão  
Flora, as graças, amor, favonios, mûsas,  
Hymnos mandando ao céo teus povos ledos;  
Sentirão palpitar, ferver no peito  
Branda ternura, que humedece os olhos,  
Pranto mais doce, mais fiel que o riso;  
E sem que a gloria nas delicias turve,  
Transportado verá banhar teu seio  
Correntes do prazer, de que é a origem,  
O magnanimo heróe, da patria nume,  
Esse, em cujo natal florece o mundo,  
João, mimo d'um deos, d'um deos imagem.

---

### PROLOGO

Varão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,  
(Quando Grecia existio, quando houve Roma)  
Alta planta de reis até dos mesmos  
Que, só mortaes na essencia, o Tejo adora;  
Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,  
A dragos, a leões Alcides novo,  
Vivo na tradição, na historia vivo;

Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio  
Da intriga, da traição, cahirão monstros,  
E rotas no alicerce, e derrocadas  
As torres da ambição, do orgulho as torres;  
Aquelle que, insoffrido a jugo estranho,  
Foi base onde João manteve o solio,  
Que aposta durações co' a eternidade;  
Nuno, o maior talvez dos lusos Martes,  
Que á publica razão, que ao bem da patria  
Deu sangue, deu suor, deu pensamentos,  
Que, surdo á natureza, em gloria absorto,  
No peito aniquilou privado affecto,  
E, de louros sombria a fronte excelsa,  
Fatigadas por elle as tubas cento,  
Em sagrado retiro ergueu da terra  
(Cá d'entre os reis de pouco ao rei de tudo)  
A mente, digna só da immensa idéa,  
Illusões expulsou, desprio fantasmas,  
Achou verdade o homem, sonho o grande:  
Lis o que hoje na scena, honrando-a, surge,  
Aos Lusos esplendor, saudade, exemplo,  
Semente que expellio milhões de assombros  
Na idade em que medrou, nas que a seguirão.

Mas não sómente, ó patria, o claro objecto  
Te domine a attenção, te chame os olhos;  
Se abala os corações character grande,  
Infausta condição quem não commove?

A musa em que apparece o grão Pereira,

Negramente fadada, urdio nas sombras  
Difficil tãa, que palpava incerta;  
Do miserando autor nos olhos tristes  
Eterna escuridão pousou mais cedo.  
Nos abysmos da morte, á luz sumido,  
Fervendo em santo amor, que as leis arraigão,  
Colhe entre espinhos de arida existencia  
Fructos de gloria, com que brinde a patria,  
Propicio nome, que lhe ameigue os fados.

Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!  
Chora seu fado, ó Lysia, honra seu nome.

### EPISTOLA

Ao grão vate Salicio o vate Elmano,  
Como elle devedor á natureza,  
Mas não como elle devedor ao fado,  
Cã dos lares tristissimos, que habita,  
E onde quasi evapora em ais o alento,  
Se é que a póde enviar, saude envia.

Acolhe, doce amigo, ás musas dado,  
Acolhe ingenuos sons de afflicta musa,  
Que entre flôres outr'ora, entre delicias,  
Entre os sonhos de amor, verdade ás vezes,

Cópia do céo, no candido regaço  
 De alvas, fagueiras, perigosas Lílias,  
 Passou dias de gloria, instantes de ouro,  
 Do Tejo transparente á margem bella  
 Cantando a vida, como o cysne a morte.

Contigo fallo, que do Pindo houveste  
 O solemne idioma, o tom dos numes,  
 A voz, que longe vai, que longe sobe,  
 Que sôa além do mundo, além dos tempos;  
 Fallo contigo, a ti, que tens na mente  
 O thesouro brilhante, inexaurivel,  
 O igneo fogo de altivolas idéas,  
 Em que Jove reluz, qual é no Olympo;  
 Fallo contigo, a ti, que tens na mente  
 Poder de eternisar, e eternisar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,  
 Aos milagres da lyra, e do estro affeitos,  
 Que, ufano do que foi, blasone um vate,  
 Já claro como tu, nos dons de Phebo.

Contra a nobre altivez, que em mim resurge,  
 Uive o zoilo mordaz, injurias ladre;  
 De rojo pela terra a vil serpente  
 D'aguia que arrosta o sol deteste os vòos;  
 Sejão no tribunal do vulgo inerte  
 Sombra o fulgor, o entusiasmo insania;  
 Veja olhados d'alli qual ocio inutil  
 Seus mil suores o immortal de Smyrna;

A cega opinião, que reina em tudo,  
 Ponha embora a nivel Marões e Bavios,  
 Que eu, tu, e alguns (quão raros!) já vingando  
 Cumes e cumes de interpostas serras,  
 Trilhamos fadigosa estrada immensa,  
 Que vai da natureza á eternidade.  
 Dignamente de nós fallar podemos;  
 Não se ata o desar nosso ao nosso alarde;  
 Quem de celestes dotes se gloria  
 Honra menos a si do que honra os numes.  
 E se a turba sem nome, avessa aos vates,  
 Este firmado orgulho em mim condemna,  
 Bem da minha altivez meus ais a vingão,  
 Bem descontado está nos meus desastres,  
 E nos tormentos meus a gloria minha,  
 Tormentos que me agourão tenue resto  
 Ao que é mais duração do que existencia.

Entre os damnos de amor e os da venturá,  
 Quasi lenho agitado em altas ondas,  
 E entre negros tufões, que oppostos bramão,  
 D'um lado, sobre nuvem côr do Averno,  
 Olho a deosa do mal, do horror, do pranto,  
 Vejo o que tu não vês, nem ver merces,  
 (E nem eu mereci) vejo a desgraça,  
 De ameaço no rosto, a mão no raio,  
 A meu peito assestando o tiro, a morte,  
 Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulna ingratidões eis d'outro lado

Contra mim, como furias, arremettem.  
Aqui cerradas trevas me apavorão,  
Esmorece o valor, naufraga o siso,  
Sossobra o coração : para a minha alma  
Nas procellas de amor não ha santelmo.  
Presa a tantos martyrios a indigencia,  
Os apura, os irrita, os desespera :  
É ella, caro amigo, é mais que Phebo  
Quem me arranca do espirito enlutado  
O metro carpidor em que a deploro,  
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Tuas virtudes, teu character grande,  
Na patria, que honras, a experiencia acclama ;  
Mas tenho a meu favor para invocar-te  
Jus mais alto : és feliz, sou desditoso.

---

### EPISTOLA A ANALIA

Depois que derramaste em meus delirios  
O orvalho da piedade, Analia minha,  
Chamou-me a densa noite aos tristes lares,  
Tristes sem ti, meu bem, feios e escuros ;  
Dignos porém de Jove, e céos de Elmano,  
Se abrilhantados por teus olhos fossem,  
Se o doce peso de teu pé sentissem !



Toda em ti recolhendo a fantasia,  
 Achando amor e a vida em ti sómente,  
 E o mundo, a natureza, o fado, a gloria ;  
 Sonhos julgando o mais, o mais fantasmas,  
 Cevei meu coração na tua imagem,  
 Nã idéa de teus mimos, de teus labios,  
 Dos labios que desatão d'entre as rosas  
 Em aureas fontes as delicias d'alma!

Engolphiada a paixão n'um mar de encantos,  
 Ao solitario leito o corpo entrego,  
 Fatigo o pensamento, e cerro os olhos.

Eis que o fallaz Morphêo, cem vezes brando,  
 Mil vezes (ai de mim!) duro aos amantes,  
 Do teu fido amador te expõe defronte,  
 Raivosa, fulminante, inexoravel,  
 Da boca, em vez de nectar, fel soltando,  
 Co' as furias e co' a morte a abrir meus fados,  
 A revolver o horror que tinham dentro,  
 A ennegrecer meus dias, a ostentar-me  
 N'um desprezo cruel males sem conto,  
 O inferno todo n'um adeos terrivel.

Tremeu-me o coração, qual treme a folha,  
 Que os rapidos tufões bramando agitão ;  
 Arripio-me, e suo, e choro, e elamo :  
 « Ai! cumprirão-se, Analia, os meus destinos!  
 Foges de mim, de amor; nem fé, nem votos,  
 Nem lagrimas, nem ais, teu peito abrandão!

Esse, que outr'ora ao minimo queixume  
 Em meigas sensações se amollecia,  
 Analia, doce ardor de meus sentidos,  
 Dos olhos do infeliz, que tanto amavas,  
 Não valem para ti, não valem prantos.

Céos! O que era! O que sou! Fui rei, fui nume,  
 Quando, mais numes que eu, letos olhos davão  
 Á minha alma outro ser; quando, embebidos  
 Nos vãos, que soltou meu pensamento,  
 A luz toldavão de amorosas sombras,  
 Ou, balsamo de amor, cahio teu pranto  
 Sobre meu coração, e á doce chaga  
 Foi refrigerio salutar, divino.

Oh! mudança fatal! Mudança horrenda!  
 Negro ciume, produção do Averno,  
 Tu, de serpes c'roado, envolto em chammas,  
 Do sempiterno horror surgindo á terra,  
 Mil furias, mil delirios me entranhaste;  
 Dentro em mim fibra e fibra atassalhando,  
 Tua essencia me déste: eu sou tu mesmo.

Trouxesses-me, cruel, a insania, o fogo,  
 A dôr, o ultimo golpe; e não trouxesses  
 Ao misero amador comtigo o crime;  
 Nem me ensopasse teu veneno a lingua,  
 Não fervessem na voz blasphemias tuas,  
 O mimmo, a candidez não profanasses  
 D'aquella por quem vivo, e por quem morro,

D'aquella que ultrajei, porém que adoro,  
 D'aquella em cujas iras, quando as soffro,  
 De um deos que punê se me-antolhã o raio,  
 D'aquella... o coração co' a dôr não pôde,  
 Não pôde c'o remorso; e nas angustias,  
 E nas palpitações dilata o golpe,  
 O golpe que só tem na mortê a cura,  
 Se ha morte para os tristes, se o destino  
 Não dá, porque os tormentos lhe eternise,  
 Existencia de ferro aos desgraçados.

Ai, Analia, ai meu beñ, meu céo, meu tudo,  
 Inda que de meu mal terião féras  
 Compaixão, que não tens, e os meus susproos  
 Marpésia rocha tornarião branda,  
 Nunca, nunca de mim te compadeças,  
 Insensivel contempla, ouve insensivel  
 Minha extrema afflicção, meus ais extremos;  
 Vê-me tintos de morte a face, os ollios,  
 Sente-me a voz perder-se entre soluços,  
 Ir-me fugindo a luz por sombra immensa,  
 A luz vital e a chama endeosada,  
 Estro incansavel, que, servendo, erguia  
 Ao céo minha ternura, ao céo teu nome,  
 E tantas vezes já foi grato enleio,  
 Iman suave, que attrahio teu gosto,  
 Que a tua alma enlaçou... Não, minha ainada,  
 O miserrimo estado, em que has de olhar-me,  
 Uma lagrima só te não mereça.  
 Nenhum castigo expia atrozos crimes,

Sou réo, sou réo de amor, e amor me pune.  
Adoro, beijo a mão que me fulmina,  
Cedo a meus fados, a teus olhos cedo,  
Que teus olhos, Analia, são meus fados :  
D'elles vivia Elmano, e d'elles morre.

Mas quando os membros meus já fôrem cinza  
Na estancia do pavor, c'o pé mimoso  
Pisa a funerea campa, e diz : « Amei-te,  
Amaste-me, infeliz : matou-te amar-me. »  
Este o só galardão que Elmano implora,  
Este o só galardão que entre os horrores  
Da eterna escuridade, entre os fantasmas  
Do abysmo tenebroso ha de supprir-me  
O céo, teus olhos... Morro... adeos, querida.

Não pude proseguir; e um grito, um grito,  
Todo amor, todo teu, me vôa, e rompe  
Do horrivel pesadelo o ferreo laço.  
Somem-se as larvas da illusão medonha,  
Em minha alma outra vez a imagem tua  
De sorrisos, de amores brilha ornada,  
De constancia, de fé. Respiro, exclamo :  
« Analia o disse, o jura, Analia é minha;  
A promessa de Jove é como a sua :  
Oh! céos! vós não mentis, nem mente Analia. »

## EPIGRAMMAS

Gratis pespega o verdugo  
 No pescoço ou laço, ou côrte ;  
 O espadachim mata gratis :  
 O medico vende a morte.

---

No mundo ha gloria suprema.  
 (Roncava enclytico autor.)  
 « Qual é? » (diz taful da gemma).  
 « Qual é! (torna o scismador)  
 É resolver um problema. »

---

A.

Laura divertio-se muito  
 N'uma funcção menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

---

Trouxe-se a pobre doente  
Um recipe singular.  
Morreu do recipe? Não :  
Só da tenção de o tomar.

---

*In fide parochi* attesto  
(Escrevia inchado cura)  
Que soffreu Lopo Forçura  
Da morte o golpe funesto.

Tal clareza não se achou  
Dos obitos no registo,  
Mas attesto-o por ter visto  
A receita que tomou.

---

Um procurador de causas  
Tinha na dextra de harpia  
Nojenta, incuravel chaga,  
Que até ossos lhe roia.

Exclama um taful ao vél-o :  
« Que pena de Talião!  
Quem com a mão roeu tanto  
Ficou roído na mão! »

---

Com tão má gambia andás tanto,  
Tanto d'aqui para alli!  
Procurador, não me enganas :  
Tu procuras para ti .

---

Empobreceu todo o bairro  
Fabio com penna e cordão :  
Foi quatro mezes lettrado,  
Quinze dias escrivão.

---

Um escrivão fez um roubo.  
Diz-lhe o juiz : « Que razão  
Teve para fazer isto ? »  
Responde : « Ser escrivão. »

---

Certo enfermo, homem sisudo,  
Deixou por condescendencia  
Chamar um doutor, que tinha  
Entre os mais a preferencia.

Manda-lhe o fôfo Esculapio  
Que bote a lingua de fóra,  
E envia dez garatujas  
Á botica sem demora.

« Com isto (diz ao doente)  
A sepultura lhe tapo. »  
Replica o pobre a tremor :  
« Aposto que não escapo. »

---

Arrimado ás duas portas  
Pingue boticario estava,  
E brandamente acenou  
A um doutor que passava.

Mal que chega o bom Galeno  
Diz o outro com ar jocundo :  
« Unamo-nos, meu doutor,  
E demos cabo do mundo. »

---

Disse um Avicena ao ver  
Certo doente : « É confusa  
Esta molestia : portanto  
A maligna se reduza. »

Eis a mão facinorosa  
Lavra potente receita,  
Que anonyma enfermidade  
Torna em maligna perfeita.

Co' a prompta metamorphose  
O infesto doutor se alegra,



E diz, sorrindo-se : « Agora  
Se matar, mato com regra. »

---

Um philosopho enfermou :  
Não tinha mal de perigo,  
Mas soffreu a medicina,  
Por agradecer a um amigo.

Consentio que receitasse  
Hippocratico impostor,  
E logo para um criado  
Disse, brando, e sem tremor :

« Não deixes lá na botica  
Esse amargo fructo do erro ;  
Inda tem mais serventia :  
Suppre os escriptos de enterro. »

---

Quiz inda fresca viuva  
Casar, mas tinha esquecido  
No alfarrabio dos enterros  
Pôr o enterro do marido.

Leve este papel ao cura,  
(Lhe aconselha um maganão) ;  
Era excellente receita  
Das que importão n'um milhão :

« Padre, (diz ella, entregando  
 O papel que se lhe deu)  
 O meu homem tomou isto... »  
 Torna o cura : « Então morreu. »

---

Disse a morte ao ver entrar  
 Milhões de almas nos abysmos :  
 « Bravo! Bravo! Que colheita!  
 Muito devo aos aphorismos! »

---

Dos obitos o volume  
 Consta que um cura perdeu,  
 E contou este desastre  
 A intimo amigo seu.

De supprir o triste livro,  
 Não pôde occorrer-lhe idéa.  
 « Ai! (diz o amigo) isso é facil :  
 Compre uma pharmacopéa. »

---

Compôz para leve andaço  
 Um doutor, doutor fatal,  
 Famosa receita, onde era  
 A menor dóse mortal.

Indo depois á botica,  
D'esta sorte o dono o investe :  
« Receite a todos o mesmo,  
Meu doutor, e temos peste. »

---

Um doutor, acommettido  
Das chufas de um boticario,  
(Que não sei por que motivo  
Se lhe quiz mostrar contrario)

Disse-lhe : « Inda que nós ambos  
Somos d'os humanos mágoa,  
Mais do que eu faço com tinta  
Faz sua mercê com agua. »

---

Um chapado, um retumbante  
Coryphêo da medicina,  
Certa menina adorava,  
E adoeceu-lhe a menina.

Eis para cural-a o chamão,  
Pela alta fama que tem.  
Geme o doutor, e responde :  
« Não vou, que lhê quero bem. »

Lê-se n'uma sepultura  
De antiguidade Affonsina :  
« Aqui jaz quem não jazêra  
Se jazesse a medicina. »

---

A morte, perdendo a fouce,  
Creu sua força desfeita :  
Disse-lhe um medico insigne :  
« Aqui tens esta receita. »

---

Disse um dia o fado á morte  
Que chuchasse um tal doutor,  
Que punha em cada receita  
Ao menos um estupor.

« Não ousou (responde a parca)  
A teu mando obedecer.  
Se com medicos se mette,  
Té pôde a morte morrer. »

---

Aqui jaz um homem rico  
N esta rica sepultura :  
Escapava da molestia,  
Se não morresse da cura.

---

Um velho cahio na cama.  
Tinha um filho esculapino,  
Que para adivinhações  
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpá,  
E receitar depois vai ;  
Diz-lhe o velho, suspirando :  
« Repara que sou teu pai. »

---

Chiron foi medico insigne,  
Segundo nos livros acho ;  
Pórem cavallo o descrevem  
Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semellas ;  
Elle foi besta nos pés,  
Nas ancas, mãos, e costado :  
Tu só na cabeça o és.

---

Um medico, antiga peste  
Do triste genero humano,  
De costumado a enganar-se  
Pôde acertar por engano.

Fez uma receita idonea,  
Apezar do formulario ;

Mas o que ao medico escapa  
Lá vai ter ao boticario.

---

Podre victima de Venus,  
Metaphora da existência,  
Fiou-se de um boticario,  
Homem de sã consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo  
Uma gambia retorcida,  
Que para a parte de fóra  
Como que enxotava a vida.

Tenaz emplasto lhe estende  
A pharmacopolia mão,  
Com que dê nome á botica,  
Dando cabo do ateição.

« Deixe estar, (diz o mestrção)  
Que isto logo, logo abranda. »  
Que succedeu? Pôr-lhe a perna  
Torta para a outra banda.

---

P. O que é mais leve do que o ar? R. O fumo.

P. O que é mais leve do que o fumo? R. O vento.

P. E que o vento? R. A mulher.

P. Que a mulher? R. Nada.

---

Bojudo pharmacopóla,  
De cangalhas no nariz,  
Liá um papel dos que a gente  
Pregão em<sup>m</sup> vasabarris.

O papel era réceita,  
Isto bem se deixa ver :  
Eis o algoz dos paladares  
A molestia quiz saber.

Soube-a, pouco mais ou menos,  
E exclama um tanto impaciente :  
« O medico hallucinou-se :  
Com isto sara o doente. »

---

Um homem rico, outro pobre,  
Grave molestia prostrou.  
Qual d'elles morreu? O rico,  
Que mais remedios tomou.

---

Para curar febres podres  
Um doutor se foi chamar,  
Que, feitas as ceremonias,  
Começou a receitar.

A cada pennada sua  
O enfermo arrancava um ai.

« Não se assuste, (diz Galeno)  
Que inda d'esta se não vai.»

« Ah! senhor! (torna o coitado,  
Como quem seu fado espreita.)  
Da molestia não me assusto;  
Assusto-me da receita. »

---

Um geometra zombou  
Ao ver que amante infeliz  
Por linda moça expirou:  
Mas ao sabio o que o matou?  
Não dar e' o valor d'um xiz.

---

Homem de genio impaciente,  
Tendo uma dôr infernal,  
Pedia para matar-se  
Um veneno, ou um punhal.

« Não ha (lhe disse um vizinho,  
Velho, que pensava bem) .  
Não ha punhal, nem veneno;  
Mas o medico ahi vem. »

---



Sempre é teima de viver  
 A que tem Celio caduco!  
 Não sei que molestia possa  
 Chuchar-lhe da vida o succo.

Tinha uma chaga no bofe;  
 O bofe sem chaga está;  
 Um aneurisma no peito:  
 Vestigios d'elle não ha.

De lhe cerrarem tres fontes  
 Nenhum damno resultou.  
 Isto ainda não é nada:  
 Té d'uma junta escapou!

Uma d'estas que adoecem  
 Porque um mosquito as mordeu,  
 Disse para um seu criado:  
 « Chamem-me o doutor Sandéo. »

Eis o Hippocrates, que abonão  
 Honrosos cabellos brancos,  
 E eis subitamente a dama  
 Aos soluços e aos arrancos.

D'onde lhe veio este excesso  
 Na hippocratica presença?

De estar doente devéras :  
E era o medico a doença.

---

Consta que um medico fôra  
Inventor da guilhotina.  
Deu bem rapidez á morte!  
Mostrou saber medicina.

---

« Morte! (clamava um doente)  
Este misero soccorre. »  
Surge a parca de repente,  
E diz de longe : « Recorre  
Ao teu medico assistente. »

---

A morte foi sensual  
Quando ainda era menina :  
C'o peccado original  
Teve cópula carnal,  
E pario a medicina.

---

Um medico, resentido  
De certo seu offensor,  
Ante um amigo exclamava,  
Todo abrasado em furor :

« Para punir este indigno,  
 Este vil, tomára um raio. »  
 Acode o outro : « Ha um meio  
 Muito mais facil : curai-o. »

---

Pôz-se medico eminente  
 Em voz alta a receitar :  
 « Recipe... » (diz) de repente  
 Grita da cama o doente :  
 « Basta, que mais é matar. »

---

« Fabio, o meu dilecto amigo,  
 (Dizia Alfeo consternado)  
 Dos medicos mais insignes  
 Está já desamparado. »

« Oh! (sahe d'alli um sujeito,  
 De circumspecta presença)  
 Feliz, se o desamparassem  
 No principio da doença! »

---

A.

Que vem do chefe dos Matas  
 Sustenta o doutor Maleitas,  
 E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis?

A.

Com receitas.

Tinha uma dôr muito aguda  
 Um homem. Veio um doutor,  
 E disse : « Com tres regrinhas  
 O livro já d'essa dôr. »

Corre a lançar mão da penna,  
 Eis diz o enfermo a tremer :  
 « Ai! Nada, senhor doutor :  
 Antes penar que morrer. »

Um medico receitou :  
 Subito o recipe veio,  
 Do qual no bucho do enfermo  
 Logo embutio copo e meio.

« Adeos, até amanhã. »  
 (Diz o fôfo professor.)  
 Responde o doente : « Adeos  
 Para sempre, meu doutor. »

Inda novel demandista  
 Um lettrado consultou,  
 Que, depois de cem perguntas,  
 Tal resposta lhe tornou :

« Em Cujacios, em Menochios,  
 Em Pegas, e Ordenação,  
 Em reinícolas, e estranhos  
 Tem carradas da razão.

Sim, sim, por toda essa estante  
 Tem razão, razão de mais. »  
 « Ah! senhor! (o homem replica)  
 Têl-a-hei nos tribunaes? »

---

Certo Averróes quiz no prelo  
 Ver seus aphorismos juntos :  
 Pôz-lhes o editor singelo :  
 « Arte de fazer defuntos. »

---

Disse, em ar de novidade,  
 Lelio, que a rugosa Elvira  
 Sofrêra longa molestia,  
 De que a bem custo surgira.

« Creio : o seu medico é bom. »  
 (Proferio grave pessoa.)

Acode um taful : « E eu sinto  
Que a molestia é que foi boa. »

---

« Ante mim não vales nada :  
(Disse a morte á medicina)  
Eu de tudo quanto existe  
Sou a fatal assassina. »

« Ui! (a mãe dos aphorismos  
Responde á parca amarella)  
Olha a tola! Eu sou o mesmo,  
Mas com mais methodo que ella. »

---

A morte era uma idiota  
Antes de aphorismos ter,  
Mas depois que ha medicina  
Já sabe ler e escrever.

---

A morte um dia enjoou-se  
D'um nome que se abomina;  
Quiz o azedume adoçar-lhe,  
E crismou-se em medicina.

---

A.

Vai curar o doutor Campa  
Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casão?

A.

Recebe-a á hora da morte.

Lavrou chibante receita  
Um doutor com todo o esmero :  
Era para certa moça,  
Que ficou sã como um pero.

« Tão cedo! É milagre! » (assenta  
A mãe, que de gosto chora)  
« Minha mãe, não é milagre :  
Deitei o remedio fóra. »

Rechonchudo franciscano  
Desenrolava um sermão,  
E defronte por acaso  
Lhe ficára um beberrão.

Tratava dos bens celestes,  
Proferindo : « Ouvintes meus,  
Que ditas, que immensa gloria  
Para os justos guarda Deos !

Falsos, momentaneos gostos  
Ha n'este mundo mesquinho;  
Mas nos céos ha bens sem contô... »  
Pergunta o bebado : « E vinho? »

### O BOSQUE DE MARSELHA

Lá junto de Marselha havia um bosque,  
Nunca dos longos seculos violado.  
Co' a rama implexa os arcos denegria,  
Amedrontava o sol co' as altas sombras.  
Nymphas, Sylvanos, Pan, que rege as selvas,  
Alli não têm pôder, a'li só reinão  
Numes que exigem barbaras off'rendas;  
Aras crucis as furias erigirão,  
Roxêa em tronco e tronco o sangue humano.  
Alli, se fé merece a antiguidade,  
Sobre os ramos firmar-se as aves temem,  
Temem as féras acolher-se ás covas,  
Não sôa o vento alli, nem bate o raio,  
Nem folha alguma os zephyros consente :  
Um mudo horror as arvores abrange.  
De origens tórpes negras aguas fervem ;  
Dos deoses mãos os simulacros feios  
Carecem de arte, são informes troncos.  
A mesta pallidez, que os vultos cobre;



A surda corrupção, que os vai roendo,  
Nos absortos mortaes terror infunde;  
Receião numes de apparencia estranha :  
Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta  
Ignorar que poder, que deoses teme!  
Era geral rumor que alli se ouvião  
Mugir as grutas, vacillando a terra,  
Que o derrubado teixo alli soía  
Aos ares outra vez alçar a coma,  
Até sem consumir-se arder o bosque,  
E enroscados dragões silvar nas plantas.

Não dá proximo culto ás aras tristes,  
Nem o infesto lugar frequenta a gente :  
Espavorida o cede aos deoses torvos.  
Quando no etherco cume o sol chammeja,  
Ou quando a opaca noite afêa o polo,  
Dos ritos féros o ministro mesmo  
Teme entranhar-se nas funestas sombras,  
E o senhor encontrar do bosque horrendo.

Cesar ordena que derribe o ferro  
As arvores, que, intactas d'outras guerras,  
E entre altos montes nús encadeadas,  
Do romano arraial surgião perto.

Eis os braços guerreiros estremecem,  
Os fortes corações eis enregela  
Do ermo escuro a terrivel magestade :  
Crêm que, se as sacras arvores ferirem,

Hão de os ferreos, vibrados instrumentos,  
Voltar-se contra os impios que os mençem.

Julio, que do terror os vê tomados,  
Rapido a um d'elles a bipenne arranca;  
Ergue-a, n'um tronco ingente a descarrega,  
Ás cohortes se volve, assim lhes falla :  
« Porque nenhum de vós talhar duvide  
A selva, onde pensais que habitão deoses,  
Crede-me, embora, o réo do sacrilegio. »

Diz; e a pavida turma obediente,  
Sem repellir o horror, succumbe ao mando :  
Teme a ira dos numes, e a de Cesar,  
Porém mais a de Cesar, que a dos numes.

Já nodosos carvalhos cahem por terra,  
Cahem por terra os soberbos, duros olmos;  
No chão baquêa o funebre cypreste,  
Que a lutos não plebêos é consagrado.  
Pela primeira vez, dodoneo bosque,  
Depões a idosa rama, e já sem ella,  
Sem sombra, que te ampare, o dia admittes.  
Mas inda se mantem, cahindo, a selva.  
Com seus restos espessos Gallia geme,  
Olhando o feito audaz; porém reclusa  
A crente mocidade entre as muralhas,  
Exulta : que julgára que serião  
Impunemente os deoses affrontados!

## MAGOAS AMOROSAS DE ELMANO

IDYLLIO.

Que scena tão suave aos amadores!  
Capaz de amenisar o horror da morte,  
Que, de azas negras, me esvoaça em torno!  
Que scena tão suave aos amadores!  
Com brando murmúrio além revôão  
De Venus e de Analia, (iguaes no canto)  
De Venus e de Analia as avesinhas.  
Alli mágoas não ha, não ha saudades,  
Vivem como vivi, como eu não morrem!  
Doce é ver-lhe os desejos innocentes,  
Os momentos de amor! É doce ouvir-lhe  
Ternos gemidos em delicias ternas!  
Unindo os bicos se namorão, se instão,  
Se afagão longamente, e arrulão juntas.  
N'ellas pejo não é, nem crime o gosto,  
O altar da natureza urdio seus laços!  
Ferreo dever, que o sentimento ancêa,  
Dever, algóz de Elmano, algóz de Analia,  
Nos ternos corações lhes não carrega!

Felices passarinhos melindrosos,  
De Analia inveja sois, de Elmano inveja,  
Sois da ternura, e do prazer a imagem.  
Felices passarinhos! Esquecei-vos

Um momento de vós, para lembrar-vos :  
 De dous saudosos, miseros amantes :  
 Vós os vistes viver, morrer de amores,  
 Viste-os mortaes, e parecião numes!

Doces escravos da prisão mais doce  
 (Prisão, que aperto, que eterniso, e beijo!)  
 De Analia com Elmano, escravos ternos,  
 Elle gemendo está, gemei com elle;  
 Ella suspira, suspirai com ella;  
 E na maga inflexão da voz maviosa  
 (Fonte de encantos, de carinhos fonte)  
 Brandura aprenderéis, que apure a vossa,  
 Avesinhas de amor! Não só merecem  
 Dous amantes fieis a vós piedade,  
 Mas piedade aos leões, piedade aos tigres,  
 Piedade á natureza, ao fado, a tudo.  
 Ah! Se alguma de vós logrou mais beijos  
 D'aquella, cujos mimos deleitosos  
 Á vossa candidez eu permittia,  
 E a um deos, e mesmo a um deos os não cedêra;  
 Se algum de vós, ó passarinhos meigos,  
 Entre o ditoso e afogueado enxame  
 Dos pensamentos meus, dos meus desejos,  
 De Analia no sagrado e niveo seio  
 Pousou, e sem morrer gozal-o pôde,  
 E suave embebeu por entre as rosas  
 O biquinho subtil n'um céu de amores;  
 Se encantadora primazia obteve  
 No bem, na gloria de celeste afago :

Por isto, que expressão não tem do mundo,  
Ou de que um ai dos meus sómente é phrase,  
Por isto á venturosa estancia võe,  
Onde o que devo a amor me usurpa o fado :  
Lares demande, que esclarece Analia, .  
Adeje aos campos que florecem d'ella ;  
E quando a vir co' a fantasia absorta  
Na imagem do sem par, mesquinho amante,  
Contando, como os seculos se contão,  
Agros momentos de teimosa ausencia,  
Que os bens do coração lhe some aos olhos,  
Pouse na mão de neve, e gema, e diga :  
(Por milagre de amor) « Eis os suspiros,  
A vida, o ser, o espirito de Elmano.  
Todo é teu, todo é teu : não quer, não pôde  
Ser d'outra, nem de si, nem do destino.  
Amor é mais que o tempo, é mais que o fado :  
Eia, triumphos contra fado e tempo,  
E os premios da constancia d'elle espera.  
Venus, a mãe de Amor, por ti deixamos,  
Idalia por teus lares esquecemos ;  
Ao ver-te a fé, o ardor, nos attrahirão  
Inda mais que os da face, encantos d'alma.  
De Elmano a doce causa é causa nossa :  
Deosa nos olhos, nos sorrisos Deosa,  
Monstro, se o deixão, te fará teu crime. »

Nunca mimosa das saudades minhas,  
De meus suspiros confidente amada,  
Attenta do meu mal na bella origem,

Observa se desmaia, ouve se geme  
Ao som piedoso da mensagem triste :  
Depois traze-me um ai, dá-me um thesouro.

E tu, planta de amor, que tens meu nome,  
Que o tens com mão divina em ti gravado,  
A terra desdenhando, irás aos Numes,  
Por ledó agouro de adoravel boca.  
Aves do Olympo, modulando amores,  
Que Analia sente, como os sente Elnano,  
Que á plebe dos amantes são mysterios,  
Aves mais brandas, mais fieis, mais lindas  
Que as mesmas aves que em Cythera adejão,  
Ilão de, planta ditosa, ornar-te a rama.  
Entre as filhas da luz, ethereas nymphas,  
Ouro, nectar, jasmins, delicias todas,  
O modelo verás dos dons de Analia :  
Nos céos o original, no mundo a cópia  
Competem brandamente, a idéa absorvem ;  
Mas por Analia o coração decide.

Planta, planta de amor, prospera e cresce,  
Dos cedros invejada, os céos penetra ;  
E se foste o que sou, se acaso outr'ora  
Foste amante feliz, ou triste amante,  
Se és ente humano, transformado em tronco,  
De amor por tyrannia, ou por piedade,  
Junto aos versos de Analia acolhe os versos  
Do choroso amator ; soffre-os, não temas  
Contagio n'elles, que te damne e murche.

A mão formosa, que te honrou, que adoro,  
Imprimindo-os em ti, também nos troncos,  
Como nos corações, fará portentos.  
Seu halito de rosas te bafeje :  
Illesa ficarás, e a côr da morte  
(Côr minha) voará do metro amargo,  
Que assim do coração subio aos labios :  
« Do seu bem, do seu nume Elmano ausente,  
Suspirando, morrendo, implora auxilio  
Á mão por que suspira, e por que morre.  
A mão de Analia, que lhe rege os fados,  
No docil tronco, monumento amavel  
De paixão triste, mas fiel e eterna,  
Estes sentidos caracteres lavre :  
Elmano por Analia esmorecia,  
Elmano foi feliz, mas expirando :  
Com ella não viveu, morreu por ella.

Se amas, lê, caminhante, e não lhe chores  
A morte, que lhe foi melhor que a vida. »

---

### A S. A. R. O PRINCIPE

Grão principe, á virtude, á gloria dado,  
Dado a ti mesmo, principe ditoso,  
Cujas leis para nós são leis do fado;

Hoje que teu natal dos céos mimoso  
Biso de um deos, da natureza amores.  
Dourou da rosea aurora o véo formoso:

N'este dia em que os zephyros e as flôres  
Respirão divinaes subtis perfumes,  
Vestem mais lindas, mais ceruleas côres:

N'este dia, em que o sol requinta os lumes,  
E a terra mil delicias alardeia  
Puras, suaves, como tu, e os numes:

Em meu nome, Senhor, e em voz alteia,  
Emquanto o orbe desveste antigos lutos,  
A ti candida musa o vôo alteia:

A ti de gratidão sobem tributos  
Cá d'onde se desparze á sombra tua  
O patrio genio em litterarios fructos.

Já debaixo do arnez o heróe não sua,  
Não teme o cidadão nos tristes lares,  
Já do manto da morte é Lysia nua.

Vouu teu grato incenso além dos ares,  
Em favor do universo ergueste a Jove  
Alma sublime, que merece: l'ares.

Subito á casta off'renda o deos se move,  
E a taça de um metal, que abate o ouro,  
Sobre azedas nações o nectar chove.



Varre a benigna paz diffuso agouro,  
Sciencia, industria, leis desassombradas  
Revolvem, qual outr'ora, o grão thesouro.

Em ocio pendem marciaes espadas,  
E ornão seu ocio altisonas Camenas,  
Da gloria amantes e da gloria amadas.

Teu nome é doce peso ás ageis pennas,  
Com que fitando o céo, por elle abalão  
As molles virações azues e amenas.

Principe, cujos dons nos avassallão  
Mais que um poder celeste, immenso, herdado,  
Dons de bem poucos, que o poder te igualão!

N'este, por teus auspicios decorado,  
Veneravel por ti, por ti brilhante,  
De alta invenção deposito sagrado;

Onde é digno orgão teu, varão prestante,  
Que ao publico baixel, em parte, o leme  
Volve igual proveitoso, e vigilante;

Onde do tempo e morte-as leis não teme,  
Espirito phebêo, canoro, ingente,  
Que vòa e canta como o cysne geme;

Onde illustrado circulo altamente  
Pensa e resolve o que ás sciencias preste,  
E o que é lustrosa patria o brio augmente;

Aqui de estranho adorno se reveste  
Phrase, que elêvo ao solio, que glorias,  
Principe amavel, dadiva celeste.

Acolhe affectos que nas almas crias,  
Honra-me a condição, meu fado emenda,  
E olhos serenos, como o são teus dias,  
Firma na ingenua, respeitosa off'renda.

---

Venus, ao parto vizinha;  
As Parcas foi consultar  
Para conhecer que fructo  
Seu ventre havia brotar.

Uma responde que um seixo;  
Outra que um tigre traidor;  
Terceira que fogo; e tudo  
Confirmou, nascendo Amor.

---

### A' SUBIDA DO CAPITÃO LUNARDI, N'UM BALÃO

Ó lyra festival, por mim votada  
Às aras do prazer e da ternura,  
Nega-te um dia ás graças, á brandura  
De Marilia gentil, da minha amada.

A suave harmonia effeminada,  
 Grata ao mimoso amor, e á formosura,  
 Os molles sons de que a razão murmura,  
 Converte em sons de que a razão se agrada.

Ainda que te atroe o negro bando  
 De torpes gralhas, e a feroz cohorte  
 De inexoraveis zoilos, escumando,

Resôa, applaude, exalta o sabio, o forte,  
 Que, além das altas nuvens assomando,  
 Colheu no Olympto o antidoto da morte.

---

Que brilhante espectáculo pomposo  
 A meus olhos attonitos se off'rece!  
 Da alta Ulysséa o vulgo numeroso  
 Já no amplo fôro de tropel recresce.  
 Sôa o marcio concerto estrepitoso,  
 Que o sangue agita, os animos aquece;  
 Assoma aos ares n'este alegre dia  
 Raro prodigio de arte e de ousadia.

O Tejo as ondas cerulas aplana,  
 Das ledas filhas candidas cercado,  
 Vibra o tridente azul co'a dextra ufana,  
 E rebate a braveza ao norte irado:  
 Contemplando em silencio a audacia humana  
 Indaque a mil portentos costumado,

Quer, encostando a face á urna de ouro,  
Ver brilhar, ó Sciencia, o teu thesouro.

Lá surge ao vasto, ao fluido elemento  
O globo voador ; lá se arrebatá  
Sobre as azas diaphanas do vento,  
E pelo immenso vacuo se dilata.  
O passaro feroz, voraz, cruento,  
Quando rapido vôo aos céos desata,  
Quando as nuvens transcende, e Phebo affronta,  
Da terra mais veloz se não remonta.

Portentoso mortal, que á summa altura  
Vais no ethereo baixel subindo ousado ;  
Que illusão, que prestigio, que loucura  
Te arrisca a fim tremendo e desastrado?  
Teu espirito insano, ah! que procura  
Pela estrada do Olympo alcantilado?  
Não temes, despenhando-te dos ares,  
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?

Não temes (quando evites o espumoso  
Campo, que é dos tufões theatro á guerra)  
Não temes que n'um baque pavoroso  
Teu sangue purpurêe a dura terra?  
Tentas, qual Prometheo, roubar vaidoso  
O sacro lume, que nos céos se encerra?  
Ah! Não, não faças tão medonho ensaio :  
Ou teme o precipicio, ou teme o raio.

Mas para que pasmado e delirante,  
Brados e brados pelos ares lanço,  
Se apenas do phenomeno volante  
Co' a vista perspicaz o vôo alcanço?  
Enquanto grito, o aereo navegante  
Seu rumo segue em placido descanso,  
Munido de sciencia e de constancia,  
Surdo á voz do terror e da ignorancia.

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,  
Eternos no aureo templo da Memoria,  
Syrtes domando, e mares espantosos,  
De assombros mil e mil dourais a historia;  
Mas ir dar leis aos ares espaçosos  
É triumpho maior, e até mais gloria,  
Porque não traz á louca, á cega gente  
Os males de que sois causa innocente.

Lá onde a feia inveja desgrenhada  
Ao merito não move horrivel guerra,  
Nem sobre chusma inerte e desprezada  
Cospe o veneno, as viboras aferra;  
Lá na ditosa e lucida morada,  
Defesa aos vicios de que abunda a terra,  
Guardai da gloria no immortal thesouro  
O nome de Lunardi em lettras de ouro.

Que importa que no centro de Ulysséa  
Á luz, claro varão, não fosses dado?

De um frivolo accidente a louca idéa  
Tenha embora poder no vulgo errado ;  
Que eu te consagro a dadiva phebéa,  
Qual se berço commum nos dêsse o fado ;  
Longe, vãs prevenções de homem grosseiro !  
O sabio é cidadão do mundo inteiro.

Mas tu, cantor de Augusto e de Mecenas,  
Roga a Jove te anime as cinzas frias,  
E de alvo cysne renovando as pennas,  
Desperta o sacro fogo em que fervias ;  
Desce ás montanhas floridas e amenas,  
Onde revivem de Saturno os dias ;  
D'alli canoro entôa o nobre metro,  
E em honra de Lunardi exerce o plectro.

De tornar-lhe perenne a digna fama  
Só tu, só tu convens á grande empreza ;  
Vem vê-lo ardendo em gloriosa chamma,  
Superior ao poder da natureza ;  
Para novos prodigios punge, inflamma  
Seu animo, e, co' a voz em estro acesa,  
Supprê-lhe, ó vate, os bronzes e alabastros :  
Depois com elle voltarás aos astros.

Intrepidós mortaes, oh ! quantos mundos,  
Atégora escondidos e ignorados,  
Ireis pisar, afoutos e jocundos,  
Pelos ethereos campos azulados !

Não fraquejeis, espiritos profundos,  
E na pasmosa machina elevados,  
Ide incensar entre os sidereos lumes  
O congresso immortal dos altos numes.

É pouco para vós o mar e a terra,  
Sim, a mais vos conduz o instincto e a sorte,  
Illustrados varões, emquanto a guerra  
Rouba, estraga, horrorisa o sul e o norte;  
Emquanto as negras furias desencerra  
Do tenebroso inferno a torva morte,  
Vinde á soberba fundação de Ulysses,  
Entre povo feliz viver felices.

Renovai-lhe espectaculos gostosos,  
Exulte a curiosa humanidade  
Sobre os campos de Lysia venturosos,  
Vestidos de serena amenidade :  
Fugí, fugí aos climas desditosos  
Onde, exposta á voraz ferocidade  
De monsiros de impia garra, aguda preza,  
Estremece, desmaia a natureza.

E tu, que da loquaz maledicencia  
Tens açaimado a boca venenosa,  
Tu, que de racionaes, só na apparencia,  
Domaste a mente incredula e teimosa,  
Das fadigas que exige ardua sciencia,  
Em vivas perennaes o premio goza,

E admira em teu louvor estranho e novo  
Unida á voz do sabio a voz do povo.

---

### ARMIA

Já tinha a noite estendido  
O véo de estrellas bordado,  
Estava o campo deserto,  
Mudo o vento, o mar calado :

Quando Elmano, o triste Elmano,  
Para desgraças nascido,  
Suspirava, em amorosos  
Pensamentos embebido.

A lyra, que n'outro tempo  
Sanhudas féras domiava,  
Rochedos embrandecia,  
Turvos ares azulava ;

A lyra, que d'antes fôra  
Recreio e gloria de amor,  
Já não adoçava as mágoas  
Do consternado pastor.



Jazião, pela violencia  
Das paixões e dos destinos,  
Rotas as cordas brilhantes  
Que espalharão sons divinos.

A descorada tristeza,  
Posse do infeliz tomava,  
E viçosas esperanças  
Em desenganos trocava

Armia, a formosa Armia,  
No coração lh'as plantou ;  
Armia, a perfida Armia,  
No coração lh'as murchou.

Seu definhado rebanho  
Em torno d'elle balava,  
Que de si mesmo esquecido,  
Só de Armia se lembrava.

Rouca a voz, pallido o rosto,  
Junto ao Tejo susurrante,  
Pranteava solitario  
D'est'arte o misero amante :

« Echos, que morais nas grutas,  
Ondas, ventos, que dormis,  
Ah! como vos não despertão  
Clamores de um infeliz?!

« Vós, a quem tenho enviado  
Tantas queixas, tantos ais,  
Sois surdos, sois insensíveis,  
Oh! céos, que me não vingais!

« Por vós a traidora Armia  
Jurou de me ser leal :  
Vingai, profanados numes,  
Vosso respeito e meu mal.

« Ah! porque não quiz minh' alma  
Crer nos presagios que ouviu,  
Quando Armia os falsos votos  
N'este lugar proferio !

« Subito as ondas bramirão,  
Todo o ar se ennegreceu,  
Seccou-se aquelle ribeiro,  
Aquella rocha tremeu.

« Horrendo á parte direita  
Funesto corvo grasnou ;  
Tres vezes o ouvi, tres vezes  
Junto de mim revooou.

« Estremeci, mas a ingrata,  
Que me despreza, e me engeita,  
Não palpitou; já vivia  
A taes enganós sujeita.

« Já mil amantes por ella  
Havião sido enganados,  
Já mil vezes tinha ouvido  
Predizer-lh'o a voz dos fados.

« Eu inda então não sabia  
Que o semblante e o coração  
Differem : julguei-lhe a alma  
Pela exterior perfeição.

« Ditoso de mim, se crêra  
No que o céu me annunciou!  
Mas Armia co' um sorriso  
Meus terrores dissipou.

« Em torrentes de delicias  
Engolphado o pensamento,  
Me esqueci de que não póde  
Durar o contentamento.

« Quando os humanos proteges,  
Ó Fortuna, a condição  
Com que outorgas teus favores  
É a curta duração.

« D'esta amargosa verdade  
Posso, posso exemplo ser,  
Eu, que nos olhos de Armia  
Bebi celeste prazer.

« Ah! para que vens pintar-me,  
Para que, fatal memoria,  
Os luminosos instantes  
Da minha perdida gloria?

« Gados, bosques, fontes, penhas,  
Arvoredos, prados, flôres,  
Vós, vós fostes testemunhas  
De meus ditosos amores.

« Quantas vezes no regaço  
Do meu bem, da minha amada,  
Lancei recentes boninas,  
Dons da estação namorada!

« Quantas vezes, ajudado  
Dos amorinhos, com ellas  
Lhe augmentava a formosura  
Das longas madeixas bellas!

« Quantas vezes a teu lado,  
E á sombra do antigo olmeiro,  
Quando o sol se ia sumindo  
Por detrás d'aquelle outeiro,

« Misturei com meus prazeres,  
Falsa Armia, os teus louvores,  
Adormecendo os Favonios,  
Pondo inveja aos mais cantores!

« Ao som da amorosa lyra  
Meus brandos versos voavão :  
Erão teus olhos piedosos  
As musas que me inspiravão.

« Feitos pasmados, absortos,  
De alta gloria os meus enchião :  
Mil desejos me pintavão,  
Mil segredos me dizião!

« Mas n'elles só não fiada,  
Tambem co'a voz maviosa  
(Tingindo-te a face emtanto  
Lindo pejo côr de rosa)

« N'estas fagueiras palavras,  
Cortadas de ternos ais,  
N'estas mimosas palavras,  
Que te não hei de ouvir mais :

« Quando em Armia (affirmavas)  
« Feias traições encontrares,  
« Verás, suspirado amante,  
« Unidos os céos e os mares.

« Só tu, meu bem, me arrebatas  
« A vontade, o pensamento :  
« Vivo de ver-te, de amar-te,  
« E detesto o fingimento.

« Teu coração desafoga,  
« Que entre temores fluctua :  
« Não desconfies, Elmano,  
« Não temas, pastor, sou tua. »

« Cuidei que a voz da verdade  
Soava na voz de Armia...  
Deoses! céos! que horror! que assombro!  
A deshumana mentia!

« Não duraste longamente,  
Encantadora illusão!  
Desfez amarga experiencia  
Os fantasmas da paixão.

« Dareis credito, mortaes,  
Às perfidias que lamento?  
Ó terra, treme; apagai-vos,  
Ó luzes do firmamento.

« Armia, que ser só minha  
Votára ao deos dos amores,  
Recebe, acolhe, premêa  
Mil cultos, mil amadores.

« Cansada já de fingir,  
Me aborrece, me desdenha,  
E em azedar meus tormentos  
Toda a tyrannia empenha.

Aquella, por quem movido  
De ufano, aceso transporte,  
Às vezes me presumia  
Sup'rior ao fado, á morte,

Meus ledos competidores  
Sem pejo, sem susto afaga,  
E pelo rasgado peito  
Me vai dilatando a chaga.

Ai de mim! Nem quer ouvir-me  
Tristes ais, tristes queixumes :  
Manda que soffra calado  
Os devorantes ciumes!

Féro amor, e assim me roubas  
O siso, o prazer e a paz!  
Estes os fructos que off'reces!  
Estes os premios que dás!

Bem como em agra montanha  
Descuidado caminhante,  
Contemplando a face pura  
Do céo risonho e brilhante,

De repente, quando a planta,  
Mover distrahido vai,  
Em precipicio profundo,  
Faltando-lhè a terra, cahe :

Assim do alteroso cume  
Da minha fallaz ventura  
Cahi no medonho abysmo  
Da desgraça e da amargura.

Ah! desleal, que em meus males  
Sacias tua fereza,  
Que estimas ver-me penando  
Entre as garras da tristeza.

Se ninguem seus fados vence,  
Se é meu fado arder por ti,  
Suspirar, morrer de amores...  
Ao menos não seja aqui.

Se a vida que tu condemnas  
A tormentos e anciedades,  
Ilão de roubar-m'a desprezos,  
Antes m'a roubem saudades.

Não posso (ai de mim!) não posso  
Vingar minhas afflicções,  
Proferindo em tua affronta  
Raivosas imprecações.

Não temas que pelos troncos  
Vá teus enganos gravar :  
O terno, infeliz Elmano,  
Nasceu para te adorar.



E a traição, que em tantas almas  
Com raiva, com odio vi,  
Doce ingrata, me parece  
Menos horrorosa em ti.

Adeos, eu parto a sumir-me  
Nas sombras de erma floresta,  
Até perder a cansada  
Vida fatal, que me resta.

Alli dô mocho agoureiro  
Me ha de ser suave o canto,  
Alli, sem que te dê gloria,  
Livre correrá meu pranto :

Alli não verei ao menos  
Desvanecidos rivaes  
A cevar-se em meus martyrios,  
A sorrir-se de meus ais.

Mas ah! se oppostos não fossem  
Os sentimentos em nós,  
Loucos, Elmano podia  
Ser tão feliz como vós.

Vós suspirais pela posse  
Das externas perfeições;  
Vós cobiçais os delcites,  
Eu cobiço os corações.

## LIVRARIA CLASSICA.

Fartai-vos de ouvir mil vezes  
Juramentos de paixão,  
Que profere a voz de Armia,  
Sem que o saiba o coração.

E vós, quando o quiz a sorte,  
Meu prazer, cuidados meus,  
Cordeirinhos, ovelhinhas,  
Amado rebanho, adeos.

Eis para sempre vos deixa  
O vosso infeliz pastor :  
Vai findar seus turvos dias,  
Triste victima de amor.

---

**ADIVINHAÇÕES**

1

Bem que pareço a verdade,  
Torno a verdade illusão :  
Queria o mesmo Apelles  
Ter a minha perfeição.

2

De meu nome no começo  
Inculco ser principal ;

No resto em sombra esmoreço,  
E co' o meu nome total  
Ainda a sombra appetço.

## 3

Que é de mim tudo coberto  
Em parte de mim se entende,  
N'outra parte a vida experto,  
E se inteiro alguém me offende,  
Morre meu dono de certo.

## 4

Haver em mim luzimento  
Depende de qualquer mão;  
Engulo, e não me alimento,  
Porque estranhos, que sustento,  
Comem tudo o que me dão.

## 5

Sendo insensível, de um bruto  
Uso andar acompanhada,  
E sendo sensível fui,  
Ou sou co' um homem ligada.

## 6

Quem me observa, e quem me escuta  
Diversas cousas me crê:  
Sou imperfeita a quem me ouve,  
Sou perfeita a quem me vê.

Amão-me tanto nas sombras  
Quanto na luz se enfastião ;  
Em mim acabão-se muitos,  
Muitos em mim principião.

---

### SONETOS

A certo genealogico de tretas  
Supplicou um Luculo enthusiasmado,  
Para pôr em teliz avelludado  
Armas com prosa, timbre com caretas.

« Sim, senhor ! (diz-lhe o mestre de altas petas  
Folheando um volume arremendado)  
N'este livro aqui só tenho encerrado  
Judias raças, e familias pretas. »

Disse. Toma nas mãos a horrivel broxa,  
Junta um rabo de fogo em mãos sombrias,  
E por timbre de escudo uma carochia.

Põe-lhe em roda com lettras rebranquias :  
« Honor de Abrão, a tribu acende a tocha,  
Celebra a pascoa, espera inda o Messias. »

**A UM HOMEM QUE, MAL SABENDO LER, DIZIA TER FEITO TRINTA  
TRAGEDIAS, QUE NINGUEM VIU**

Tragedia de Tancrêo, rei de Disuria,  
Original em plano, atroz no enredo;  
Tem actos dez, o heróe morre de medo  
Depois de onze minutos de lamuriã :

Tragedia de Rum-rum, sultão da Incuria,  
Que honrar a patria ha de ir um dia cedo;  
Pregão, baração, açoutes e degredo  
Pilha o protogonista e lambe a injuria :

Peça de Gorgorão, rei de Bioco,  
Terra ao norte de Lybia, ao sul do mappa,  
A acção vem nos annaes de Manel Coco.

Eis com que ao Lethes o Aranhico escapa;  
Tem mais sete em borrão, que dentro em pouco  
Aos zangãos do café irão dar papa.

---

Ô nympha, que das graças melindrosas  
Tens na face a lindeza, o riso, as côres,  
Na face, mimos toda, e toda flôres,  
Que é metade jasmins, metade é rosas!

Nympha suave, para quem saudosas  
Dou mágoas mil aos zephyros e amores!

Tu gozas de meus ais, e dos louvores  
De extremado cantor, meu bem, tu gozas.

Em sons (pinceis phébêos), em sons cópia  
Teu rosto, um céo : do original o encanto  
Eis, eis, n'alma em tumulto a imagem cria.

Eu vate, eu amador, não logro tanto !  
Amor fogo me dá, Phebo harmonia :  
E és mais no coração do que és no canto.

---

Ave da morte, que, piando agouros,  
Tingés meus ares de funereo luto!  
Ave da morte (que em teus ais a escuto)  
Meus dias murcharás, mas não meus louros.

Doou-me Phebo aos seculos vindouros ;  
Deponho a flôr da vida, e guardo o fructo ;  
Pagando em vil materia um vão tributo,  
Retenho a posse de immortaes thesouros.

Nome no tempo, e ser na eternidade !  
Que fado ! Ó ponto escuro, assoma embora ;  
Dê-me o piedoso adeos commum saudade ;

E, rindo-me na campa os dons de Flora,  
Mais do que elles a adorne esta verdade .  
« Lysia cantava Elmano, e Lysia o chora. »

---

Resurge vesgo e torto o tal Fred'rico,  
Mestiço nas feições, crespo em melena,  
Tem gesto fanfarrão, alma pequena,  
Mas o peito é flammante, o traço é rico.

Faz caretas ao povo em ar de Nico,  
Co' retrato de um burro avilta a scena,  
Pede chá e café, tinteiro e penna,  
Temo que alguma vez peça abanico.

Estupido tropel co' as mãos o approva,  
Pé merecendo o vandalo guerreiro,  
Que avesso do que foi sahio da cova.

Comico sem sabor ; porém matreiro,  
Pedra philosophal de especie nova,  
Que torna parvoices em dinheiro.

---

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,  
Fragil creaste, ó Deos, a natureza,  
Quizeste que aos encantos da belleza,  
A amorosa paixão fosse ligada.

Ás vezes em seus gastos desmandada,  
Nos excessos desliza-se a fraqueza,  
Fingem-te então com impeto e braveza  
Erguendo contra nós a dextra armada.

Ó almas, sem accordo e sem brandura,  
Falsos órgãos do Eterno! ah!... profanai-o,  
Dando-lhe condição tyranna e dura!

Trovejai, que eu não tremo e não desmaio,  
Se um Deos fulmina os erros da ternura,  
Uma lagrima só lhe apaga o raio.

---

Il n'est de malheureux que les cœurs détrompés.  
VOLTAIRE, *Méropé*, trag

Em vão, para tecer-me um ledo engano,  
Philosopho ostentoso industrias cansa;  
Diz-me em vão que exhalando-se a esperança,  
Repousa na apathia o peito humano.

O nauta a sossobrar no pego insano  
Vê rir ao longe a cerula bonança:  
A mente esperançosa enfreia, amansa  
Os roncões e as bravezas do oceano.

Se nos miseros cahe da mão dos fados  
O negro desengano, eil-os anciosos,  
E á desesperação e á furia dados.

Doutai-nos o porvir, ó céos piedosos!  
Justos céos! dêem sequer jardins sonhados  
As flôres da ventura aos desditosos.

---



Pela voz de trovão corisco intenso  
Clama, que á natureza impera um ente  
Que cinge do aureo dia o véo ridente,  
Que veste de atra noite o manto denso.

Pasmar na immensidade é crer o immenso :  
Tudo em nós o requer, o adora, o sente.  
Provão-te olhos, ouvidos, peito e mente,  
Numen! Eu ouço, eu olho, eu sinto, eu penso.

Tua idéa, ó grão Ser, ó Ser divino,  
Me é vida, se me dão mortal desmaio  
Males que soffro, e males que imagino.

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio :  
Sempre (até das paixões no desatino)  
Tua clemencia amei, temi teu raio.

---

#### OITAVA IMPROVISADA

Ouvio do rei dos reis a voz sagrada  
Da Lusa Monarchia o rei primeiro,  
E aos duros golpes da tremenda espada,  
Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro.  
Alta promessa pelo numen dada  
Manterá Portugal feliz e inteiro;

Voai á guerra, á gloria, illustre gente!  
Um Deos vos chama sua, um Deos não mente.

---

## EPIGRAMMAS

Do Meirel formas querela,  
Porque os dentes te dispensa :  
Não t'os tirou por doença,  
Tirou-t'os só por cautela :  
Bem atalha, quem bem pensa!

---

Ó morte! Para que venças,  
E sorvas em teus abysmos  
Doutor de gordas sentenças,  
São necessarias doenças  
Peiores que os aphorismos.

---

CONGRATULAÇÃO AO PRINCIPE E Á PATRIA, NA PAZ  
UNIVERSAL

Pesavão sobre a terra os ferreos tempos.  
Do facho das Eumenides saltava

Em centelha e centelha um novo crime,  
Estranho aos homens e usual no Averno.  
Ardia o coração da triste Europa  
Em chammas que a discordia reforçava.  
Co' ardor que zune, estala, ondeia, eterno,  
Nas fraguas immortaes do horrivel Pluto  
Peló amplo continente e além dos mares  
Entravão, bravejando, as leis e as furias;  
Ceres espavorida os ermos campos  
Ao numen da matança abandonava;  
De iniquas mãos espolio, o docil bruto,  
Socio fiel do valido colono,  
A robusta cerviz curvava ao ferro,  
A robusta cerviz, que dera ao jugo.  
Era sonho a razão, systema o crime,  
Era fado a crueza, instincto a guerra,  
No attonito, infeliz, sanguineo globo.  
O cháos resurgia, inerte, opaco,  
Do abysmo onde o sumiste, ó ente immenso.

Em horridos baixeis trovões de bronze  
No alto oceano alardeavão mortes :  
O duro Inglez, o despota dos mares,  
Torrente universal de cem victorias,  
Sustinha, represava ao Gallo ovante.  
Albion, portentosa, invulneravel,  
De espumas e trophéos cingida ufana,  
Co' as barreiras equoreas blasonando,  
Às miseras nações atropeladas

Mostrava o brio illeso, immune o scio,  
Da patria o santo amor perenne, intacto.

Delirante ambição de falsa gloria  
Na Gallia turbulenta, e já não culta,  
O peito revolveia aos igneos Martes.  
Nas azas da invasão transpunhão serras;  
Aos rapidos guerreiros se antolhavão  
Valles os Pyrenêos, planicie os Alpes  
(Colossos, que dos céos o peso aturão).  
Ibera vacillou, tremeu Germania,  
As aguias, os leões se acobardarão :  
Iberia, que fez face aos reis do mundo,  
Do mundo á capital, e a gran Germania,  
Que outr' ora as legiões sorveu de Roma,  
Forçando o seu tyranno a dó pesado.

Tu, flôr das regiões, formosa Italia !  
Dos Fabricios, dos Regulos, dos Fabios,  
Dos Brutos, dos Catões, tu mãi, tu nume !  
Oh ! foco da grandeza e do heroismo !  
Rival da Grecia, vencedora, herdeira !  
Viste milagres seus desarreigados  
De teu scio gentil, só digno d'elles !  
Insana usurpação, brutal rapina  
Extorquio, profanou, desfez pórtentos,  
Sacros á furia de hyperboreos monstros,  
Da tragadora idade á furia sacros.  
As mestas artes, co' a melhor na frente,  
(Aquella que os heróes ergue da morte,

E em metro venerando os perpetua)  
 Carpindo-se, abraçando-se, fugião,  
 Teus povos, infeliz, teus cultos povos,  
 Dados ao ferro, á chamma, o céo rasgavão  
 Em lamentos, em ais; saudades tinhão  
 Do sceptro que os Caligulas manchárão  
 Do tempo em que os tyrannos forão deoses.

Ai! Que faria a miseranda Ausonia,  
 Ser ter Camillos, que oppuzesse aos Brennos?  
 Afeito a dardejar tartareas flammás,  
 O Vesuvio pasmou do estranho incendio,  
 E de enorme volcão por entre as fauces  
 Alçando o torvo Dite a fronte adusta,  
 Quanto vira no inferno olhou no mundo.  
 O mundo agonisava... oh! céos! Nem Lysia,  
 A que á sombra de Jove alteia o collo,  
 Nem Lysia se eximio do mal nefando,  
 Lysia de um semi-deos herança e patria!  
 Nos seus, imagem vossa, elysios campos,  
 Já bramia o furor, manava o sangue,  
 Já... mas subito, á voz do Omnipotente,  
 Que os Aquilões nos zephyros converte,  
 Recolhe as azas a procella immensa,  
 Librada sobre o lugubre universo.

Ante o solio, de innumerós luzeiros,  
 Que alumia os salões da eternidade,  
 Teu nome, alto João, e as preces tuas  
 Contra o commum flagello empenhos forão.

« Eia, ministros meus : em risco é Lysia ;  
(D'entre milhões de sóes o Eterno exclama)  
Se a quiz exp'rimentar, salv-a quero.  
A promessa de um Deos não retrocede,  
E d'ella ainda lembrado Ourique exulta.  
O que Affonso escutou, João merece.  
As virtudes do avô melhora o neto :  
Vós sabeis ante mim quanto differe  
O pacifico heróe do heróe guerreiro.  
Momento em que hei fadado a paz do globo,  
Annexo ao p'rigo está, que Lysia corre.  
Ide, espiritos meus, concordia, vòa ;  
Azedos corações adoce o nectar,  
Que entorna em meus jardins manhã sem noite.  
Concurrentes nações, Britannia, Gallia,  
Deponhão timbres vãos, tenaz orgulho,  
Em laço fraternal suffoquem odios,  
De que deixei pender do mundo a sorte.  
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclarão,  
Em penetraes de bronze a mim só francos,  
Do universal contagio o fim permittem.  
Etherea viração comvosco adeje,  
Que varra aos ares do orbe a estygia peste.  
Co'um aceno abysmai no Averno as furias :  
Por ora sobre a terra apenas fiquem  
Os erros dos mortaes, innatos erros,  
Té que os lave o remorso á natureza :  
O commercio prospere, as artes brilhem ;  
Floresça a paz, a industria, a gloria, tudo :  
Os homens o pareção. » Disse, e fez-se.

Emfim, príncipe augusto, emfim, puderão  
Teu rogo, incensos teus dobrar um nome!  
O que ao mundo negou por ti lhe outorga :  
Lysia vale o universo ante seus olhos.  
Imagem do teu Deus, pai do teu povo,  
Inunda o coração dos bens que esparges,  
Exulta, vive, reina, e brando acolhe  
Off'renda que a teus pés depõe submisso  
Quem, dado ás musas, e anhelando a fama,  
Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.









ENC. 2/62WJ

AN

